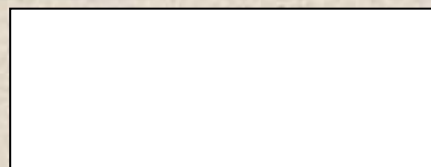
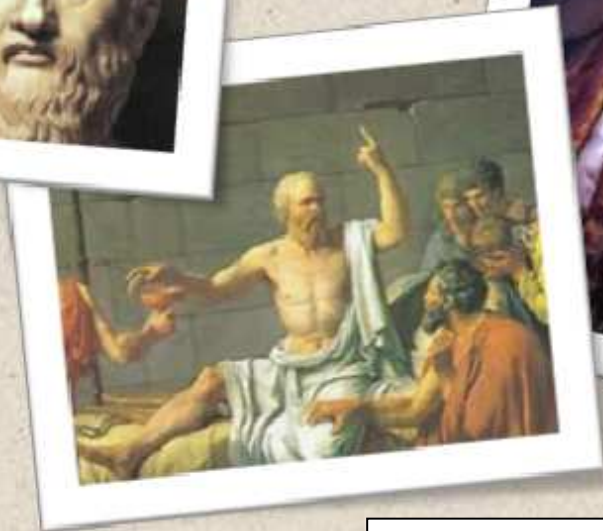


# FILOSOFIA EM ESPIRITISMO

**Material didático  
do  
Portal Espiritismo Ativo**



[espiritismoativo.weebly.com](http://espiritismoativo.weebly.com)

## **FILOSOFIA EM ESPIRITISMO**

### **Equipe Espiritismo Ativo**

Material didático para o curso online

Produção e fornecimento:  
**Portal Espiritismo Ativo**

© 2014 – Brasil

*[espiritismoativo.weebly.com](http://espiritismoativo.weebly.com)*

CURSO ONLINE

# FILOSOFIA EM ESPIRITISMO



*espiritismoativo.weebly*

	<b>PROGRAMA</b>
1ª lição	COGITO, ERGO SUM Constatações primordiais do indivíduo <> Os pobres de espírito
2ª lição	INTRODUÇÃO À FILOSOFIA Conceitos e síntese histórica <> Aquele que se eleva será humilhado
3ª lição	CÂTEDRA FILOSÓFICA Escopo e efeitos práticos da filosofia <> Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes
4ª lição	AURORA DO PENSAR Origem da filosofia <> O Mito da Caverna
5ª lição	A ERA SOCRÁTICA Sócrates e Platão e a Antropologia <> Missão do homem inteligente na Terra
6ª lição	O CRISTO E A FILOSOFIA O Filósofo dos filósofos? <> O Cristo
7ª lição	A ESCOLÁSTICA Cristianismo e a filosofia da Igreja <> O mal e o remédio
8ª lição	PENSAMENTO MODERNO Renascimento – Racionalismo – Iluminismo <> O homem-relógio
9ª lição	MORTE E RESSURREIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE As facetas filosóficas a partir do Século XIX e o Moderno Espiritualismo <> O Evangelho e o futuro
10ª lição	PENSAMENTO FILOSÓFICO Lógica, Pensamento e Verdade <> Pensamento, sentimento e vibração
11ª lição	O CONHECIMENTO Processo cognoscível <> Citações O mandamento maior
12ª lição	EPISTEMOLOGIA MODERNA <> Comunicações
13ª lição	METAFÍSICA E ONTOLOGIA A essência dos seres e do universo <> Do indivíduo como representação coletiva Observador, observação e observado
14ª lição	EVOLUÇÃO DA PEDAGOGIA A Educação do Amor e da autolibertação a serviço de Cristo <> A verdadeira propriedade
15ª lição	ESCOLA DA EVOLUÇÃO Espiritismo filosófico <> Imagine A Geração Nova

# FILOSOFIA EM ESPIRITISMO

# APRESENTAÇÃO

---

Um convite ao bom senso, uma imersão no mar das ideias mais profundas e ao desenvolvimento das nossas próprias capacidades cognitivas, além de procurar alargar o gosto pelo estudo: estas são as razões pelas quais a Equipe Espiritismo Ativo se propôs a elaborar esta obra – inspirada pelos amigos espirituais da Colônia Recanto de Irmãos –, portanto, executando uma das recomendações de Allan Kardec, e mesmo das Entidades superiores colaboradores da Codificação do Espiritismo: “Espíritas, amai-vos e instrui-vos”.

Neste trabalho, apresentamos uma síntese da Filosofia clássica – que é a mãe de todas as Ciências da Terra –, sob uma ótica da Doutrina Espírita – que é a Ciência das ciências, uma vez que o estudo dos Espíritos engloba todos os ramos do conhecimento, sem prejuízo da autonomia de qualquer disciplina, nem exclusão de segmento nenhum, mas que, ao contrário, abraça as leis da Natureza universal, expandindo o conhecimento humano para o além-fronteira.

Se a Filosofia é a matrona do Conhecimento humano, o Espiritismo lhe aconchega com feições paternas.

Um homem pode ser um bom filósofo, e como tal, cremos que seja um homem melhor. Por conseguinte, ser filósofo e ser espírita é, incontestavelmente, potencializar-se, pois a Filosofia com o Espiritismo transcende o conhecimento e a crença: ambas, de mãos dadas, formatam as duas asas – Sabedoria e Caridade –, com as quais o indivíduo alça o voo da sublimação.

Aqui está ressaltado o ensino dos mentores espíritas, cuja pilastra primordial é de faceta filosófica – embora tenha partido da fenomenologia.

“Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará” – disse-nos Jesus, o que justifica nosso intento aqui de abrir portas para o conhecimento.

O que se segue nos apontamentos deste estudo é a constatação mais do que evidente do curso evolutivo do pensamento e intelecto, tal qual a inquebrantável vocação de um rio, a convergir irresistivelmente para a espiritualização do homem – este oceano profícuo –, não obstante empecilhos materiais e de outras ordens. Na maturidade do pensar, na qual atinge, a Humanidade pode doravante dar os primeiros passos para a volitação no espaço multidimensional da espiritualidade.

FILOSOFIA EM ESPIRITISMO é um convite a esse arrebatamento.

**Equipe Espiritismo Ativo**

# PREFÁCIO

---

Caros irmãos:

É com grandioso sentimento de orgulho e imensurável gratidão ao nosso Pai que delegamos à Equipe Luz Espírita<sup>1</sup> a responsabilidade de levar a todos vocês os ensinamentos que nos foi trazido pelo Plano Maior, codificados pelo mestre lionês, Professor Rivail, pseudônimo: Allan Kardec.

Esta pequena obra didática tem por objetivo incentivá-los ao estudo da Filosofia, e mais que isso: desenvolvê-la dentro de cada um de vocês, para que o amor pelo Conhecimento esteja sempre presente em vossas almas, pois, de outro modo, não poderíamos desenvolver a fé raciocinada, a qual propõe nossa Doutrina – que nos dias correntes está tão em voga.

Entendamos que todas as manifestações da espiritualidade superior nos convidam a uma ação imediata de nossa parte, ação esta, fundamentada unicamente na Lei de Amor trazida por nosso Mestre Jesus.

O conteúdo, ao qual os irmãos tomam em mãos, é fruto de inúmeros encontros oníricos e de ideias inatas de nossos irmãos. Nós, da espiritualidade, apenas direcionamos nossos irmãos no sentido de auxiliá-los na organização das ideias, não lhes usurpando o mérito da obra.

Neste material, os amigos da caminhada encontrarão mais que um discurso filosófico: encontrarão as verdades que há muito nos foram ensinadas por Jesus e que a humanidade, em sua detida infância, ainda não compreendeu totalmente, mas que, indiscutivelmente, tem caminhado para os braços do Pai, porque Ele assim deseja, pois, em Sua infinita Sabedoria e Bondade, nos criou com todo amor e para o amor.

Aqui, meus amados irmãos, perceberemos que o clichê de que falseamos a condição de virtuosos não é bem verdadeiro; que esta é somente uma visão contraproducente da condição humana, já que somos todos essencialmente divinos, e, assim sendo, usamos máscaras quando nos afastamos da divindade.

Desejo aos irmãos um ótimo aprendizado. Que o conteúdo ofertado seja útil na caminhada de cada um de vocês!

**Irmã Margarida**

Colônia Recanto dos Irmãos

Mensagem psicografada por Wilton Oliver, em 26 de fevereiro de 2011.

---

<sup>1</sup> O Portal Espiritismo Ativo surgiu de trabalhadores que fundaram o Portal Espiritismo Ativo que foi fundado em 2014 por inspiração de benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos. Além disso, o Portal Espiritismo Ativo conta com a autorização expressa dos elaboradores deste material, assim como pela diretoria do Portal Luz Espírita para divulgação desta obra.



# COGITO, ERGO SUM

## CONSTATAÇÕES PRIMORDIAIS DO INDIVÍDUO

---

### 1 – BASE CARTESIANA

Na obra “DISCURSO DO MÉTODO”, René Descartes – considerado o propulsor da Filosofia Moderna – elabora um novo processo filosófico generalizado para conduzir seu pensamento e chegar à verdade essencial das coisas (até onde possível), tendo como base o racionalismo, com fundamento matemático, que vise exclusão de possibilidades de erro.

O método parte da **autoridade da razão** – em contrapartida às tradições antecedentes, subordinadas às ordens eclesiásticas (influência religiosa) e, ou, políticas. Mesmo as percepções dos sentidos são postas em dúvidas (desacreditar até do que os ouvidos ouvem, do que os olhos enxergam etc.) – tudo deve ser passado pelo crivo da razão.

O processo, dividido em quatro partes consiste em:

- 1) Coletar e peneirar as ideias tidas como certas;
- 2) Dividir em tantas categorias quanto possível e necessário for para facilitar a análise (um princípio admitido pela Biologia, por exemplo, para ser verdadeiro, carece estar em harmonia com as demais disciplinas);
- 3) Sintetizar as conclusões, partindo do mais simples e fácil ao mais complexo e difícil;
- 4) Revisar e ordenar minuciosamente as conclusões, garantindo a coesão geral do pensamento, eliminando quaisquer controvérsias.

A captação das ideias se dá por recursos práticos, tais como:

- **Indução:** processo de raciocínio pelo qual um conceito ou experiência particular é generalizada, partindo do efeito para a causa, observando as partes para chegar à ideia de um todo. Exemplo:  
*Provei um caqui do meu pomar e constatei que era doce. (particular)*  
*Os caquis do meu pomar são doces. (universal)*
- **Dedução:** processo de raciocínio pelo qual se extrai conclusões de uma ideia universal para o particular mediante as premissas dadas. Exemplo:  
*Os alimentos são nutritivos. (premissa universal)*  
*Caqui é uma fruta. (premissa particular)*  
*Caqui é nutritivo. (dedução)*
- **Enumeração:** revisão e reelaboração dos conceitos (se as induções e deduções aplicadas convergem para uma lógica concreta), pois, por exemplo, pode haver algum caqui no pomar que não seja doce; o valor nutritivo de um determinado caqui está condicionado a fatores, por exemplo, como a sua conservação.

### 2 – REALIDADE E VERDADE

Os fundamentos cartesianos implicam na ideia de que o **real** e o **verdadeiro** partem da



concepção íntima de cada um. O resultado é que, individualmente, realidades e verdades coexistem, sendo harmoniosas ou contraditórias, entre os seres, conforme as ideias particulares destes (cada qual constrói o seu próprio mundo), sendo que essas ideias dependem das capacidades e virtudes já alcançadas por cada sujeito (como: inteligência, ponderação, interesse, perseverança, etc.).

No entanto, pelo fato de haver elementos universais – comuns para todos, sem contestação – (por exemplo, a vida, o tempo, a matemática, o Universo, etc.), Descartes considerou haver a legítima Realidade e a Verdade natural, independentemente da percepção e fé dos indivíduos (o Sol é um fato, ainda que haja quem não o veja e quem duvide dele).

Na contramão dos idealistas de seu tempo, o referido filósofo acreditava em Deus e Lhe imputava a fonte universal da realidade e da verdade, dispondo seu método como mecanismo de aquisição do conhecimento, admitindo assim o processo de evolução consciencial, partindo da proposta Maiêutica do grego Sócrates – um dos fundadores da Filosofia clássica – para o “**conhece-te a ti mesmo**” (*nosce te ipsum*).

### 3 – PENSO, LOGO EXISTO!

Ainda de acordo com a obra de Descartes – que iniciou sua tese questionando sua própria existência –, encontramos a constatação maior, celebrizada pela expressão: “Penso, logo existo” (bastante difundida em latim: “*Cogito, ergo sum*”, embora o texto original tenha sido escrito em francês: “*Je pense, donc jê suis*”).

“Mas imediatamente que eu observava isso, que os pensamentos de sonho se confundem com a realidade, ainda assim eu desejava pensar que tudo era falso, era absolutamente necessário que eu, quem pensa, seja algo; e enquanto eu observava que isso é verdadeiro, eu penso, logo existo, era tão certo e tão evidente que (...) eu aceitei este como primeiro princípio de filosofia, que eu estava refletindo.”

**Descartes**  
(DISCURSO DO MÉTODO)

O pensamento – seja qual for seu caráter –, propósito ou extensão, por si só, prova a existência do homem e estabelece a essência do seu ser, ou seja, o que quer que seja o indivíduo, ele reconhece a si mesmo pelo próprio pensamento. A partir de então, nasce sua percepção à vida.

### 4 – CONSTATAÇÕES PRIMORDIAIS

Posteriormente à primeira constatação – **ser** (da própria existência) –, o indivíduo volta-se para o seu **estar**, sob aspectos diversos, tais como:

- **Estar temporal:** com a sucessão de pensamentos, depara-se com o tempo (presente, passado e futuro), o que implica em questões primordiais como a busca pela sua origem e destino.
- **Estar espacial:** embora o pensamento seja o princípio cognoscível do ser, o indivíduo compreende sua natureza física a que está preso – ainda que momentaneamente –, em sua colocação no espaço dimensional;
- **Estar fisiológico:** o aspecto anterior implica em que o indivíduo absorva sensações mediante necessidades físicas e desejos instintivos (fome, fadiga, frio, etc.);
- **Estar emotivo:** consciente ou não, voluntária ou involuntariamente, o indivíduo experimenta emoções (prazer, descontentamento, ansiedade, medo, etc.);
- **Estar intelectual:** fora os pensamentos involuntários e ocultos (do subconsciente) a

pessoa pode dar rumos ao pensamento (pela consciência).

A terceira constatação diz respeito à existência de um universo exterior, no qual o ser está inserido e onde é ao mesmo tempo ativo e passivo. Universo este composto – à primeira vista – de três naturezas: **seres inanimados** (coisas que não têm vida própria e só existem mediante a percepção do homem), **semelhantes** (humanos vivos e racionais, tais como este indivíduo) e **seres animados menores** (os animais, que são irracionais),

Por essa lógica, uma pedra (ser inanimado) não existe por si própria, já que não pensa e não tem consciência de sua existência; ela é real para a percepção de um ser vivo (alguém que a veja, a toque ou a idealize). É diferente de uma segunda pessoa: esta já não é uma simples concepção do primeiro indivíduo, pois é racionalmente independente e igualmente atuante neste mesmo Universo, onde as ações individuais reagem num todo, conforme determinado grau dessas atitudes.

Os animais, embora vitalizados, são intelectualmente muito inferiores ao gênero humano. Ainda que demonstrem certa inteligência na condução de seus movimentos instintivos, não apresentam emotividade – pelo menos de forma apurada tal qual o homem –, e não têm consciência de si. Logo, se não pensam (conforme as condições supracitadas), não existem senão pela percepção de uma entidade racional, conquanto – mesmo sem noção dos seus atos – os animais também atuem na vivência universal.

## 5 – INSTINTO EVOLUTIVO

O indivíduo sente uma necessidade instintiva de explorar o seu **eu** (o que deveria ser prioridade) e também do universo ao seu redor (que normalmente acaba sendo priorizado), de se qualificar, de evoluir. E conforme mostra a História, esta progressão se dá através de um processo crescente: do estado fisiológico primitivo (semelhante ao comportamento animal), ao estado emotivo (gozo materialista e individualista) para o estado filosófico (democrático e solidário com seus semelhantes).

Por serem atuantes no mesmo universo externo, que os acolhe, os indivíduos apreendem cada vez mais a correlação existencial entre eles – afinal, a começar pelo processo de reprodução (na dimensão carnal), os seres humanos são sempre dependentes uns de outros. Com isso, de certa forma, a progressão individual se processa dentro do coletivo.

Pelo afloramento intelectual, cada ser desenvolve a ideia de que, semelhante ao que ocorre com a coletividade, pode progredir, conforme o silogismo:

*Os homens (humanos) evoluem.*

*Eu sou humano.*

*Eu evoluo.*

Então, pela experiência, observação, raciocínio, criatividade e utilização dos recursos do indivíduo coletivo (conhecimentos adquiridos pela humanidade), a individualidade encontra meios de promover sua evolução particular. De forma prática, o ser cognoscível absorve a noção de que, tendo o exemplo vivido pelos semelhantes, não precisa necessariamente ele próprio passar por cada experiência possível, a fim de aprender as minúcias de certas circunstâncias.

A Filosofia – mãe de todas as ciências – surge em tal caso, como uma alternativa para esse autodescobrimento e do conhecimento do que está ao nosso redor. Contudo, sendo uma disciplina humana, é limitada, até mesmo pelos seus próprios métodos e instrumentos, gerando seus dédalos, labirintos insolúveis, uma vez que a Verdade universal não seja palpável apenas pelo entendimento humano.

Complementar à Filosofia, a humanidade recebeu a Doutrina Espírita, que rompe essa limitação (da esfera material) e nos encaminha à compreensão da vida espiritual (nosso *habitat*

fundamental) e, por conseguinte, à fonte essencial – que é Deus.

## 6 – FILOSOFIA PRÁTICA

Máximas filosóficas são fartamente distribuídas mundo afora, das quais citamos esta:

“Viver é a coisa mais rara deste mundo. A maioria das pessoas apenas existe.”

**Oscar Wilde**

É uma frase polida, sem dúvida, e nos inspira a vivermos intensamente. Porém, em certos momentos, quando pegos pela pressão cotidiana, há quem ridicularize tais axiomas e as intitulem de “filosofia barata” – formosa, mas improdutivo.

A questão é: recebemos a frase e a julgamos com a devida acuidade, para sermos capazes de qualificá-la como “bonita” e “improdutivo”? Além do mais, o que é viver? O que é raridade? O que é existir? Se pensarmos filosoficamente, concordaremos com a sentença? E uma vez que a tomemos por bonita e válida, poder-se-á reformular esses adjetivos?

O que a Filosofia nos propõe é uma reflexão técnica para que possamos **pensar, falar e agir** com racionalidade, desprendendo-nos do que é infrutífero e nos impulsionando a uma vida intensa e útil. Destarte, não pode haver “filosofia barata”.

A contribuição filosófica do Espiritismo é, entre tantas coisas, a de ampliar os horizontes, quando, por exemplo: numa visão prática, desmistifica o que antes era imputado sobrenatural (Espírito, mediunidade, etc.); numa visão conceitual, acentua valores espirituais – intelectuais e morais, guiados pela perfeição divina –, nos admoestando para um proveito coletivo das potencialidades pessoais, de forma a colaborarmos com nossos semelhantes e com nosso meio ambiente – numa palavra: Sabedoria com Caridade.

“Os adversários do Espiritismo desconhecem tudo a respeito e fazem tremenda confusão. Os próprios espíritas, por sua vez, na sua esmagadora maioria estão na mesma situação. Por quê? É fácil explicar. Os adversários partem do preconceito e agem por precipitação. Os espíritas em geral fazem o mesmo: formularam uma ideia pessoal da Doutrina, um estereótipo mental a que se apegaram. A maioria, dos dois lados, se esquece desta coisa importante: o Espiritismo é uma doutrina que existe nos livros e precisa ser estudada. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita”.

**José Herculano Pires**

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA – Cap. II, Item 2

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** “DISCURSO DO MÉTODO”, de René Descartes.

# ANEXO

## OS POBRES DE ESPÍRITO

*“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus”.*

*Jesus* (Mateus, 5:3)

Os ateus zombaram deste dito: Bem-aventurados os pobres de espírito, como têm zombado de muitas outras coisas que não compreendem. Por “pobres de espírito” Jesus não considera os fatos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o reino dos céus e não para os orgulhosos.

Os homens de sabedoria e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente um conceito tão alto de si próprios e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de sua atenção. Concentrando sobre si mesmos os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus. Essa tendência, de se acreditarem superiores a tudo, muitas vezes os leva a negar aquilo que, estando-lhes acima, os rebaixaria, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se concordam em admiti-la, contestam-lhe um dos mais belos atributos: a ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que eles são suficientes para bem governá-lo.

Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a compreender tudo, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem.

Quando se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência sobre-humana, não é que isso esteja fora do alcance do alcance deles; é que o orgulho se lhes revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam se colocar e que os faria descer do pedestal onde se contemplam. Daí só terem sorrisos irônicos para tudo o que não pertence ao mundo visível e palpável. Eles se acham espírito e sabedoria em tão grande cópia, que não podem crer em coisas boas apenas para gente simples – segundo pensam – tendo por pobres de espírito os que as tomam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, será preciso que eles entrem nesse mundo invisível de que zombam, como os outros entrarão. É lá que seus olhos se abrirão e eles reconhecerão o erro em que caíram. Mas Deus, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente obedeceu às leis, nem os recompensar em partes iguais. Dizendo que o reino dos céus é dos simples, Jesus quis significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a simplicidade de coração e humildade de espírito; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que afastam a criatura dele, e isso por uma razão muito natural: a de a humildade ser um ato de obediência a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele. Logo, mais vale, para felicidade do seu futuro, que o homem seja pobre em espírito, conforme o mundo o considera, e rico em qualidades morais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VII, Itens 1 e 2

# INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

## CONCEITOS E SÍNTESE HISTÓRICA

---

### 1 – CONCEITUAÇÃO

Etimologicamente, **Filosofia** quer dizer “*amor pela sabedoria*”, vindo do grego: *philias* = *amor fraterno, amizade, respeito*; *sophia* = *sabedoria, conhecimento*. Segundo a tradição, a origem dessa palavra, ou pelo menos a consagração de seu uso, é atribuída ao sábio matemático grego Pitágoras, que viveu por volta do século V a. C.. Mas o surgimento da Filosofia transcende a datação.

“A origem da Filosofia estaria no primeiro pensamento do primeiro homem que filosofou, evidenciando a existência de um eu filosofante, cujo ato consiste na atualização da potência que lhe corresponde”.

Manoel P. São Marcos

NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA – I Parte – *A Origem da filosofia*

Segundo Platão, “Filosofia é o uso da sabedoria em proveito do homem”. Aqui e acolá, encontramos definições que variam em torno de: “gosto obstinado pelo saber em prol de uma aplicação útil”, “ciência que processa racionalmente as ideias”, “método coerente de se chegar ao conhecimento universal mediante ciências particulares”. De forma sintética, digamos que é o estudo geral sobre a natureza de todas as coisas e suas relações entre si; os valores, o sentido, os fatos e princípios gerais da existência, bem como a conduta e destino do homem.

No entanto, há quem defenda que a Filosofia não possa ser definida em sua totalidade a ponto de satisfazer a todos. Então, certos filósofos preferem usar de construções poéticas para conceituá-la, tal como nestas máximas:

“A Filosofia é uma espécie de terapia através da qual o sujeito, embaralhado pela metafísica, volta a utilizar as palavras no seu sentido empírico”.

Ludwig Wittgenstein

“O que é Filosofia? – A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”.

Marilena Chaui

Como disciplina, é uma constante atualização e reformulação de si mesma, para si mesma, em que o filósofo, por conseguinte, é aquele que ama, deseja e busca a Sabedoria, como mecanismo para sua construção intelectual, rumo à felicidade.

### 2 – ORIGEM E CRONOLOGIA BÁSICA

A compreensão da Filosofia inicia-se pelo estudo de sua História.

Há registros históricos de tradições filosóficas oriundas de diversos povos, tais como a

filosofia indiana e a filosofia chinesa. No entanto, a Filosofia tal qual a conhecemos hoje teve origem na Grécia, entre os séculos VII e VI antes de Cristo, quando os pensadores buscaram respostas racionais para questões essenciais do indivíduo e do mundo fora da mitologia – recurso elementar que explicava os fenômenos naturais mediante ingredientes de procedência cultural, folclórica e religiosa.

Sua linha do tempo é dividida primeiramente em duas partes, tendo Sócrates como referência – considerando-se o escopo das ideias e não a cronologia (pois alguns pré-socráticos vieram até depois de Sócrates) –, a saber:

- **Período pré-socrático:** caracteriza-se pela busca do princípio e organização das coisas físicas (Cosmologia), por isso seus pensadores são chamados de naturalistas. Alguns de seus expoentes: Tales de Mileto (considerado o primeiro filósofo), Anaxímenes, Heráclito, Pitágoras, Zenão de Eléia, Anaxágoras, etc.
- **Período pós-socrático:** inaugurada por Sócrates, volta-se para a investigação das questões humanas e da aplicação da ética. Destaque para Platão e Aristóteles.

Tradicionalmente, suas fases cronológicas são:

- **Antiga:** desde o nascimento da Filosofia na Grécia, passando por sua expansão pelos romanos, entre os séculos V a.C. e V d.C.
- **Medieval:** quando o Cristianismo (sob a tutela da Igreja Católica) recorre aos fundamentos da filosofia grega para estabelecer a base teórica da sua crença – corrente intitulada de **Escolástica** –, cujos principais expoentes são Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Classicamente, é uma fase improfícua, dado que o pensamento é cerceado pelo absolutismo religioso. Essa tendência perdurou até o século XV.
- **Moderna:** é a fase da iluminação humana, do desabrochar das ciências e seus métodos e técnicas, libertando-se da subordinação religiosa, em concomitância com as grandes revoluções sociais. Eis alguns pensadores modernos: Descartes, Copérnico, Galileu Galilei, Francis Bacon, Pascal, Thomas Hobbes, Espinosa, Leibniz, John Locke, Berkeley, David Hume e Immanuel Kant.
- **Contemporânea:** contada a partir de meados do século XX até os dias atuais, sem uma definição conclusiva porquanto está em formação, mas que tende a revisar conceitos da própria Filosofia e a questionar mais fortemente o fator social e demandas no processo de civilização (principalmente em virtude do acelerado processo da globalização). Realce para Jean-Paul Sartre, Max Weber, Bertrand Russell, Wittgenstein, Heidegger e Donald Davidson.

Convém, no entanto, não absorver com rigor as datas e as tendências das correntes filosóficas. De modo que, observamos as linhas de pensamentos se entrelaçarem, como numa série cíclica de reelaboração das mesmas ideias em contextos circunstanciais.

Contudo, de uma maneira pragmática, podemos sondar a compreensão dessa evolução do pensamento conforme a seguinte exposição de José Herculano Pires:

“A História da Filosofia é um continuum, que nasce da primeira indagação do homem sobre a Natureza e depois sobre a vida e sobre ele mesmo. Da Magia à Religião e desta à Filosofia o pensamento se desenrola numa sequência ininterrupta de formulações pessoais que se encadeiam em processo dialético. (...) Na primeira paralela temos a sequência Magia-Religião, que se desenvolve no plano da afetividade. Na segunda paralela temos a sequência Experiência-Ciência--Filosofia, que se desenvolve no plano da razão. Entre as duas, interligando o fluido do sentimento e da razão, temos a faixa de terra da práxis, onde o homem opera desenvolvendo a sua capacidade de manusear as coisas e os seres.”

### 3 – DIVISÕES OBJETIVAS

Costuma-se dividir a Filosofia, observando seu objetivo, em:

- **Lógica:** estudo da argumentação racional e coerente por meios de se preservar a verdade das ideias inválidas.
- **Metafísica:** numa abordagem simplista, estuda o que está além da matéria e transcende os sentidos físicos: a essência e realidade do ser (ontologia) e da Divindade (teologia).
- **Epistemologia:** estudo sistemático do conhecimento e métodos teóricos para seu processamento.
- **Ética:** estudo do bem (certo) e do mal (errado) e sua aplicação prática.
- **Estética:** estudo das artes e do belo.

### 4 – COMPLEMENTO ESPÍRITA

Porquanto a Filosofia comum investiga o conhecimento através de métodos e sistemas de natureza humana, ela própria se limita e, portanto, torna-se incapaz de solucionar todos os imbróglis decorrentes da sua argumentação, ao mesmo passo que rejeita qualquer força fora de seu escopo (é o caso de revelações espirituais).

Provando a conexão homem-Espírito, o Espiritismo transcende a Filosofia e a Ciência clássica, inaugurando uma nova plataforma de exploração – ou descobre, uma vez que ela sempre existiu dentro do ciclo filosófico –, pela qual a revelação é admitida, uma vez que provém do mesmo Universo natural, desembaraçado do misticismo, desde quando demonstre coerência sistemática.

A revelação dos Espíritos vem complementar a Filosofia – sem anulá-la – trazendo, à luz da razão, os fundamentos da Vida Espiritual, preexiste e sobrevivente à realidade carnal.

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.”

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 16)

A Doutrina Espírita não se subordina à Ciência a ponto de se tornar dependente, pois as disciplinas humanas são incapazes de autenticar as manifestações espirituais. Mas o Espiritismo permite ser analisado pela Filosofia comum, tal como tem sido feito, sem que nenhuma incoerência tenha sido flagrada.

Tomemos como demonstração prática o fenômeno das mesas girantes, em que o móvel saltava aleatoriamente, variando de direção e intensidade dos movimentos: não sendo o objeto (a mesa) capaz de mover-se por vontade própria, haveria de ser passiva de ação externa. Se

esse agente fosse de natureza física (como uma ventania, força da gravidade, eletricidade, etc.), logo, poderia ser argumentada pela ciência. Pelo fato desse agente ser de natureza metafísica (no caso, um Espírito), logicamente que as regras científicas ordinárias não podem tocá-la. Uma vez que os próprios Espíritos se apresentaram – e teorizaram a ação causadora dos fenômenos, então os estudiosos puderam perscrutar essa versão e, ainda que não se sintam á vontade para sancioná-la, pelo menos não podem negá-la, pois que há uma perfeita coesão de ideias com os efeitos reais.

E se da parte científica (experimentação dos fenômenos) não se encontra nenhuma controvérsia na teoria espírita, tampouco há reprovação contundente da Filosofia dos Espíritos (afora por proselitismo religioso), cuja moral cristã é seu norte.

O próprio processo de codificação do Espiritismo, por Allan Kardec, fez uso da Filosofia clássica e dos sistemas científicos convencionais:

“Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.”

**Allan Kardec**

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 2ª parte – ‘A minha primeira iniciação ao Espiritismo’)

Conscientizando-se de que a Verdade não se limite à natureza humana, o estudo da Filosofia com a contribuição do Espiritismo fornece a mais perfeita ferramenta de elevação da Humanidade. E vemos acontecer, pouco a pouco, esse casamento, através do avanço de pesquisas científicas – por exemplo, a cerca de: Experiência de Quase Morte (EQM), Transcomunicação Instrumental (TCI), da Terapia de Regressão de Memória, precognição, Física Quântica, etc.) e da evangelização.

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Textos:** História da Filosofia.

**Livro:** “INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA”, José Herculano Pires;  
“O QUE É ISTO – A FILOSOFIA?”, de Martin Heidegger.



# ANEXO

## AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ HUMILHADO

*“Quando forem convidados para as festas, não tomem o primeiro lugar, para que não aconteça que, havendo entre os convidados uma pessoa mais considerada do que vocês, aquele que os convidou venha a lhes dizer: ‘dê o seu lugar a este’, e vocês se vejam constrangidos a ocupar, cheios de vergonha, o último lugar. Quando forem convidados, coloquem-se no último lugar, a fim de que, quando aquele que os convidou chegar, lhes diga: ‘meu amigo, venha mais para cima’. Isso então será para vocês um motivo de glória, diante de todos os que estiverem com vocês à mesa; pois todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado”.*

*Jesus* (Lucas, 14: 7 a 11)

Estes ditados decorrem do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que ele formulou assim: “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois o reino dos céus lhes pertence”. Ele toma uma criança como tipo da simplicidade de coração e diz: “Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade”.

A mesma ideia fundamental se oferece a nós nesta outra máxima: Seja seu servidor aquele que quiser tornar-se o maior, e nesta outra: Aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se elevar será rebaixado.

O Espiritismo aprova a teoria pelo exemplo prático, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra; e muitas vezes, bem pequenos os que eram os maiores e os mais poderosos na Terra. E que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no céu e que não se perde nunca: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que lhes constituía a grandeza terrena e que se não leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do nascimento. Nada mais possuindo senão isso, eles chegam ao outro mundo privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservaram apenas o orgulho que mais humilhante lhes torna a nova posição, pois veem colocados acima de si e resplandecentes de glória os que eles na Terra subestimaram.

O Espiritismo aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais insignificantes condições, desde que o orgulho e a ambição os tenham dominado. Então, não procurem na Terra os primeiros lugares, nem se coloquem acima dos outros, se não quiserem ser obrigados a descer. Ao contrário, busquem o lugar mais humilde e mais modesto, pois Deus saberá lhes dar um mais elevado no céu, se o merecerem.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VII, Itens 5 e 6

# CÁTEDRA FILOSÓFICA

## ESCOPO E EFEITOS PRÁTICOS DA FILOSOFIA

---

### 1 – ESCOPO DO FILOSOFAR

A atitude filosófica – quer dizer, filosofar – consiste em questionar, investigar e analisar tudo mediante um desejo de realmente querer saber. Para tanto, é preciso desprender-se de preconceitos e tendências íntimas ou por inferência externa. Romper assim com os paradigmas, as teorias prontas, dogmas e duvidar até mesmo do que é dito incontestável.

Por muito tempo a humanidade toda foi conduzida por uma casta exploradora que bem se serviu dessa indução para fins nem sempre benéficos ao povo geral. Todavia, a Filosofia veio para esse despertar individual, primeiramente, para depois refletir no coletivo. Esta é a função filosófica.

O pensamento crítico é assim, de início, **negativo**: nega tudo e parte do zero para processar seu trabalho. Por isso, Sócrates celebrou a frase “só sei que nada sei”. No processamento, o filósofo pega os subsídios que compõem uma ideia geral e esmiúça cada um desses elementos submetendo-os a um rigoroso exame da verdade (“o que”, “como” e “por que”) até que possa afirmar, sem titubear – “eu digo...” ao invés de “eu acho...”. Desta maneira, a Filosofia torna o negativo em **positivo**, através de seu procedimento sistemático que alvitra os meios para essa análise segura – pensar, falar e agir –, sempre considerando a visão holística das ideias.

O conhecimento é fragmentado entre as várias ciências, pois cada uma se ocupa somente de uma pequena parte do real. As afirmações de cada uma delas são chamadas juízos de realidade, uma vez que se referem aos fenômenos e pretendem mostrar como estes ocorrem e como se relacionam com outros fenômenos.

(...) A filosofia trata dessa mesma realidade, mas, em vez de fragmentá-la em conhecimentos particulares, toma-a como totalidade de fenômenos, ou seja, considera a realidade a partir de uma visão de conjunto. Qualquer que seja o problema, a reflexão filosófica considera cada um de seus aspectos, relacionando-o ao contexto dentro do qual ele se insere e restabelecendo a integridade do universo humano.

Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins  
TEMAS DE FILOSOFIA – Cap 6

Esta a atitude de Allan Kardec frente aos fenômenos espíritas. E ao contrário da opinião leiga de que a obra kardequiana passava de artes místicas e, por conseguinte, recoberta de conceitos inalcançáveis, o mestre lionês foi buscar a razão das manifestações até chegar à Filosofia Espírita.

### 2 – RAZÃO FILOSÓFICA E RAZÃO CIENTÍFICA

A atualidade ainda questiona a conveniência da Filosofia, baseando-se na observação da consagração das disciplinas (Física, Geografia, Medicina, Psicologia, etc.). No princípio,

todo o estudo do conhecimento estava generalizado na Filosofia, porém, com a ramificação das especialidades, cada ciência foi emancipando-se, como filhos que alcançam a maturidade e esvaziam a casa materna. A Filosofia, aparentemente, perdeu seu prestígio.

“Tem-se comumente a ideia que o filósofo é aquele que divaga em questões abstratas, desconectadas da vida cotidiana com um discurso que não diz respeito aos interesses da maioria. Ao cientista, pelo contrário, atribui-se a imagem de um pesquisador confinado em seu laboratório preocupado com problemas práticos, imbuído na elaboração de um saber útil. No entanto, podemos questionar: até que ponto o saber filosófico não é operacional, ou seja, não tem utilidade; e o quanto o saber científico está próximo das expectativas práticas? Quais são objetivamente as diferenças entre a filosofia e a ciência?”

(FILOSOFIA, Ensino Médio – Secretaria da Educação do Estado do Paraná)

O emprego prático das disciplinas emancipadas se expandiu, ramificando-se e evidenciando seus frutos, o que ocasionalmente não se vê com a Filosofia. Por exemplo: da Matemática se extraiu Geometria, a Engenharia, o sistema monetário, e a mecânica quântica, entre outros, cujos efeitos no nosso cotidiano são tão imprescindíveis quanto inquestionáveis.

Além, por incontáveis ocasiões, sua cátedra foi posta em discussão acerca da insolubilidade de seu Dédalo, ou mesmo, foi alvo de campanhas difamatórias por poderes absolutistas – sempre temerosos em perder seus domínios.

“Com os gregos a filosofia comporta todos os saberes: matemática, astronomia, geometria são exemplos de conhecimentos que surgiram juntamente com o questionamento filosófico. Na Idade Média, a filosofia torna-se um instrumento da teologia, isto é, uma vez que o conhecimento estava restrito aos mosteiros, ciência é conhecimento inspirado, ou de origem divina. Na modernidade, filosofia e ciência seguem caminhos diferentes determinados por uma metodologia própria. O método determina a diferença de abordagem dos problemas em cada área e a lógica é o instrumento comum entre a ciência e a filosofia.”

(Idem)

Consequentemente, o que restou à Filosofia?

Os próprios filósofos discorrem sobre esta chamada mais ou menos nestes termos:

“Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas. O cientista parte delas como questões já respondidas, mas é a Filosofia quem as formula e busca respostas para elas. Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo. No entanto, como apenas os cientistas e filósofos sabem disso, o senso comum continua afirmando que a Filosofia não serve para nada.

(...)

“Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.”

**Marilena Chaui**  
(CONVITE À FILOSOFIA, Editora ática)

A filosofia é um modo de pensar, é uma postura diante do mundo. A filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. Ela é, antes de mais nada, uma prática de vida que procura pensar os acontecimentos além da sua pura aparência. Assim, ela pode se voltar para qualquer objeto. Pode pensar a ciência, seus valores, seus métodos, seus mitos; pode pensar a religião; pode pensar a arte; pode pensar o próprio homem em sua vida cotidiana. Uma história em quadrinhos ou uma canção popular podem ser objeto da reflexão filosófica.

(...) A filosofia incomoda porque questiona o modo de ser das pessoas, das culturas, do mundo. Questiona as práticas política, científica, técnica, ética, econômica, cultural e artística. Não há área onde ela não se meta, não indague, não perturbe. E, nesse sentido, a filosofia é perigosa, subversiva, pois vira a ordem estabelecida de cabeça para baixo.

Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins  
TEMAS DE FILOSOFIA – Cap 6

Quem se dedica à filosofia põe-se à procura do homem, escuta o que ele diz, observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade. Eis por que a filosofia não se transforma em credo. Está em contínua pugna consigo mesma.

**Karl Jaspers**  
INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Portanto, a Filosofia nasceu para uma espécie de doutrina não externa e não comerciável, e sim para o bem comum, conquanto se avigore a partir de cada individualidade.

“Filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana”.

**Immanuel Kant**

Desde que se necessite um mínimo ato de raciocínio – e não há vida inteligente fora dessa condição – aí estará a Filosofia, em forma de atividade teórico-reflexiva entre o particular e o universal com o intuito de conceituar e ampliar a compreensão do Espírito.

### 3 – INSUJEITABILIDADE

Um patrimônio da Filosofia é a capacidade de não se sujeitar a dominações interesseiras. Houve algumas investidas históricas na tentativa de sujeitá-la, mas sem sucesso definitivo. Citemos três:

- Na Grécia antiga (entre os séculos V a.C. e VI a.C.), alguns mestres em retórica, chamados **sofistas** – ou pelo menos, grande parte deles – ensinavam (profissionalmente) aos cidadãos postulantes à vida pública técnicas para argumentar com eloquência, porém sem muita lógica (formação de pseudossábios);
- Na Idade Média, a Igreja Católica apostou na **Escolástica** para tentar convergir seus dogmas com o pensamento filosófico e fundamentar o poder religioso sobre o civil.
- O Marxismo – conjunto de teorias elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels para uma nova ordem política, econômica e social – serviu como pretexto para uma série de eventos disformes com o Ideal original, movidos por governos totalitários.

Hoje, observando os conceitos da Doutrina Espírita, temos consciência do processo evolutivo pessoal e coletivo – assim também como progressiva é a gnosiologia – e sabemos da importância desses movimentos como forma de experimentação, ainda que tenham causados

transtornos momentâneos. Como disse Paulo:

“E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito”.

(ROMANOS, 8:28)

## 4 – PREDISPOSIÇÃO FUNCIONAL

Há quem diga que a Filosofia vive uma “crise existencial”, uma vez consolidadas as disciplinas que dela brotaram, cujo questionamento comum é: o que a Filosofia ainda nos reserva, se o que tem feito nada mais representa que uma sucessiva atualização de sistemas teóricos?

Entretanto, as ciências individuais necessitam do método filosófico de investigação para seus propósitos internos e para a relação mútua com as demais disciplinas. A Filosofia é sempre o meio para todos os fins. E em Espiritismo, a sua prática se converge totalmente com a Codificação Espírita, em razão de o pensamento ser para esta uma imensurável força criadora e o instrumento primordial da outra; efetiva a reflexão ética; assenta-se na lei de evolução, sendo o exato ânimo do progresso, em que, parafraseando Platão, observamos que o filósofo é o médium entre o ignorante e o sábio, já que eles não filosofam: o primeiro porque não sabe e o segundo justamente por já ser sábio.

Dizia Pitágoras que três tipos de pessoas compareciam aos jogos olímpicos (a festa mais importante da Grécia): as que iam para comerciar durante os jogos, ali estando apenas para servir aos seus próprios interesses e sem preocupação com as disputas e os torneios; as que iam para competir, isto é, os atletas e artistas (pois, durante os jogos também havia competições artísticas: dança, poesia, música, teatro); e as que iam para contemplar os jogos e torneios, para avaliar o desempenho e julgar o valor dos que ali se apresentavam. Esse terceiro tipo de pessoa, dizia Pitágoras, é como o filósofo.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chauí – Unidade 6, cap. 1

Vindo ao encontro do pessimismo humano em relação à impossibilidade de se abarcar a verdade – demasiada forte nos cépticos –, temos os presságios da Era Cristã, a começar pelo próprio Jesus: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João, 8:32); corroborados por Paulo Apóstolo: “Porque agora vemos por espelho emboçado, mas então veremos face a face. Agora, conheço em parte, mas então conhecerei perfeitamente como sou conhecido” (1 Coríntios, 13:12); desembocando no princípio doutrinário espírita no qual todos as consciências caminham irresistivelmente à perfeição, quando então tocaremos o conhecimento essencial até da Divindade:

Algum dia o homem compreenderá o mistério da Divindade?

*“Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria. Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá.”*

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 11)

Não de outra maneira se processa a campanha evolutiva senão pela Filosofia.

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** “CONVITE À FILOSOFIA”, de Marilena Chauí.  
Cap. 6 de “TEMAS DE FILOSOFIA”, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins.

# ANEXO

## MISTÉRIOS OCULTOS AOS DOUTOS E AOS PRUDENTES

*“Então, Jesus disse estas palavras: ‘Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por ter ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por tê-las revelado aos simples e aos pequenos’.”*

*Jesus* (Mateus, 11: 25)

Pode parecer estranho que Jesus renda graças a Deus, por ter revelado estas coisas aos simples e aos pequenos – que são os pobres de espírito – e por tê-las ocultado aos doutos e aos prudentes, que na aparência, são mais aptos a compreendê-las.

É preciso entender que os primeiros são os humildes, são os que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a toda a gente. Os segundos são os orgulhosos, envaidecidos de sua sabedoria mundana, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, pois, na antiguidade, douto era sinônimo de sábio. Por isso é que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que se prostram diante d’Ele.

O mesmo acontece hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou: alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos façam tão poucos esforços para convencê-los.

A razão está em que os Espíritos cuidam preferencialmente dos que procuram a luz, de boa vontade e com humildade, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria dar-se por muito feliz em atraí-los a si, provando-lhes a Sua existência.

O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, por isso que a derrama em ondas por toda a parte, de tal sorte que só cegos não a veem. A esses, Deus não quer abrir os olhos à força, já que lhes agradam tê-los fechados. A vez deles chegará, mas é preciso que, antes, sintam as angústias das trevas e reconheçam que quem lhes fere o orgulho é a Divindade e não o acaso. Para vencer a descrença, Deus emprega os meios mais convenientes, conforme os indivíduos. Não é à incredulidade que cabe decidir-lhe o que deva fazer, nem lhe cabe dizer: “Se quer me convencer, tem de proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém”.

Pois, que os incrédulos não se espantem de que nem Deus, nem os Espíritos – que são os executores da sua vontade – se submetam às suas exigências.

Perguntem a si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores ousasse lhes recomendar fosse o que fosse. Deus impõe condições e não aceita as que lhe queiram impor. Bondosamente, escuta os que se dirigem a Ele humildemente e não os que se julgam mais do que Ele.

Poderão perguntar: Deus não poderia tocá-los pessoalmente, por meio de manifestações claras, diante das quais os mais teimosos ateus se inclinassem? É fora de toda dúvida que o poderia; mas, então, que mérito teriam eles e, ao demais, de que serviria? Não se veem todos os dias criaturas que não cedem nem à evidência, chegando até a dizer: “Ainda que eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível?” Se esses se negam assim a reconhecer a verdade, é que ainda não trazem o espírito maduro para compreendê-la, nem o coração para senti-la.

O orgulho é a catarata que lhes fecha a visão. De que vale apresentar a luz a um cego?

Necessário é que, antes, a causa do mal seja destruída. Daí vem que, médico hábil, Deus primeiramente corrige o orgulho. Ele não deixa ao abandono aqueles de Seus filhos que se acham perdidos, pois sabe que cedo ou tarde os olhos deles se abrirão. Porém, Ele quer que isso se dê de ação própria, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se nos braços e pedir perdão a Deus, iguais filhos pródigos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VII, Itens 7 a 10

# AURORA DO PENSAR

## ORIGEM DA FILOSOFIA

---

### 1 – MITO E MITOLOGIA

Impossibilitados de explicar perfeitamente a origem e essência das coisas, os homens criaram **Mitos** ao longo dos tempos, a partir de lendas e folclores peculiares a cada povo, na tentativa de responder – ou pelo menos ilustrar – questões comuns. A palavra deriva de um vergo grego, *mytheo*, que significa narrar, anunciar, designar, etc.

**Mitologia** é o estudo dos mitos, mas também chamamos assim o conjunto desse gênero relacionado a uma determinada cultura. Por exemplo: a Mitologia Romana é a catalogação dos mitos da tradição particular à Roma antiga.

Encontramos em tais narrações conceitos fantásticos, surreais e contraditórios com a realidade prática, cujos fins podem envolver:

- Diretrizes sociorreligiosas: usar do maravilhoso e sobrenatural para ilustrar a grandeza dos seres extra-humanos (deuses);
- Didática impressionista: técnica de tomar o extraordinário para impressionar e facilitar a fixação das ideias acerca da mensagem que se pretende expor;
- Acabamento artístico: explorar a criatividade para polir a história.
- Ironizar a realidade: escandalizar e protestar contra a ordem e o poder.

O pensamento mítico está, então, muito ligado à magia, ao desejo, ao querer que as coisas aconteçam de um determinado modo. É a partir disso que se desenvolvem os rituais como meios de propiciar os acontecimentos desejados. **O ritual é o mito tomado em ação.**

TEMAS DE FILOSOFIA, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins  
– Cap. 5, *O que é o mito*

Uma vez que a maturidade intelectual não comportava mais tais sistemas, a Mitologia – anteriormente creditada como espécie de “ciência menor”, porque era usada como argumento pedagógico – daria paulatinamente lugar à Filosofia, sendo usada como recurso de apoio, tal como Jesus o fez com suas **parábolas**.

### 2 – PROCESSO GNOSIOLÓGICO

A partir da ruptura com o mito, o desenrolar da Filosofia se dá pelo desenvolvimento sistemático do pensamento e da formulação da **Teoria do Conhecimento – Gnosilogia** –, que se debruça sobre as potências do ato de pensar, percorrendo assim séculos de elaboração e experimentação, pelos quais observamos algumas características peculiares a distintos pensadores e escolas filosóficas.

Na nascente da Filosofia, encontramos o **Realismo**, cuja ideia é fundada a partir das percepções físicas, supondo que a realidade está nas coisas, naturais por elas mesmas e



independentes das ponderações de que as observa. Em oposição ao Realismo surgiu o **Idealismo**, que transfere a realidade para o mundo das ideias, em que as coisas não existem em si mesmas, mas apenas pela elaboração que o ser cognoscível faz delas.

Dentro do campo das ideias, o **Racionalismo** vê a realidade obrigatoriamente no rigor da razão, em que as ideias só se validam quando dentro da lógica. Em contrapartida, o **Empirismo** se fez como teoria do conhecimento fundamentada na comprovação da realidade unicamente pela experiência prática.

Outro embate filosófico vemos entre o **Dogmatismo** e o **Ceticismo**: os dogmáticos creem firmemente na absorção humana de verdades absolutas, enquanto que os céticos refutam pragmaticamente essa possibilidade, baseando-se, por sua vez, na permanente dúvida das ideias a fim de uma livre reformulação da realidade.

Além disso, há duas vertentes ideológicas incompatíveis entre si: **Materialismo** e **Espiritualismo**. O primeiro nos remete à teoria da realidade espontânea, cujo princípio elementar da vida seria a matéria e que tudo o mais – por exemplo, os fenômenos inteligentes – não seriam mais do que efeitos da ordenação física. A segunda proposição está alicerçada na necessidade de uma potência inteligente originária, preexistente e sobrevivente à forma material.

Essas teorizações são formadas a partir de percepções:

- Percepção sensível: captada na realidade física através dos órgãos sensoriais;
- Percepção emotiva: de caráter subjetivo, desde os gostos, afetos e crenças;
- Percepção intelectual: elaborada pelas ideias;
- Percepção volitiva: formuladas a partir da vontade e do ato de escolher;
- Percepção espiritual: tanto pelo animismo (resgate de valores do próprio ser espiritual) como pelas influências externas (de outros Espíritos).

### 3 – ORIGEM GREGA

Em cada canto do globo, cada povo acumulava seus conhecimentos, mas em nenhum outro lugar poderia ser mais propício ao desenvolvimento filosófico do que naquela Grécia entre os séculos VII a.C e VI a.C. Algumas condições favoráveis:

- Povo viajero: dado ao comércio externo e à navegação.
- Localização geográfica privilegiada: os gregos conheciam bem as demais culturas pelo fácil acesso às outras regiões e porque recebiam muitos estrangeiros (estavam no meio das principais rotas comerciais).
- Urbanismo: a concentração de pessoas nas cidades favorecia a permuta de ideias.
- Uso avançado de instrumentação: moeda, calendário e escrita alfabética.
- Democracia: as ideias tinham valor pela eloquência e não pela força bruta.
- Ao que tudo indica, certos primeiros pensadores foram patrocinados para que se dedicassem com mais afinco e trouxessem resultados para o bem comum.

Ainda sobre a excentricidade da Filosofia grega, encontramos a versão espírita, trazida no livro “A CAMINHO DA LUZ”, ditada por Emmanuel, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (ver capítulo X). Veja trechos do capítulo:

Examinando a maioria espiritual das criaturas humanas, enviou-lhes o Cristo, antes de sua vinda ao mundo, numerosa coorte de Espíritos sábios e benevolentes, aptos a consolidar, de modo definitivo, essa maturação do pensamento terrestre.

As cidades populosas do globo enchem-se, então, de homens cultos e

generosos, de filósofos e de artistas, que renovam, para melhor, todas as tendências da Humanidade.

Grandes mestres do cérebro e do coração formam escolas numerosas na Grécia, que assumia a direção intelectual do orbe inteiro. A maioria desses pensadores, que eram os enviados do Cristo às coletividades terrestres, traz, do círculo retraído e isolado dos templos, os ensinamentos dos grandes iniciados para as praças públicas, pregando a verdade às multidões.

Assim como a organização do homem físico exigira as mais amplas experiências da natureza, antes de se fixarem os seus caracteres biológicos definitivos, a lição de Jesus, que representa o roteiro seguro para a edificação do homem espiritual, deveria ser precedida pelas experiências mais vastas no campo social.

É por essa razão que observamos, nos cinco séculos anteriores à vinda do Cordeiro, uma aglomeração de inúmeras escolas políticas, religiosas e filosóficas dos mais diversos matizes, em todos os ambientes do mundo.

(...) Ao influxo do coração misericordioso do Cristo, toda a Grécia se povoa de artistas e pensadores eminentes, no quadro das filosofias e das ciências.

Dessa maneira, os gregos absorveram matéria-prima para a gestação da sua Filosofia (por exemplo, a agrimensura dos egípcios, a astrologia dos caldeus, as genealogias dos persas, os misticismo orientais, etc.) ao mesmo tempo em que a universalizavam, afinal, seus preceitos não tinham valia apenas para seu território (dois mais dois deve ser igual a quatro em qualquer lugar, tempo e idioma). Não por acaso, a terminologia filosófica é quase toda do idioma heleno (matemática, física, lógica, técnica, gênese, teologia, ética, cronologia, política, pedagogia, etc.).

## 4 – TALES DE MILETO, O PIONEIRO

Tales, natural de Mileto (antiga colônia grega, hoje pertencente à Turquia) é apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga, fundador da Escola Jônica e pioneiro da Filosofia.

São seus os esforços em agrupar os primeiros conceitos universais do conhecimento. Dedicou-se especialmente à **Cosmologia** (estudo da procedência e natureza do Universo), assinalando a água como o elemento primordial e gerador de todas as coisas. Se errou pela designação (pela demonstração espírita sabemos hoje que o elemento primitivo é o Fluido Cósmico, muitíssimo mais sutil que água), acertou em apontar um princípio único para toda a matéria. Além do mais, sua tese é filosófica porque busca a razão: ele considerou a umidade dos alimentos, na vitalidade do corpo humano e das fontes geradoras de energia. Anterior a ele, as concepções eram baseadas em mitos.

No Naturalismo, delineou os princípios da teoria evolucionista (mais tarde desenvolvida por Charles Darwin). “O mundo evolui da água por processos naturais” – afirmou. Tales também foi o primeiro a explicar o eclipse solar, ao verificar que a Lua é iluminada pelo Sol e, entre outros feitos, deixou várias contribuições para a Geometria (como o estudo dos ângulos).

Da escola que fundara, fez discípulos de destaque, como Anaxímenes, Anaximandro e Heráclito de Éfeso – embora alguns deles discordasse da tese da água como elemento primitivo e gerador de toda a matéria (Anaxímenes cria ser o ar; Heráclito defendia ser o fogo).

## 5 – ESCOLAS DOS FÍSICOS

A Filosofia nasceu como uma ciência naturalista, que estudava o porquê (*arché*) das

coisas físicas, da natureza (*physis*) a partir da ordem, ou Cosmos (*Kósmos*). É a **Cosmologia**. Os primeiros filósofos, físicos, investigavam a origem, essência, utilidade, fins e destinos de tudo que há. Essa tendência é característica do período pré-socrático (anterior ao novo rumo que Sócrates deu à Filosofia).

Os principais representantes e suas respectivas escolas:

- Escola Jônica: como anteriormente mencionada, fundada por Tales de Mileto e seguida por Anaxímenes, Anaximandro e Heráclito de Éfeso;
- Escola Itálica ou Pitagórica: fundada por Pitágoras de Samos, elaborou teses que defendiam: os quatro elementos primordiais – terra, água, ar e fogo –; que o princípio fundamental das coisas é o número; que a Terra era esférica e se movia (rotação); a metempsicose (renascimento cíclico do Espírito envolvendo humanos e animais) com purificação da alma pela intelectualidade. As grandes descobertas dessa escola foram do campo da Matemática. Foi seguido, entre outros, por Filolau de Crotona e Árquitas de Tarento;
- Escola eleata: de Eléia, cidade do sul da Itália, cuja concentração de discussão gira em torno da comparação entre o conhecimento sensível e racional. Encontramos nela Xenófanés (que defendeu Deus como ser único, superior a tudo, inapreciável pelo homem e diferente deste, tanto em forma como em Espírito), Parmênides, Zenão de Eléia e Melisso.
- Escola da Pluralidade: também intitulada “escola dos Atomistas”, porque acreditavam que a matéria era constituída de átomos e vácuo, iniciada por Leucipo (meados do século V a.C.), seguidos por Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazômena e Demócrito de Abdera.

As constitutivas mais evidentes dos cosmológicos são:

- Buscaram pela explicação racional e sistemática da origem, organização e mutação da Natureza, sem exclusão dos seres humanos;
- Negaram o nada, e, por conseguinte, a criação universal, supondo a eternidade, perenidade e imortalidade dos seres;
- Estabeleceram os critérios básicos para a formulação e exposição racional das ideias, em que o filósofo é forçado a justificar e permitir a análise de suas teses.
- Procuraram generalizar os conceitos, ou seja, mostrar que uma explicação tem validade para diversas aplicações.

## 6 – OS SOFISTAS

Atuando de maneira independente, houve uma classe de filósofos – já contemporâneos de Sócrates e Platão – que desenvolveu técnicas de raciocínio, mnemônicas e retóricas com objetivo de habilitar jovens à vida social e política. Foram os **sofistas** – formadores de pseudossábios (?). Muito criticados por Platão, especialmente.

**Sofisma** traduz-se por “argumento capcioso”, e assim como a atuação dos sofistas, tornou-se termo pejorativo (por isso a exclamação em parênteses, acima), pois além do aparente interesse material dos sofistas, seus sistemas compunham-se artifícios ilógicos, quebrando as regras da racionalidade filosófica. Ensinavam que, se o sujeito não tem ideias natas e coerentes, poderia recobrir seus contextos enfatizando a eloquência. Um dos estratagemas era o de fazer uma proposição falsa, duvidosa ou incompleta a partir de premissas verdadeiras (ou pelo menos uma delas). Por exemplo:

*Paulo é homem* (premissa verdadeira)

*Os homens são sábios* (duvidosa ou imperfeita)

*Paulo é sábio* (conclusão sofista)

Entretanto, há historiadores que defendem a tese de que há extremismo nessa descrição e generalização vulgar dessa tendência, até porque o que se sabe dessa classe é vindo basicamente de seus opositores (como Platão e Aristóteles). A causa principal seria o fato de alguns pensadores, alcunhados sofistas, apresentarem ideias excêntricas e contrárias as que estavam em voga. Porém, é inegável o legado dos sofistas para a pedagogia, uma vez que favoreceram a uma maior democratização do saber.

Protágoras de Abdera (480 a.C.-410 a.C.) é o mais lembrado deles. É sua a máxima “O homem é a medida de todas as coisas”, cuja tese é de que o ser humano não pode ser submetido rigidamente às coisas, mas que deve haver uma relatividade, de acordo com a ótica de cada um, cada lugar e circunstância. É contrária ao pensamento de Sócrates de que cada coisa deve ter um conceito absoluto. Acusado de ateísmo, teve seus livros queimados em Atenas, de onde fugiu para a Sicília para jamais voltar.

## 7 – ORATÓRIA E RETÓRICA

As ferramentas essenciais dos filósofos são o pensamento e a fala, sendo mesmo que na Grécia clássica elas serviam de parâmetro para classificar seus cidadãos.

**Oratória** é a arte de falar bem, eloquência, cujo fim é o convencimento de outrem.

Há até um interessante conto sobre o aprendizado de Tísias que diz que este se recusou a pagar as aulas ministradas pelo seu mestre Córax alegando que, se fora bem instruído pelo mestre, estava apto a convencê-lo de não cobrar o pagamento pelo estudo. Se este não ficasse convencido, era porque o discípulo ainda não estava devidamente preparado, fato que o desobrigava de qualquer ônus.

(PALESTRA ESPÍRITA - COMO FAZER, Louis Neilmoris – cap. 5 “Oratória clássica e Retórica”)

Em meio às escolas filosóficas, surgiu uma espécie de oratória chamada **Retórica** – que, diz-se, ter sido uma criação dos sofistas –, a disciplina que orientava os advogados a defender a causa de seus clientes subsidiados com sofismas, sem o escrúpulo de considerar a veracidade e integridade da alegação. Esta concepção, no entanto, foi superada.

Atualmente, retórica é sinônimo de oratória e pouca distinção se faz entre ambos. Isso implica que nem a Retórica é meramente o falseamento e nem a Oratória é o discurso puro, quase sagrado, como idealizavam os antigos filósofos da Grécia.

(Idem)

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Pesquise:** mitologia, mitos.

**Livro:** “A CAMINHO DA LUZ”, (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier;  
“PALESTRA ESPÍRITA, COMO FAZER”, Louis Neilmoris (cap. 5).

# ANEXO

## O MITO DA CAVERNA

O **mito da caverna**, também chamada de “Alegoria da caverna”, foi escrito pelo filósofo Platão, e encontra-se na obra intitulada “A REPÚBLICA” (Livro VII). Trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade. Alguns ainda chamam de “Os prisioneiros da caverna” ou menos comumente de “A parábola da caverna”.

Imaginemos um muro bem alto separando o mundo externo e uma caverna. Na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. No interior da caverna permanecem seres humanos, que nasceram e cresceram ali. Ficam de costas para a entrada, acorrentados, sem poder locomover-se, forçados a olhar somente para a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Os prisioneiros julgam que essas sombras sejam a realidade. Um dos prisioneiros decide abandonar essa condição e fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. Aos poucos vai se movendo e avança na direção do muro e o escala, com dificuldade enfrenta os obstáculos que encontra e sai da caverna, descobrindo não apenas que as sombras eram feitas por homens como eles, e mais além todo o mundo e a natureza.

Platão não buscava as verdadeiras essências da forma física como buscavam Demócrito e seus seguidores. Sob a influência de Sócrates, ele buscava a verdade essencial das coisas.

## O diálogo de Sócrates e Glauco

Trata-se de um diálogo metafórico onde as falas na primeira pessoa são de Sócrates, e seus interlocutores, Glauco e Adimanto, são os irmãos mais novos de Platão. No diálogo, é dada ênfase ao processo de conhecimento, mostrando a visão de mundo do ignorante, que vive de senso comum, e do filósofo, na sua eterna busca da verdade.

**Sócrates** – Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoços acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

**Glauco** – Estou vendo.

**Sócrates** – Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que os transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

**Glauco** - Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

**Sócrates** - Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e de seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

**Glauco** - Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

**Sócrates** - E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

**Glauco** - Sem dúvida.

**Sócrates** - Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

**Glauco** - É bem possível.

**Sócrates** - E se a parede do fundo da prisão provocasse eco sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

**Glauco** - Sim, por Zeus!

**Sócrates** - Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados?

**Glauco** - Assim terá de ser.

**Sócrates** - Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

**Glauco** - Muito mais verdadeiras.

**Sócrates** - E se o forçarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?

**Glauco** - Com toda a certeza.

**Sócrates** - E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

**Glauco** - Não o conseguirá, pelo menos de início.

**Sócrates** - Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o Sol e sua luz.

**Glauco** - Sem dúvida.

**Sócrates** - Por fim, suponho eu, será o sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal qual é.

**Glauco** - Necessariamente.

**Sócrates** - Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

**Glauco** - É evidente que chegará a essa conclusão.

**Sócrates** - Ora, lembrando-se de sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

**Glauco** - Sim, com certeza, Sócrates.

**Sócrates** - E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

**Glauco** - Sou de tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.

**Sócrates** - Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: Não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

**Glauco** - Por certo que sim.

**Sócrates** - E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

**Glauco** - Sem nenhuma dúvida.

**Sócrates** - Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública.

**Glauco** - Concordo com a tua opinião, até onde posso compreendê-la.

### Interpretação da alegoria

Platão referia-se aos seus contemporâneos, com suas crenças e superstições. O filósofo era qual um fugitivo capaz de fugir das amarras que prendem o homem comum às suas falsas crenças e, partindo na busca da verdade, consegue apreender um mundo mais amplo. Ao falar destas verdades para os homens afeitos às suas impressões, não seria compreendido e seria como tomado por mentiroso, um corruptor da ordem vigente.

O mito da caverna é uma metáfora da condição humana perante o mundo, no que diz respeito à importância do conhecimento filosófico e à educação como forma de superação da ignorância, isto é, a passagem gradativa do senso comum enquanto visão de mundo e explicação da realidade para o conhecimento filosófico, que é racional, sistemático e organizado, que busca as respostas não no acaso, mas na causalidade.

Segundo a metáfora de Platão, o processo para a obtenção da consciência abrange dois domínios: o domínio das coisas sensíveis (*eikasia* e *pístis*) e o domínio das ideias (*diánoia* e *nóesis*). Para o filósofo, a realidade está no mundo das ideias e a maioria da humanidade vive na condição da ignorância, no mundo ilusório das coisas sensíveis, no grau da apreensão de imagens (*eikasia*), as quais são mutáveis, corruptíveis, não são funcionais e, por isso, não são objetos de conhecimento.

Wikipédia – A Enciclopédia Livre  
www.pt.wikipedia.org

# A ERA SOCRÁTICA

## SÓCRATES E PLATÃO E A ANTROPOLOGIA

---

### 1 – A ERA SOCRÁTICA

A Grécia de Sócrates era urbana, democrática, desenvolvida comercialmente, intensa em artes, rica de atividades sociais (teatro, jogos, etc.), além de solidária a muitas culturas estrangeiras. O cidadão (aquele que dispunha de tal título) se valia da eloquência para atuar na política e nas ágoras, cultivava o belo e o virtuoso – em imitação aos heróis e os poetas. Estava ele no profícuo Século de Péricles.

Ao opor-se aos sofistas, a quem acusou de enganadores e mercenários da sabedoria, Sócrates então mudou os rumos da Filosofia:

“Discordando dos antigos poetas, dos antigos filósofos e dos sofistas, o que propunha Sócrates? Propunha que, antes de querer conhecer a Natureza e antes de querer persuadir os outros, cada um deveria, primeiro e antes de tudo, conhecer-se a si mesmo”.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chaui – Unidade 1, cap. 3

O pensamento socrático é antropológico, ou seja, focaliza os questionamentos acerca da essência do homem e das suas capacidades de autodescobrimento, da apreensão da verdade que o envolve e das questões morais e éticas.

Sócrates, Platão e seus partidários se propuseram a conceituar as coisas de um modo novo: não mais pelas opiniões e impressões sensíveis, hábitos, tradições e crenças – que eles consideram como ilusórias –, mas sim pelas concepções puras, elaboradas nas potências intelectuais do ser – o mundo das ideias.

### 2 – BREVE BIOGRAFIA DE SÓCRATES

Sócrates (469-399 a. C.), natural de Atenas (capital grega), foi um filósofo dos mais influentes, desde seu tempo até nossos dias. Não tendo deixado nada escrito, é conhecido principalmente pelos relatos de seus discípulos, dentre os quais destacamos Platão, Aristófanes e Xenofonte, que o descrevem como um homem genial e caridoso humilde. Era também um amante da sabedoria, da moral e do belo (conceito da harmonia das coisas).

Casou-se com Xântipe, que lhe deu três filhos. Conta-se que sua esposa – apelidada de megera – era uma tormenta em sua vida, à qual o filósofo tomou como desafio: “Acostumando-se com ela, preparo-me para conviver com qualquer outro ser humano” – teria dito Sócrates. Pelo que sabemos, seus filhos não lhe acompanharam nos mesmos ideais, ao que, ele parece não ter feito muita questão (“cada qual por suas obras”).

Lecionou voluntariamente – embora não pretendesse fazer escola – e pregava que a Filosofia não devesse ser comercializável. Costumava caminhar pelas ruas e feiras para conversar com as pessoas comuns e desses diálogos concluiu que era tão ignorante quanto os outros (“Só sei que nada sei”), apenas ele tinha mais consciência de sua ignorância; ponderava



a sabedoria como a fonte da libertação do ser, tendo o autodescobrimento como o método para se chegar à verdade (“Conhece-te a ti mesmo”).

Era convicto da reencarnação (“Aprender não é mais do que recordar”), da eternidade da alma (“O exercício dos filósofos é precisamente libertar a alma e afastá-la do corpo”) e, segundo relatos dos seguidores, mantinha contatos com uma entidade espiritual a quem chamava **Daimon**, conforme algumas traduções, que significa o aproximado a Espírito, gênio, guia, etc. (há quem diga ainda que, quando ele citava essa entidade referia-se ao seu próprio espírito, ou seja, a si mesmo).

Acusado de heresia (perverter os atenienses em falsas crenças), foi preso e condenado à morte pela cicuta (veneno), à qual aceitou pacificamente, declamando:

“Se eu me defender, estarei aceitando as acusações, e eu não as aceito. Se eu me defender, o que os juízes vão exigir de mim? Que eu pare de filosofar. Mas eu prefiro a morte a ter que renunciar à Filosofia (...).

“É chegado o momento de partir: eu vou para a morte e vocês viverão, mas só Deus sabe a quem cabe o melhor quinhão”.

### 3 – BREVE BIOGRAFIA DE PLATÃO

Platão (428-348 a. C.) foi um filósofo e matemático, conterrâneo de Sócrates e seu principal discípulo. Fundou a Academia de Atenas (primeira escola ocidental de ensino superior), ao que dedicou grande parte da sua vida, intercalando com viagens em busca de novos aprendizados e experiências.

Seguindo o exemplo de seu mestre, ainda é um dos pensadores mais expressivos de todos os tempos. As suas concepções se confundem com as de Sócrates, cujos ideais são: sabedoria, moral e justiça. Sua percepção de um sentimento fraterno cunhou a expressão “amor platônico”, ao se referir ao sentimento afetivo desprovido da paixão e interesse pessoal.

Profícuo escritor, é autor de dezenas de obras, em formato de dialética (diálogo) e epístolas (cartas). É especialmente por sua literatura que conhecemos seu tutor supracitado.

### 4 – A DIALÉTICA E A MAIÊUTICA

De acordo com as referências, Sócrates – e por extensão, Platão – estabeleceu um sistema pedagógico a partir da **dialética**, quer dizer, **diálogo** (alguns estudiosos atribuem a criação desta arte ao filósofo Zenão de Eleia).

Perguntar, responder e refutar são, então, os fundamentos dessa didática, visando o confronto de pensamentos e exercício da sabedoria. Seu método consiste em desenvolver raciocínios a partir de uma tese inicial, confrontar com as antíteses (ideias opostas) até se chegar à síntese (conclusão dos conceitos).

Já a **maiêutica** de Sócrates se concretiza no processo de autodescoberta, pelo pressuposto de que o conhecimento está latente em cada indivíduo. A técnica empregada é a multiplicação de indagações acerca de uma mesma ideia até o seu esgotamento, permitindo a sua total compreensão (como se desmontássemos uma máquina, peça a peça, para desvendarmos seu funcionamento).

O verbete grego **maiêutica** quer dizer parto, supostamente em alusão à mãe de Sócrates, que era parteira. Isto pelo fato deste filósofo executar, como método de maiêutica, dois “partos” intelectuais em seus pupilos: no primeiro, ele leva seus discípulos a duvidar de seu próprio conhecimento acerca de determinada tese; o segundo passo é conduzir os aprendizes a buscarem em si mesmos uma nova conceituação daquele assunto; do simples

para o complexo. Destarte, a sabedoria não consistiria no saber, mas no procurar saber.

## 5 – ARISTÓTELES E O HELENISMO

**Aristóteles** (384-322 a.C.) foi o principal discípulo de Platão e outro valioso contribuinte da Filosofia. Reconhecido sábio desde tenra idade, foi preceptor do próprio rei, Alexandre Magno; seu pensamento entusiasmou diretamente a Idade Média e a teologia católica (ver *Escolástica*). Iniciou o estudo formal da Lógica (estudo do verdadeiro e do falso, bem como da metodologia para se chegar à verdade), mas discorreu sobre praticamente todas as áreas (Física, Biologia, Zoologia, Metafísica, Política, Ética, Artes, etc.), fazendo um apanhado dos quatro séculos de Filosofia e classificando esse conhecimento em campos específicos – ou seja, **Ciências**. É o período da sistematização da Filosofia.

A distribuição básica do conhecimento por Aristóteles:

- **Ciências produtivas:** que produzem atividades técnicas e artísticas (arquitetura, economia, medicina, teatro, música, etc.);
- **Ciências práticas:** das ações qualitativas humanas (ética – que é para o bem pessoal – e política – que é para o bem coletivo).
- **Ciências teóricas ou contemplativas:** que estuda as naturais (física, psicologia, astronomia, teologia, etc.).

É dado como certo que o grosso da obra aristotélica tenha se perdido ao longo do tempo e estudiosos põem em dúvida certos escritos atribuídos ao sábio de Estagira.

Conquanto tivesse absorvido muito de Platão – e, por conseguinte, de Sócrates --, e amplificado muitos conceitos platônicos, Aristóteles ramificou o pensamento filosófico ao discordar de uma concepção fundamental: mais materialista, ele discorda de seu mestre quanto à possível existência de dois mundos (um físico – de sensações materiais -- e outro superior – de espírito e de ideias); para ele, o que está além da experiência sensível não pode ser nada para o homem. Outros equívocos de sua parte ocorreram no campo da Física, mais tarde suplantados por Isaac Newton: a tese aristotélica cria no princípio do valor absoluto do corpo, espaço e tempo, enquanto que o cientista inglês demonstrou a lei de Relatividade.

Juntamente com Sócrates e Platão, ele robusteceu a Filosofia grega para que Atenas a exportasse para o resto do mundo no período **Helenista** (vertente de *hellenizein* = *falar e viver como grego*), especialmente pelo ensejo de Alexandre Magno.

Dentro do período heleno, variadas correntes filosóficas ganharam forma. Uma delas foi o **Hedonismo** (do grego *hedonê* = *prazer, vontade*): tendência filosófico-moral que depositava no prazer o supremo bem da vida. Seu mentor intelectual foi **Aristipo de Cirene** (435-335 a.C.), que definiu dois estados da alma: o prazer e a dor, sendo o próprio sentido de nossa vida o ato de buscar o bem-estar corporal. Entretanto, foi **Epícuro** (341-270 a.C.) quem expandiu o Hedonismo, por sua vez, definindo a essência humana não na busca pela satisfação desenfreada, mas na concentração das necessidades equilibradas e comuns a todos, como a amizade, sabedoria, apreciação das artes, etc. Mais tarde, essa doutrina foi vulgarizada como sinônimo de egoísmo (culto a si mesmo e dos próprios interesses).

Outra corrente bem expandida foi o **Estoicismo**, desenvolvida por **Zenão de Citio** (335-264 a.C.), cuja proposta é a de se viver estoicamente (tranquilamente e indiferente à dor), para o que, o sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo, devendo assim manter a serenidade perante as tragédias e coisas boas, pois a alma está identificada com o *Logos* (*razão universal*), como parte de um todo ao qual pertence. Este *Logos* ordena todas as coisas: tudo surge a partir e de acordo com ele, sendo o mundo um *Cosmos* (*Kosmos* = *harmonia*). A tese estoica seria mais tarde muito aproveitada pelos cristãos, especialmente na Escolástica.

O **Ceticismo** ou **Cepticismo** surgiu com **Pirro de Élis** (360-275 a.C.) com a conjectura de que a compreensão da Verdade é algo impossível. O cético (aquele que olha à distância) é também descrente das revelações, das religiões e do metafísico em geral.

Convém observar que mesmo entre os partidários de uma mesma corrente filosófica há importantes concepções variantes. Entre os céticos, por exemplo, houve os que prestaram ao serviço de refutar charlatões (aqueles que semeiam falsas-ideias), partindo do princípio da “negação premeditada”; enquanto isso, outros, mais acertadamente, tomaram o ceticismo como “desconfiança”.

Também é fato que mesmo entre escolas diferentes há convergências. O **Empirismo**, por exemplo, tem princípios similares ao dos cépticos. Os empiristas rejeitam os fenômenos metafísicos e qualquer conceito que não possam ser captados pela experiência prática (repetidamente ao gosto do experimentador), através dos sentidos físicos, ou do mundo subjetivo, pela introspecção. O valor das coisas estaria nas consequências práticas de suas aplicações. Foi Protágoras que cunhou a célebre frase empírica “O homem é a medida de todas as coisas” para representar a estima das experiências para o conhecimento.

Esses sistemas de pensamento – além de outras correntes filosóficas – foram moldados e readaptados no curso do tempo, seguindo a irreprochável marcha da evolução humana.

## 6 – LEGADO DA FILOSOFIA GREGA

Pelo comprometimento com a justiça, a sabedoria e as virtudes, estes filósofos deixaram um ensinamento elevado – tanto moral como intelectualmente – que só podem ser creditados a seres superiores aos de seu tempo. Emmanuel assim discorre sobre Sócrates – o que também pode ser estendido a seu seguidor, Platão, e tantos outros sábios da Antiga Grécia.

É por isso que, de todas as grandes figuras daqueles tempos longínquos, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga. Superior a Anaxágoras, seu mestre, como também imperfeitamente interpretado pelos seus três discípulos mais famosos, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais, no curso de todos os séculos planetários. Sua existência, em algumas circunstâncias, aproxima-se da exemplificação do próprio Cristo. Sua palavra confunde todos os espíritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade. Nas praças públicas, ensina à infância e à juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros.

A CAMINHO DA LUZ (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier (cap. X).

Mais ou menos desprovidos da ambição mesquinha, ambos trabalharam para o desabrochar íntimo do indivíduo (“não ensinar pensamentos, mas ensinar a pensar”), através da autorreflexão e autodescobrimento.

Em acordo com essa libertação espiritual e em contrapartida a um catecismo ditatorial – comum às religiões tradicionais –, o Espiritismo nos convida a uma reflexão sobre as leis naturais e aos valores espirituais a partir da nossa própria consciência, dentro da lógica e em harmonia com a sabedoria e a caridade.

Não por outra razão, Allan Kardec considerou Sócrates e Platão predecessores da ideia cristã e da Doutrina Espírita. O codificador traçou as semelhanças de pensamentos dos filósofos gregos em relação ao Evangelho de Jesus e os ensinamentos que os Espíritos superiores ditaram na Terceira Revelação. Veja como o codificador classificou os filósofos:

(...) As grandes ideias jamais surgem de súbito. As que assentam sobre a

verdade sempre têm antecessores que preparam parcialmente os caminhos. Depois, chegando o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos espalhados, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, Allan Kardec – Introdução, Item IV

Kardec enumera uma série de tópicos da filosofia daqueles gregos que convergem para a Doutrina Espírita, tais como: eternidade da alma, reencarnação, espiritualização (em oposição ao materialismo), evolução, caridade e sabedoria.

### **PESQUISA COMPLEMENTAR**

**Livro:** “FÉDON” (ou “FEDÃO”) e “APOLOGIA DE SÓCRATES”, Platão;  
Item IV da Introdução de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec.

# ANEXO

## MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

*“Sabem que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vocês; ao contrário, aquele que quiser se tornar o maior seja seu servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vocês seja seu escravo; do mesmo modo que o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos”.*

**Jesus** (Mateus, 20: 28)

Não se vangloriem do que sabem, pois esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitam. Suponhamos que sejam sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito teriam de se envaidecer. Se, em seus desígnios, Deus os fez nascer num meio onde pudessem desenvolver a sua inteligência, é que deseja que a utilizem para o bem de todos; é uma missão que Ele lhes dá, pondo-lhes nas mãos o instrumento com que podem desenvolver, por sua vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. A natureza do instrumento não está a indicar a que utilização deve prestar-se?

A enxada que o jardineiro entrega a seu ajudante não mostra a este último que lhe cumpre cavar a terra? Que diriam se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diriam que é horrível e que ele merece demissão. Pois bem: não se dá o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Ele não levanta contra o seu senhor a enxada que lhe foi confiada para cultivar o terreno? Ele tem direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? Pois ele será, não duvidem! E atravessará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante d'Aquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas, sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu.

**Ferdinando** - Espírito Protetor

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VII, Item 13



# O CRISTO E A FILOSOFIA

## O FILÓSOFO DOS FILÓSOFOS?

---

### 1 – CRISTO SOCRÁTICO E PLATÔNICO?

Nos tempos da manjedoura messiânica, Israel estava sob o domínio romano, que por sua vez era consorte do helenismo. Não por acaso, alguns exegetas identificam influências gregas – especialmente da filosofia de Sócrates e Platão – sobre Jesus; muitos creem que Ele tenha lido textos da Filosofia Antiga, pelas quais tenha se embasado para desenvolver Sua pregação. Essa hipótese – embora pareça absurda para os mais ortodoxos – se caracteriza pela convergência de ideias. Senão pelo Cristo “imitar” conceitos humanos, mas pela via de aqueles “pagãos” terem arado o solo para a vinda do Semeador com sua filosofia.

A razão de se considerar Sócrates e Platão precursores do Cristianismo está em haver semelhanças filosóficas entre ambos – embora seja saliente a superioridade de Jesus em relação àqueles. O que há de mais preponderante na linha de pensamentos deles é a clara apologia à racionalidade e a autossuficiência individual. Ou seja: que cada pessoa é rica em potencialidades, bastando a cada qual desenvolver suas virtudes mediante os esforços empregados (“Brilhe a vossa luz” – Mateus, 5:16). A pedagoga Dora Incontri nos diz;

Revelando um otimismo intrínseco em sua pregação e em sua ação, Jesus consegue enxergar o fio de conexão com o outro ser humano, para chamá-lo à realização da vida moral. Desencadeia processos de regeneração, sem qualquer imposição externa. (...) Realiza, pois, de forma mais eficaz e elevada, a ideia de Sócrates, de restituir o homem a si mesmo, pela prática de um diálogo informal, que transcorre à beira dos lagos, no alto dos montes ou no meio das praças.

(PEDAGOGIA ESPÍRITA, Dora Incontri – Cap. 3 – Item 3, 4)

O modelo educacional cristão não é o da fé contemplativa e cega, nem de dependência ritualísticas e dogmáticas. Sua didática é o de um educador que instrui, a partir da consciência de cada ser, e não o de um ser místico que salva. Educação essa fundamentada no mais sublime dos sentimentos: caridade:

*“Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve”.*

**Jesus** (Lucas, 22:27)

Mesmo com toda superioridade, é certo que a vinda de Jesus à Terra fez parte de um processo evolutivo, desta forma, haveremos de concordar com a contribuição anterior e posterior a Ele. O próprio ratificou a missão grandiosa de Moisés (Primeira Revelação), assim como anunciou o Espiritismo (Terceira Revelação).

Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para compreendê-lo; consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo disse. Portanto, se o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que Jesus disse foi esquecido ou mal compreendido.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VI, Item 4)

Na menção acima, Kardec assinala bem a razão pela qual Jesus não concentrou toda a Revelação em Si mesmo, justificando a necessidade da vinda da Doutrina Espírita. Não se trata de uma limitação de Jesus, mas Sua obediência a um plano superior, além de que, a incapacidade aqui se restringe aos homens, por não serem capazes de absorver a Ciência divina. Além do que, creditando a salvação ao processo evolutivo, não fez deste o seu mundo, mas plantou no mundo o instrumento de Sua salvação:

Jesus é o rei de um Reino que se contrapõe ao mundo e onde não haverá reis (...). Se os homens o ouvirem deixará de haver Césares. Jesus não é o herdeiro que conspira contra o reinante para sentar-se no lugar dele, mas sim o destruidor pacífico de todos os reinantes. César é o mais forte e famoso dos seus rivais, mas também o mais alheio. Porque sua força se baseia no sono dos homens, na enfermidade dos povos. Mas chegou quem acorda os dormentes, quem abre os olhos dos cegos, quem restitui a força aos débeis.

(HISTÓRIA DE CRISTO, Giovanni Papini)

## 2 – JESUS, UM FILÓSOFO?

Se conceituar Filosofia não é fácil – ou mesmo impossível –, estabelecer o escopo de “ser filósofo”, por conseguinte, também implica em grande complicação. Justificar Jesus como sendo ou não um filósofo é, no mínimo, polêmico. Forçados a pensar sobre, preciso é examinarmos os atributos daquele que exercita a arte de filosofar.

Entre as definições de **filósofo**, constam as interpretações didáticas (que visam estritamente definir o significado) e as poéticas (dão um parecer lírico, artístico e desobrigado da tarefa de definir e limitar seu significado).

Segundo o Dicionário Aurélio<sup>2</sup>:

**FILÓSOFO – substantivo masculino:** Pessoa que se ocupa da filosofia, por considerá-la princípio do conhecimento, seja como teoria do saber, seja como norma de vida, a fim de determinar a hierarquia dos valores.

Já o Dicionário Houaiss é mais abrangente:

**FILÓSOFO: Adjetivo e substantivo masculino:**

1 - Rubrica: filosofia - que ou quem ama a sabedoria, movido pela consciência lúcida da ignorância inerente à condição humana [O sentido remonta ao filósofo grego Pitágoras (VI a.C.), citado pelos antigos como o inventor da palavra].

2 - Rubrica: filosofia - que ou indivíduo que investiga os princípios, fundamentos ou essências da realidade circundante, seja numa perspectiva imanente, seja propugnando causas e explicações transcendentais, transcendentais ou metafísicas.

3 - Rubrica: filosofia - que ou o que procura formular uma reflexão que organiza, sintetiza ou relaciona as metodologias e conhecimentos obtidos pelas diversas ciências que compõem o saber humano.

4 - Rubrica: filosofia - que ou aquele que contempla a natureza, a condição humana, o ser e o pensamento, buscando entendê-los e explicá-los teoricamente, e adota, em seguida, um comportamento decorrente de tal compreensão.

5 - Derivação: por extensão de sentido - que ou aquele que regula sua vida à luz de princípios obtidos pelo pensamento racional, especialmente no que se refere à manutenção da tranquilidade e da sensatez sob circunstâncias desfavoráveis.

OBS. – de ambos os dicionários, excluímos os itens relativos às expressões populares acerca do verbete.

De uma maneira geral, o filósofo pode ser descrito como aquele que ama a sabedoria e

<sup>2</sup>

Extraído da versão digital on-line: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Filosofo>

se propõe a buscá-la para compreender melhor o meio em que está inserido, fazendo uso automático daquilo que já alcançou com a mesma.

Nessa lógica, é forçoso admitir que, se o indivíduo está em busca, é que ainda não culminou o objetivo; e tentar compreender o seu meio implica em ser e participar (e estar relativamente limitado) desse meio espaço-físico.

A tradição religiosa cristã não acolhe outra ideia do Cristo que não como sendo um ser completo e perfeito; tampouco o vê enraizado na Terra. Logo, Ele sabe tudo (não carece estudar e aprender mais nada), pois é de natureza superior à raça humana (não é do nosso meio, embora tenha “descido” aos campos desde globo, em missão). Estando a definição clássica apontando que a Filosofia seja de ordem humana, o Cristo – ainda que tenha convivido entre os homens – não poderia se submeter a ela.

No entanto, o Messias nos trouxe uma concepção moral prática, com fundamentos inéditos aos homens e revolucionários (como a própria globalização: parentesco espiritual de todos os seres, além das fronteiras religiosas, físicas e culturais); marcou a nova contagem do calendário e influenciou todos os povos. O seu Evangelho (a boa nova) é então configurado como uma matéria filosófica, o que obriga a rotular seu formatador – Jesus – como um filósofo.

A controvérsia causada pelo embaraço linguístico poderia (se alcançasse o respaldo comum) ser solucionado se conviéssemos que a filosofia cristã inaugurasse uma nova categoria de sua mesma arte, espécie de Filosofia Superior (para diferenciar-se da dos homens). Semelhante obstáculo encontrou Kardec para definir se o Espiritismo seria ou não uma religião, já que a Doutrina Espírita trazia consequências religiosas, se bem que não compartilhasse dos moldes clássicos das demais religiões.

Na falta de um acerto maior, podemos convir que o Evangelho de Jesus tem efeitos filosóficos, e que, por isso, seu propagador comportou-se como um filósofo. E por ser excelso em tudo, acrescentaríamos o epíteto: Jesus: o Filósofo dos filósofos.

### 3 – PEDAGOGIA CRISTÃ

Há que se separar a filosofia de Jesus (por Ele exercida) das teorias pseudossantas criadas em torno de Seus ensinamentos, como o próprio Cristo advertiu, prometendo, porém, a vinda do Paráclito, para resgatar Seus autênticos ensinamentos:

*“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito”.*

Jesus (João 14:26)

Mais que filósofo, Cristo foi um pedagogo – o Pedagogo dos pedagogos --, escolhido por Deus para ser o Governador deste mundo e ser o Guia e Modelo da Humanidade.

Para o homem, Jesus é o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus nos oferece o Cristo como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava (...).

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 625)

**A Fonte:** a primeira característica da pedagogia de Jesus é que Ele a atribui a Deus (“Eu vim cumprir as ordens do meu Pai”). Quando se coloca em igualdade com a divindade (“Eu e o Pai somos um”) é pela razão de que, se Ele cumpre os desígnios divinos (assim como os Espíritos que já evoluíram), participa da perfeição da Grande Obra (coautor).

**Didática das parábolas:** os recursos didáticos por Ele empregados são simples na linguagem: na medida do possível, fala ao alcance do povo e emprega historinhas ambientadas



em um dia a dia caseiro, comum àquele povo humilde (o filho pródigo, a candeia e o alqueire, etc.), do cotidiano (o trabalhador da última hora, o semeador, o bom samaritano, etc.), mesmo para explicar as coisas do alto (as parábolas do reino). Todavia, ainda que tenha feito uso de elementos simplórios (o grão de mostarda, a agulha e o camelo, a trave e o olho, etc.), a argumentação é forte, ao mesmo tempo carregando autoridade e meiguice.

**Racionamento:** seu método de ensino busca o racionamento das ideias (“Quem tem ouvidos que ouça”) para a autolibertação do indivíduo, permitindo o questionamento (“Se amais apenas os amigos, que fazeis diferente dos publicanos?”, “O que os homens dizem sobre mim?”), propondo a autorreflexão e despertando potencialidades (“Vós sois o sal da terra”, “Vós sois deuses”, “Se tiverem fé, farão tudo o que eu faço”).

**Comprometimento e esperança:** Ele chamou a todos para a responsabilidade (“Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”), ao mesmo tempo em que derramou esperança (“Não se perturbe o vosso coração: credes em Deus, crede em mim”, “Meu jugo é leve e meu fardo é suave”).

**Revolução:** sublimou os regimentos burocráticos, instituindo os dois grandes mandamentos – que na verdade formam um só, por serem intrínsecos: **“Amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo”**. Nessa máxima, Ele quebra toda e qualquer fronteira, estabelecendo a irmandade celestial, rompendo o exclusivismo de uma ou outra raça, crença, posição social, moral ou intelectual. Aqui está a pedra angular da globalização.

## 4 – SABEDORIA SUPERIOR

Para um filósofo comum, a resposta aos questionamentos pode ser levantada sobre hipóteses – desde que essas teses sejam formatadas dentro da lógica –, sem necessariamente precisarem ser absolutamente hauridas da Verdade – até porque estamos inseridos numa dimensão onde a Verdade física das coisas é relativa.

Mas o Cristo, sendo de elevada hierarquia e possuidor da Sabedoria superior, jamais poderia se dar ao luxo de utilizar de suposições ou argumentos puramente teóricos, sem a chancela da razão absoluta (“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”), pois para demonstrar a autoridade magnânima do Messias, necessário se fazia manter-se ininterruptamente na perfeição – como bem o fez.

Envolvido num meio estrito, não poderia ser diferente que o Mestre fosse tentado e a todo instante tivesse que demonstrar capacidades. Para “escapar” das ciladas armadas (especialmente pelos fariseus e saduceus), Jesus usou artifícios sofisticados, do ponto de vista linguístico, conquanto, sem fugir da ordem natural. Vejamos alguns casos:

**Reductio ad absurdum:** extrai a veracidade de uma proposição pela “redução ao absurdo” (impossível) das teses contrárias. Por exemplo, quando os doutores da lei acusaram Jesus de expulsar demônios por uma força demoníaca, Ele respondeu reduzindo a acusação ao absurdo, pelo que os próprios acusadores propuseram:

*“Todo o reino dividido contra si mesmo será destruído; toda cidade, toda casa, dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem então vossos filhos os expulsam? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes”.*

*Jesus* (Mateus. 12:25-27)

A acusação, comparada a um absurdo (Satanás anular Satanás) se nulifica completamente e, além disso, se os fariseus praticam o exorcismo, igualar-se-iam na mesma heresia, caso assim considerassem. Logo:

Premissa A: Jesus expulsar demônio por intermédio de Satanás;  
Premissa B: Satanás expulsar Satanás (comparação lógica);  
Solução: Jesus não expulsa demônio por intermédio de Satanás.

Não precisou Jesus dar a resposta textualmente, visto que o convencimento é natural.

Numa outra situação, perguntaram a Jesus se era lícito pagar tributos aos romanos. A armadilha consistia em “pegar Jesus” em qualquer dessas alternativas:

- a) Se dissesse que sim ao pagamento, estaria contrariando os judeus;
- b) Se dissesse que não, estaria ferindo as leis de Roma.

A resposta foi enfática:

– *“De quem são esta imagem e esta inscrição?”* – “De César”, responderam eles. Então, Jesus observou: *“Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”*. Ouvindo Jesus falar dessa maneira, admiraram-se eles da resposta e se retiraram O deixando.

(Mateus, 22:20 a 22)

A solução de Jesus foi, pois, convidar a cada um a refletir sobre as obrigações para com Deus e com o próximo, estendendo a questão a indagações mais profundas: o que é de César? O que é de Deus? Por que dar a um e não dar ao outro o que lhe compete? Os fariseus gozavam de certos privilégios justamente porque os romanos lhes concediam, ao que, era-lhes conveniente que os judeus quitassem os tributos.

**A fortiori:** foi outra técnica usada por Cristo como solução às tentadoras investidas dos doutores da lei, para justificar a veracidade de uma argumentação logicamente comparada a uma outra (já aceita), por “uma razão mais forte”. Por exemplo, questionado sobre produzir uma cura no Sabbath (o dia santo dos judeus), Jesus se justifica pela analogia seguinte:

*“Fiz uma só obra, e todos vós vos maravilhai! Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não é de Moisés, mas dos patriarcas), e até no sábado circuncidais um homem!”*

**Jesus** (João, 7:21-22)

A defesa de Jesus se baseou num argumento incontestável dos doutores da lei: no oitavo dia de nascimento, todo judeu deveria ser circuncidado – ainda que caísse num dia de sábado.

Proposição A: circuncidar todo judeu no oitavo dia, mesmo no Sabbath;

Proposição B: curar, mesmo no Sabbath.

Se os judeus aceitavam a proposição A, por considerar um ato santo, útil e bondoso, com muito mais razão (a fortiori) deveriam aceitar a proposição B, por ser uma ação muito mais importante. A circuncisão era particular aos machos, a uma parte do corpo e justificada pelo ritual; já a cura é um ato mais universal e urgente.

Quando os discípulos de João Batista vieram saber se o nazareno era o tão aguardado Messias, Ele fez um **silogismo**:

*“Ide, e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não se scandalizar em mim”*.

**Jesus** (Mateus. 11:4-6; e Lucas 7:22)

A argumentação é:

Premissa A: se alguém faz essas coisas maravilhosas é por ser o Messias;

Premissa B: “Eu faço essas coisas maravilhosas”;

Conclusão por silogismo: “Então, Eu sou o Messias”.

## PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** Evangelhos bíblicos; “PEDAGOGIA ESPÍRITA”, Dora Incontri (cap. 3 – Item 3,4).

# ANEXO

## O CRISTO

*“Não pensem que eu vim destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los; pois, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto”.*

Jesus (Mateus, 5: 17 e 18)

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que nessa lei nos deparamos com o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo — a base da doutrina Cristã. Sobre as leis de Moisés, propriamente ditas, ao contrário da lei divina, ele as modificou profundamente, tanto na substância, quanto na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, Jesus não podia reformá-las de uma forma mais radical do que reduzindo toda a lei num único preceito: **“Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo”**, e acrescentando: **“aí estão toda a lei e os profetas”**.

Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que é necessário que a lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fosse praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todas as suas ampliações e consequências. Efetivamente, de que serviria haver sido promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens, ou, sequer, de um único povo? Como todos os homens são filhos de Deus, todos, sem distinção nenhuma, são tratados com igualdade.

Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra: cabia a Ele dar cumprimento às profecias que anunciaram a Sua vinda; Sua autoridade vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da Sua missão divina. O Cristo veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que se passa na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; veio ensinar o caminho que nos conduz a esse reino, os meios de se reconciliarem com Deus e de presentirem esses meios na marcha das coisas futuras, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, Ele não disse tudo, e sobre muitos pontos, limitou-se a lançar a semente de verdades que, segundo Ele próprio, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos subentendidos. Para compreendermos o sentido oculto de algumas palavras suas, se fazia necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano alcançasse certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a abertura e o desenvolvimento de tais ideias. Importava, pois, dar tempo para a Ciência progredir.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. I, Itens 3 e 4

# A ESCOLÁSTICA

## CRISTIANISMO E A FILOSOFIA DA IGREJA

---

### 1 – PAULO DE TARSO E O CRISTIANISMO

Convencionou-se chamar de **Cristianismo** a religião, ou tendência religiosa construída acerca dos ensinamentos de Jesus. **Cristo** – ao contrário do que muitos pensam – não é sobrenome, mas sim um título: em grego significa o *Ungido* (com o óleo santo), o mesmo que *Messias* (derivado do hebraico). O formatador principal dessa crença é **Paulo de Tarso** (9-64 d.C.), o Apóstolo dos gentios (como eram chamados os não judeus). Destaque também para João Evangelista.

Antes de sua conversão, na estrada de Damasco, era Saulo, perseguidor dos “irmãos do Caminho” (os cristãos), a serviço das autoridades judaicas. Nascido em Tarso, na Cilícia (atualmente, pertencente à Turquia), tinha cidadania romana, fora educado em escola grega, mas seguia a tradição dos seus ancestrais judeus até que foi empossado fariseu. Convertido, usou toda sua erudição para montar a base da nova religião que estava em formação. Culto e diligente, o apóstolado paulino deu um caráter douto ao movimento cristão e foi fundamental para o rompimento com o Judaísmo (os primeiros cristãos tentaram conciliar as duas vertentes). Peregrinou pela Grécia, Macedônia e Ásia Menor pregando e fundando igrejas e comunidades cristãs, expandindo o Evangelho de forma extraordinária. Suas epístolas serviram de base para a organização da Igreja Católica – que despontava num horizonte breve.

Um século depois de Cristo, os romanos derrotam uma horda dos judeus em Jerusalém e expulsam da cidade santa os seus remanescentes. Eles se espalharam pelos mais longínquos territórios, o que fez se popularizar e muito a História de Jesus. Os cristãos formaram comunidades em todas as partes, dividindo seus bens entre si (produção própria e donativos dos que se convertiam) e cresceram vertiginosamente, malgrado as perseguições.

No ano 313, o imperador romano Constantino anunciou sua conversão ao Cristianismo e convocou o Concílio de Nicéia, em 325, para estabelecer os alicerces da Igreja Católica Apostólica Romana. Em 392, o Teodósio I proclama o Cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

O esforço dos primeiros padres de conciliar fé e razão é chamado de **Filosofia Patrística**, e para alguns historiadores, demarca um período na História da Filosofia.

### 2 – O QUE FOI A ESCOLÁSTICA

**Escolástica** ou **escolasticismo** foi uma linha filosófica brotada no meio da Igreja Católica, no período entre os séculos IX e XVI, cujo objetivo primordial foi o de tentar respaldar os dogmas católicos usando a argumentação da Filosofia clássica, bem como no plano de unificação de todas as culturas, unindo fé e razão.

O termo se origina de uma classe medieval que, devido à ociosidade (por serem abastados), dedicam-se ao estudo; escolástico é então o livre estudioso. De dentro do clero, portanto, surgiram pensadores que – de alguma forma, fascinados pela Filosofia clássica –

buscaram associar a “providência” e “revelação divina” (base religiosa) aos conceitos gregos da racionalidade, procurando atender às exigências de um catecismo prático.

Os mais proeminentes deles – ditos “doutores da Igreja” – foram Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. O primeiro sustentava a supremacia da fé e livre aceitação das “verdades ditadas pelo Espírito Santo” – conquanto esforçar-se para esquadrihar logicamente a teologia dentro do racionalismo –, sob forte influência do **Neoplatonismo** de Plotino (205-270 d.C.). Tomás de Aqui, por sua vez – embora não negasse a razão subordinada à fé –, esforçou-se por buscar ainda mais a razão, influenciando-se pelas ideias de Aristóteles.

Além destes, destacam-se: Anselmo de Cantuária, Alberto Magno, Robert Grosseteste, Roger Bacon, Boaventura de Bagnoreggio, Pedro Abelardo, Bernardo de Claraval, João Escoto Erígena, João Duns Scot, Jean Buridan, Nicole Oresme.

### 3 – MÉTODO ESCOLÁSTICO

O método tomado pela Escolástica se traduz através do ensino, fundamentado na lectio (quando o mestre domina a palavra) e na disputatio (debate livre entre o tutor e seu discípulo); e nas formas literárias – entre as quais predominam os comentários, oriundos da lectio, dos quais se originam as Summas (que dá ao autor mais autonomia em relação aos textos); e as quaestiones, vindas à luz por meio da disputatio. A “Summa Theologica” de São Tomás é uma das Summas mais renomadas. A “Opuscula” também é bastante usada pelos escolásticos, representando um caminho mais autônomo para se abordar uma questão.

Em suma, na escolástica, buscava-se um raciocínio lógico para a conceituação das ideias, todavia, não havendo uma solução definitiva, recorria-se a uma inspiração eclesiástica, na qual os ordenados pela Igreja detinham autoridade, respeitando a hierarquia (papa, cardeais, arcebispos, etc.).

### 4 – SANTO AGOSTINHO

Aurélio Agostinho, ou Agostino de Hipona (354-430) foi um reformador católico e ainda hoje um dos mais aclamados doutores da Igreja. Nasceu em Tagaste (Argélia), cresceu pagão e envolvido com o **Maniqueísmo** – filosofia religiosa criada pelo profeta persa Mani, ou Manés –, que mais tarde ele mesmo contestaria, quando já convertido ao catolicismo.

Sua conversão, aliás, entre outras causas, graças à oratória do bispo milanês Ambrósio e os apelos de sua mãe (Santa Mônica), processou-se depois de um fenômeno: ouvira uma voz espiritual com feições de criança lhe soprar os imperativos: “Tome e lê”. De posse da Bíblia, abriu ao acaso na passagem contida na epístola de Paulo aos Romanos, 13:13-14:

“Não caminhéis em glotonerias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”.

O jovem intelectual e materialista cedeu lugar a um dos mais fervorosos crentes. Ordenou-se bispo e instalou-se em Hipona (atual Annaba, Argélia) para então dedicar-se à escolástica, com a qual propôs ideias que revolucionaria a teologia e os rumos da Igreja romana, tal como sobre a origem do mal:

“Deus não é o autor do mal (o bom não cria o mal); o mal, não é um ser existencial, mas a ausência do bem, fruto do livre-arbítrio humano”.

As reflexões de Agostinho foram fundamentais na orientação da visão do homem

medieval sobre a relação entre a fé cristã e o estudo da natureza. Ele reconhecia o valor do conhecimento, mas entendia que a fé em Cristo vinha restaurar a condição decaída da razão humana, portanto, sendo mais importante. Agostinho afirmava que a interpretação das Escrituras deveria ser feita de acordo com os conhecimentos disponíveis, de acordo com cada época, sobre o mundo natural. Escritos como sua interpretação do livro bíblico Gênesis, como o que chamaríamos hoje de um "texto alegórico", iriam influenciar fortemente a Igreja na Idade Média, que teria uma visão mais interpretativa e menos literal dos textos sagrados.

Desencarnou em 28 de agosto de 430, Sua autobiografia está detalhada no clássico livro "CONFISSÕES". Participou da Codificação Espírita contribuindo com vários textos, como os que explicam as categorias dos mundos habitados (O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, cap. III).

## 5 – SÃO TOMÁS DE AQUINO

O filósofo e padre italiano Tomás de Aquino (1225-1274) redirecionou a História do Catolicismo com sua teologia racionalista, chamado de "o mais sábio dos santos e o mais santo dos sábios" e cognominado *Doctor Angelicus* (Doutor Angélico).

Sintetizou o Cristianismo católico a partir dos conceitos aristotélicos: junção da Teologia (pela "revelação") com a Filosofia (pelo raciocínio lógico das ideias) – fé e razão –; desenvolvendo o hilemorfismo (ideia que fundamenta a existência do ser a partir dos elementos básicos *matéria* e *forma*, de onde Tomás de Aquino estabeleceu a tese de que Jesus é ao mesmo tempo um ser humano e divino), procurando sempre fundamentar a ética, sobre a qual assim descreve:

“A ética consiste em agir de acordo com a natureza racional. Todo o homem é dotado de livre-arbítrio, orientado pela consciência e tem uma capacidade inata de captar, intuitivamente, os ditames da ordem moral. O primeiro postulado da ordem moral é: faz o bem e evita o mal”.

Elaborou ainda uma engenhosa tese para sustentar concretamente a existência do Criador através de cinco vias racionais:

**1ª via - Primeiro Motor Imóvel:** Tudo o que se move é movido por alguém, é impossível uma cadeia infinita de motores provocando o movimento dos movidos, pois do contrário nunca se chegaria ao movimento presente, logo há que ter um primeiro motor que deu início ao movimento existente e que por ninguém foi movido;

**2ª via - Causa Primeira:** Decorre da relação “causa e efeito” que se observa nas coisas criadas. É necessário que haja uma causa primeira que por ninguém tenha sido causada, pois a todo efeito é atribuída uma causa, do contrário não haveria nenhum efeito, pois cada causa pediria uma outra numa sequência infinita;

**3ª via - Ser Necessário:** Existem seres que podem ser ou não ser (contingentes), mas nem todos os seres podem ser desnecessários se não o mundo não existiria, logo é preciso que haja um ser que fundamente a existência dos seres contingentes e que não tenha a sua existência fundada em nenhum outro ser;

**4ª via - Ser Perfeito:** Verifica-se que há graus de perfeição nos seres, uns são mais perfeitos que outros, qualquer graduação pressupõe um parâmetro máximo, logo deve existir um ser que tenha este padrão máximo de perfeição e que é a Causa da Perfeição dos demais seres;

**5ª via – Inteligência Ordenadora:** Existe uma ordem no universo que é facilmente verificada, ora toda ordem é fruto de uma inteligência, não se chega à ordem pelo acaso e nem pelo caos, logo há um ser inteligente que dispôs o universo na forma ordenada.

A síntese desse mesmo pensamento é publicada nas primeiras questões de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”.

Nas linhas gerais, Tomás de Aquino é concordante com Santo Agostinho, e essa ratificação formata o status da Escolástica, da qual a Igreja arregimentou seus dogmas basilares, sendo a obra principal a “SUMA TEOLÓGICA” de Tomás de Aquino.

## 6 – CONCEITUAÇÃO ESCOLÁSTICA

O Catecismo, enquanto tal, prescinde de filosofia, pois sendo esse modelo de cristianismo uma religião de salvação, funde-se na aplicação moral (baseada em Jesus) e não a respeito de uma teoria de realidade; o sustentáculo maior – a Divindade – não carece de outra apresentação senão a fala bíblica: “Eu sou aquele que é, foi e será. Eu sou aquele que sou” (Êxodo, 3:14); é fé sobre a razão (“crer para ver”), revelação acima da reflexão.

Porém, para convencer os fidalgos gregos e romanos, sob a força do compromisso de evangelização, a Igreja recorreu-se a uma convergência com certas conceituações peculiares a outras correntes religiosas. Do neoplatonismo, por exemplo, adotou a distinção entre matéria corporal e espírito incorpóreo; separação entre Deus Uno e mundo físico; transformação da primeira emanção neoplatônica; sublimação espiritual mediante a graça santificante, independentemente das aptidões intelectuais. Buscou no estoicismo ideias como a existência da Providência (governo de tudo e de todos) e a sublimação pelo desprezo os impulsos carnis. Até do herético gnosticismo, consagrou semelhanças nas teses para a polaridade bem e mal – personificado em Lúcifer e seus demônios, sendo a dimensão terrena o centro de atuação deste mal.

Obviamente, depois da redescoberta de certas obras de Platão e Aristóteles, a Igreja reelaborou sua teologia a partir da metafísica grega, com algumas ressalvas, tais como: os gregos supunham o mundo (material) eterno, enquanto os cristãos passaram a defender a concepção da sua Criação e fim (no juízo final); os gregos tinham o Ser Supremo como uma força cósmico impessoal, diferente dos cristãos, para quem Deus é pessoal – e de certo modo até antropomórfico, embora superior ao homem; o homem da visão grega é dotado de corpo perecível, acessório da alma, que é sua essência imortal, mas os cristãos passaram a pregar uma natureza humana em um misto de corpo e alma. Os gregos criam que o conhecimento fosse uma atividade intelectual, já os cristãos argumentaram que, racionalmente imperfeito, o homem só topa o conhecimento pela fé e revelação.

## 7 – A METAFÍSICA CATÓLICA

A maneira católica de explicar a essência dos seres e das coisas é um misto da Metafísica ou Ontologia clássica greco-romana, junto a variantes mais excêntricas, como por exemplo a figura demoníaca proveniente da cultura babilônica.

“No caso do cristianismo, porém, não era possível manter a diferença platônica entre o Ser e o Não-Ser, pois este mundo e tudo o que nele existe é obra de Deus, é criatura de Deus e não mera aparência. Mas também não era possível manter a ideia aristotélica de que a diferença entre os seres estaria apenas na presença ou ausência do devir ou da mudança, pois para os cristãos o ser de Deus é de natureza diferente do ser das coisas, uma vez que ele é criador e elas são criaturas, e não há nada em comum entre eles”.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chaui – Unidade 6, cap 3



Para solucionar tal impasse – a necessidade de afirmar que o Ser não possui o mesmo sentido, quando aplicado a Deus e às criaturas –, fez-se a divisão da metafísica em três tipos de conhecimento:

1. **Teologia**, que se refere ao Ser como ser divino ou Deus;
2. **Psicologia racional**, que se refere ao Ser como essência da alma humana;
3. **Cosmologia racional**, que se refere ao Ser como essência das coisas naturais ou do mundo.

Essa ramificação resultou três – digamos – identificações ao que era o objeto elementar do estudo metafísico: **ser**, para a Teologia; **essência**, para Psicologia; e **substância**, para a Cosmologia, que, rudemente, poderíamos sintetizar em Deus, Homem e Natureza.

## 8 – CÓDIGO CANÔNICO E INQUISIÇÃO

Da Escolástica nasceu, pelos decretos do Papa Gregório IX, o primeiro Código de Direito Canônico da Igreja Católica, abrangendo o conjunto de normas de conduta, de penas e de procedimentos processuais para vigorar dentro do território católico. Por conseguinte, o mesmo papa promulgou a bula que criou a “Santa Inquisição” – o Tribunal do Santo Ofício –, cujo objetivo era combater os hereges (infratores do Código Canônico).

Em parceria com os poderes seculares (impérios) aliados a Roma, os tribunais eram esporadicamente instaurados temporariamente – de maneira geral para abafar pequenos movimentos hostis à Igreja – com os quais, os inquisidores julgavam e submetiam os condenados a penas que variavam entre advertência à sentença de morte. A Igreja processava e determinava a punição; a execução ficava a cargo do Estado.

Embora tenha havido formas variadas de tortura e execução fatal das penas, a mais vulgar e difundida foi a da fogueira (o réu de heresia era queimado vivo em praça pública). Nestas condições foram sacrificados nomes ilustres, como Santa Joana d’Arc (1412-1431) e o frade Giordano Bruno (1548-1600). A frase deste frade, posterior à anúncio da sentença, ecoou como grito da coragem:

“Tema mais a Força em pronunciar a sentença do que eu em escutá-la”.

Em 1633, Galileu Galilei é condenado por defender a teoria heliocêntrica (que a Terra gira em torno do Sol), pois a Igreja pregava o geocentrismo (a Terra como o centro do Universo), mas escapou da fogueira abjurando publicamente a tese.

O fim da Inquisição se deu paulatinamente, mas oficialmente só foi decretado em 1821, sem haver nenhuma estimativa confiável da quantidade de execuções penais.

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Pesquisa geral:** Cristianismo, Paulo de Tarso, Escolástica, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e Inquisição.

**Livro:** “CONVITE À FILOSOFIA”, Marilena Chaui.

# ANEXO

## O MAL E O REMÉDIO

*“Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os que anseiam por justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois deles é o reino dos céus”.*

Jesus (Mateus, 5:4, 6 e 10)

Será que a Terra é um lugar de prazer, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Ele não proclamou que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Então, esperem todos vocês que aí vivem, ardentes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, voltem o olhar para o Céu e bendigam ao Senhor por ter querido experimentá-los...

Ó homens! Será que não reconhecem o poder do Senhor, senão quando Ele vos tenha curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Será que não reconhecem o Seu amor, senão quando adornou o vosso corpo de todas as glórias e lhe tenha restituído o brilho e a brancura? Imitem Aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da indignidade e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse Ele a Deus: “Senhor, conheci todos os agrados da riqueza e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!” Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Se tivessem de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso em relação à eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Busquem consolações para os vossos males no futuro que Deus vos prepara e procurem a causa no passado. E vocês, que mais sofrem, considerem-se os afortunados da Terra.

Como desencarnados, quando pairavam no Espaço, escolheram as vossas provas, julgando-se bastante fortes para suportá-las. Por que agora murmurar? Vocês, que pediram a riqueza e a glória, queriam sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vocês, que pediram para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabiam que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfassem, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de cintilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Logo, que remédio receitar aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior crueldade dos vossos sofrimentos, entoarem hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocuparão... A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Portanto, não nos perguntem qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrem-se de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as dolorosas angústias da aflição.

O Senhor colocou o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a Sua proteção e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças.

**Santo Agostinho** (Paris, 1863)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. V, Item 19

# PENSAMENTO MODERNO

RENASCIMENTO – RACIONALISMO – ILUMINISMO

---

## 1 – RENASCIMENTO

O movimento sociocultural renascentista enterrou a Idade Média, a partir do Século XV, e inaugurou a Idade Moderna, que entre outros aspectos, procurou resgatar os valores humanistas e naturalistas da cultura clássica (Greco-romana).

No âmbito filosófico, a feição mais elevada do Renascimento é o Humanismo, que antes mesmo de ser um corpo filosófico, é um método de aprendizado que utiliza a razão individual e a evidência empírica para formar suas conclusões, paralelamente à consulta aos textos originais, ao contrário da Escolástica – que se limitava ao debate das diferenças entre os autores e comentaristas. O Humanismo afirma a dignidade do homem e o torna o investigador por excelência da natureza, acima da espiritualidade excessiva e repressora. Foi uma fase otimista, conforme lemos em “PANTAGRUEL”, de François Rabelais:

“Todas as disciplinas são agora ressuscitadas, as línguas estabelecidas: Grego, sem o conhecimento do qual é uma vergonha alguém chamar-se erudito, Hebraico, Caldeu, Latim (...). O mundo inteiro está cheio de acadêmicos, pedagogos altamente cultivados, bibliotecas muito ricas, de tal modo que me parece que nem nos tempos de Platão, de Cícero ou Papiniano, o estudo era tão confortável como o que se vê a nossa volta. (...) Eu vejo que os ladrões de rua, os carrascos, os empregados do estábulo hoje em dia são mais eruditos do que os doutores e pregadores do meu tempo”.

São desses tempos: a transição do feudalismo para o capitalismo, desabrochar e autonomia das ciências práticas e da tecnologia, as grandes navegações e a descoberta do “novo mundo” (América); a reforma protestante e as grandes lutas pelos direitos de liberdade e de igualdade.

Na era medieval, a Igreja havia implementado uma ideologia ditatorial e forjada na interpretação católica das Sagradas Escrituras – um livro recluso (a Bíblia só era lida e estudada pelo clero, que catequiza sem admitir contestação) –, pregando um conformismo com as desigualdades (seria a vontade de Deus) e uma eterna espera pela salvação que cairia do céu (Apocalipse). Logo, qual o valor do esforço intelectual, se a humanidade está fadada à sorte da escatologia? O novo, portanto, ameaçador que parecia ser à ordem político-econômica, era tido como quebra (heresia) deste destino e, por conseguinte, da vontade divina.

O Renascimento desabrochou o empreendimento progressista – que é inerente ao ser, mas que estava sob o julgo dos papas e imperadores –, valendo-se de achados valiosos: obras de Platão e Aristóteles das quais a Era Medieval não havia tomado conhecimento ou as tinha eclipsado. A linha do pensamento renascentista era:

1. Aquela proveniente de Platão, do neoplatonismo e da descoberta dos livros do Hermetismo; nela se destacava a ideia da Natureza como um grande ser vivo; o homem faz parte da Natureza como um microcosmo (como espelho do Universo inteiro) e pode agir sobre ela através da magia natural, da alquimia e da astrologia, pois o mundo é constituído por vínculos e ligações secretas (a simpatia) entre as coisas; o homem pode, também, conhecer esses vínculos e criar outros, como um deus.

2. Aquela originária dos pensadores florentinos, que valorizava a vida ativa, isto é, a política, e defendia os ideais republicanos das cidades italianas contra o Império Romano-Germânico, isto é, contra o poderio dos papas e dos imperadores. Na defesa do ideal republicano, os escritores resgataram autores políticos da Antiguidade, historiadores e juristas, e propuseram a *imitação dos antigos* ou o renascimento da liberdade política, anterior ao surgimento do império eclesiástico.
3. Aquela que propunha o ideal do homem como artífice de seu próprio destino, tanto através dos conhecimentos (astrologia, magia, alquimia), quanto através da política (o ideal republicano), das técnicas (medicina, arquitetura, engenharia, navegação) e das artes (pintura, escultura, literatura, teatro).

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chaui – Unidade 2, cap. 4

Os nomes mais importantes desse período são: Dante Alighieri, Marcílio Ficino, Giordano Bruno, Campanella, Maquiavel, Montaigne, Erasmo, Tomás Morus, Jean Bodin, Kepler e Nicolau de Cusa.

## 2 – RACIONALISMO

Um segundo momento do Era Moderna do pensamento filosófico foi o do Racionalismo, entre os séculos XVII e XVIII, cuja feição marcante é a do surgimento do sujeito do conhecimento, ou seja, o homem – o ser inteligente –, pelo qual e para o qual a realidade se manifesta.

Trata-se de uma nova ordem de valores: na Filosofia primitiva, estudava-se o conhecimento a partir da Natureza e da Divindade para refletir na Humanidade. Por sua vez, os racionalistas partem das capacidades intelectivas dos homens para depois ir alcançando os reflexos que o sujeito cognoscente capta.

Uma vez configurada esse ponto de partida – o sujeito do conhecimento como consciência de si reflexiva –, a questão passa a ser então o objeto conhecido. Para os filósofos modernos, as coisas exteriores (a Natureza, a vida social e política) podem ser conhecidas desde que sejam consideradas representações, ou seja, ideias conceituadas pelo sujeito do conhecimento. Isso implica que tudo o que pode ser conhecido deve poder ser transformado num conceito ou numa ideia clara e distinta, demonstrável e necessária, formulada pelo intelecto; e, por outro lado, que a Natureza e a sociedade ou política podem ser inteiramente conhecidas pelo sujeito, porque elas são inteligíveis em si mesmas, isto é, são racionais em si mesmas e propensas a serem representadas pelas ideias do sujeito do conhecimento.

Essa filosofia otimista inspirou a Revolução Científica.

“O livro do mundo está escrito com caracteres matemáticos”.

**Galileu Galilei**

Doravante essa concepção da realidade intrinsecamente racional – e, portanto, perfeitamente conhecível –, moldou a perspectiva filosófica sobre o mundo: este seria um sistema racional de mecanismos físicos, cuja estrutura essencial é matemática – noutras palavras, inteligível porque calculável. Por esta razão, Descartes metaforizou o Universo por um “bom relógio”.

“A realidade é um sistema de causalidades racionais rigorosas que podem ser conhecidas e transformadas pelo homem. Nasce a ideia de experimentação e de tecnologia (conhecimento teórico que orienta as intervenções práticas) e o ideal de que o homem poderá dominar tecnicamente a Natureza e a sociedade. Predomina, assim, nesse período, a ideia de conquista científica e técnica de toda a realidade, a partir da explicação mecânica e matemática do Universo e da invenção das máquinas, graças às experiências físicas e químicas.”

Não por acaso, foi neste período que se emanciparam da Filosofia as chamadas ciências clássicas, tais como Física, Química, Astronomia e Geometria.

Os principais pensadores desse período foram: Francis Bacon, Descartes, Galileu, Pascal, Hobbes, Espinosa, Leibniz, Malebranche, Locke, Berkeley, Newton, Gassendi.

### 3 – ILUMINISMO

O que se segue ao Renascimento e Racionalismo é o **Iluminismo** (a partir do Século XVII) – a era das luzes, da iluminação humana, conforme descreveu Immanuel Kant:

“O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! – esse é o lema do Iluminismo.”

Enquanto a Escolástica e o Absolutismo buscavam esquadrihar a compreensão da realidade pela revelação e pelo poder consagrado, os iluministas partiram do empirismo (conhecimento adquirido pela realidade prática) para a compreensão de todas as ideias – dos fenômenos físicos para os fenômenos humanos e culturais.

Não mais a imposição dos dogmas, mas, doravante, o livre pensar e o desenvolvimento prático das ideias através das Ciências e tecnologias.

O Iluminismo forneceu boa parte do fermento intelectual de eventos políticos que se revelariam de extrema importância para a constituição do mundo moderno, tais como: a expansão da Imprensa, industrialização, Revolução Francesa, a Constituição polaca de 1791, a Revolução Dezembrista na Rússia em 1825, o movimento de independência na Grécia e nos Balcãs, bem como os diversos movimentos de emancipação nacional ocorridos no continente americano a partir de 1776.

Assim pensavam os iluministas:

- Através da razão, o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade sociopolítica;
- A razão é capaz de construir a evolução e o progresso, já que o homem é um ser perfectível. A perfectibilidade consiste em liberar-se dos preconceitos religiosos, sociais e morais, em libertar-se da superstição e do medo, graças ao conhecimento, às ciências, às artes e à moral;
- O aperfeiçoamento da razão se realiza pelo progresso das civilizações, que vão das mais atrasadas às mais adiantadas, pois a evolução é uma lei natural e passível de ser descoberta no mundo orgânico, no devir histórico e na produção humana;
- Há diferença entre Natureza e civilização, isto é, a Natureza é o reino das relações necessárias de causa e efeito ou das leis naturais universais e imutáveis, enquanto a civilização é o reino da liberdade e da finalidade proposta pela vontade livre dos próprios homens, em seu aperfeiçoamento moral, técnico e político.
- O aperfeiçoamento natural segue um rumo, se não determinado e previsível – como acreditavam Fichte, Augusto Comte e Karl Marx) –, pelo menos inteligível e calculável – como supunham Spencer e Darwin).

Foi dentro dessa concepção evolucionista que se desenvolveram acentuadamente ciências com ideias progressistas, como: Biologia e Medicina (evolução natural) e; Economia e

Sociologia (evolução social e política). Além disso, brotou-se nesse tempo certo **Idealismo**, doutrina pela qual seus pensadores guiavam-se fortemente pelo que era ideal, mais do que pelo real, resgatando o platonismo, ao conceituar a essência espiritual das coisas (divinas e perfeitas), conquanto não parecesse pelos reflexos concretos (pela ilusão da matéria).

Os expoentes do período iluminista foram: Hume, Voltaire, D'Alembert, Diderot, Rousseau, Kant, Luis Pasteur e Schelling.

## 4 – PRELÚDIO PARA O NEOESPIRITUALISMO

Bem em tempo ao idealismo mecanicista – de que o homem, somente por si mesmo, chegaria à prosperidade; de que a racionalidade teria enterrado a Teologia e a Metafísica –, a espiritualidade enviava seus arautos, como prelúdio para o Moderno Espiritualismo (a invasão organizada de Espíritos do século XIX) e à Doutrina Espírita. Entre eles, especialmente temos Swedenborg e o Magnetismo de Mesmer.

**Emanuel Swedenborg** (1688-1772) foi um polímata sueco de extenso currículo científico que, no entanto, guinou-se ideologicamente a partir de quando foi acometido por êxtases, pelos quais recebeu o que julgou serem revelações divinas, chocando a comunidade científica – de quem gozava ótima reputação –, por seus feitos mediúnicos fantásticos (sobretudo pelas precognições), e chocando ainda os religiosos de seu tempo, já que as teorias do vidente quebravam paradigmas, tais como: a Santíssima Trindade (Swedenborg dizia que Jesus era filho de Deus, e não a própria Divindade); o sistema clássico dos anjos e demônios (nada mais do que seres desencarnados, mais ou menos evoluídos) e, de uma maneira geral, a vida além-túmulo (que ele apontava como continuação natural da passagem terrena).

Embevecido pelas próprias descobertas, Swedenborg fronteirou o misticismo e o autoculto, comprometendo assim seu prestígio pessoal, bem como o de seus feitos como médium – o que levou o filósofo Immanuel Kant a questionar sua sanidade e acusar sua espiritualidade como “lenda popular”.

Na Revista espírita de novembro de 1859, consta uma comunicação sua à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na ocasião em Allan Kardec assinala o erro de Swedenborg em aceitar prontamente tudo o que ouvira dos Espíritos, ademais, em ter somado às revelações mediúnicas o seu animismo, conforme o próprio exprime:

“Quando eu estava no silêncio e no recolhimento, meu Espírito estava como arrebatado, em êxtase, e via claramente uma imagem diante de mim que me falava e me ditava o que deveria escrever; minha imaginação, algumas vezes, também nisso se misturou”.

REVISTA ESPÍRITA 1859, Allan Kardec – Novembro, pergunta 11

O codificador justifica os equívocos de Swedenborg em decorrência da inexperiência no tocante à mediunidade. Herculano Pires, corroborando Kardec, consagra a obra do sueco:

“O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considera de maneira quase positiva. Após a morte, os homens vão para esse mundo, e não são julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes “esferas” da espiritualidade. Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns”.

O ESPÍRITO E O TEMPO, José Herculano Pires – Cap. 1V, Item 1

Se Swedenborg falhou ao não observar mais rigorosamente os critérios da racionalidade para interpretar seus “dons” – comprometendo, inclusive, os fins a que eles deveriam se prestar –, o mesmo não se aplica ao trabalho de Mesmer, ao criar o Magnetismo Animal – ou Mesmerismo. Este, com toda convicção, cuidou para preservar seu trabalho dentro dos critérios da Ciência.

**Franz Anto Mesmer** (1734-1815) foi um médico germânico de reconhecida genialidade, o que lhe favoreceu acesso ao meio científico, artístico e social – tendo sido homenageado por Mozart na obra “Cosi fan tutti”. Rejeitando a Fisiologia clássica (de natureza materialista), investiu sua carreira na ideia do “fluido magnético” e, por conseguinte, na capacidade de sua transmissão para efeitos curativos – técnica essa precursora da ciência e prática do hipnotismo moderno.

Embora tenha sido bem sucedido com muitos pacientes, Mesmer não recebeu de pronto a aceitação de seus colegas, tendo mesmo vivido sob grande adversidade, para ser redescoberto no Espiritismo, quase um século depois, pelo que se convencionou chamar de **passo magnético**.

Ainda que Mesmer não tenha conseguido sistematizar precisamente sua revolucionária descoberta, involuntariamente, deixou à espiritualidade uma grande contribuição ao abrir uma lacuna que os enciclopedistas de sua geração não conseguiram suplantam.

#### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Pesquisa geral:** Renascimento, Racionalismo, Revolução Científica, Iluminismo e as biografias de Swedenborg e Mesmer.

**Livro:** Item Novembro: “Swedenborg” na “REVISTA ESPÍRITA 1859”, Allan Kardec.

## O HOMEM-RELÓGIO

Os livros de divulgação científica para a juventude falam sempre com desprezo do “antropomorfismo” das ideias antigas acerca do cosmos. Nada mais ingênuo, parece, do que vislumbrar intenções humanas – ou divinas – nas plantas, nas pedras, nos ventos e nas galáxias. Sentado no pináculo da evolução científica, qualquer garoto de escola, baseado na autoridade de livros que nunca leu, ri das gerações que o antecederam desde o começo do mundo.

Mas o fato é que por trás de toda concepção científica do universo há sempre um esquema imaginativo subentendido, e enquanto esquema imaginativo da totalidade da natureza o antropomorfismo é infinitamente menos ingênuo do que todos aqueles que o sucederam desde o Renascimento até hoje.

Descartes e Newton concebiam o universo como um relógio. Nenhum índio seria cretino o bastante para acreditar numa coisa dessas. Mesmo um indiozinho pequenininho já sabe que a natureza é astuta e imprevisível. A hipótese de aprisioná-la numas quantas fórmulas repetíveis lhe pareceria puro charlatanismo, e ele não precisaria de mais de uns segundos para rejeitá-la *in limine*. Já a nossa cultíssima civilização precisou de três séculos para despertar da ilusão mecanicista. Precisamos de Planck e Heisenberg para nos provar algo que qualquer indiozinho de seis anos nos teria contado antes deles. Não nego que a prova, em si, vale alguma coisa. Mas quantos a conhecem? Kant estava erradíssimo ao conceber a autonomia de julgamento como a fina flor da civilização moderna. O homo urbanus, na sua esmagadora maioria, acredita em Planck e Heisenberg só por ouvir dizer: não tem a independência de juízo com que o indiozinho acredita em seus próprios olhos.

O mecanicismo se impôs porque dava aos homens uma demencial ilusão de poder. “Saber é prever, prever para poder”, proclamava Comte. Se a realidade era uma máquina, bastava saber apertar os botões certos para obter os resultados desejados. Daí à “física social” e à economia planejada, foi um piscar de olhos. Uns 150 milhões de seres humanos pereceram vítimas desse experimento científico. E tudo começou com um relógio.

É verdade que a falsa imagem do conjunto, simplificando o raciocínio, permitiu que certos detalhes fossem calculados com mais precisão. Descartes conhecia os pormenores da refração óptica bem melhor que o indiozinho. Mas isto não tornava menos idiota o seu esquema geral do cosmos, nem menos devastadoras as consequências de uma ciência de pormenores erguida sobre um esquema imaginativo pueril.

Nada do que se diga da importância vital dos esquemas imaginativos no conhecimento será exagero. Não podemos conhecer, pela observação científica, a totalidade do real. Mas todos temos dela alguma expectativa que se traduz em imagens. É sobre estas imagens que se constrói o edifício do conhecimento racional. Toda a psicologia, de Aristóteles a Piaget, mostra que a inteligência racional não opera diretamente sobre os dados dos sentidos, mas sobre as imagens, os “fantasmas”, diziam os gregos, depositados na memória. A imaginação é a ponte entre o sensível e o inteligível. *Imaginatio mediatrix*, dizia o grande Hugo de S. Vítor: a imaginação é mediadora.

Por isso, todo conhecimento, toda civilização se ergue sobre um fundo imaginário. A tremenda estabilidade, a sanidade inabalável de tantas culturas primitivas dotadas de nada mais que um mínimo de saber científico deveu-se justamente à adequação entre seus esquemas imaginativos e a realidade da sua experiência vivida. Envolto em mitos e lendas,



esses homens antigos podiam nada saber de quarks e buracos negros, mas tinham um pressentimento certo do lugar da existência humana no cosmos e sabiam traduzi-lo em atos e palavras dotados de sentido. Há infinitamente mais sentido em falar com as plantas do que em imaginar-se engrenagem de um relógio. A concepção antropomórfica da planta é incomparavelmente mais inteligente e mais digna do que a concepção relogiomórfica do homem. Achar que uma planta é uma pessoa pode inibir um homem de matar a planta. Mas se você acha que as pessoas são relógios, nada mais lógico do que matá-las porque se recusam a funcionar como relógios. Robespierre, Lenin e Hitler nada fizeram senão tirar as consequências das premissas lançadas por Descartes e Newton. Viktor Frankl dizia isso: se o homem é apenas um produto industrial, não há nada de mais em jogar alguns fora no controle de qualidade. Cada vez mais acho que ele tinha razão. Auschwitz e o Gulag não são propriamente filhos da ciência, mas são filhos do esquema imaginativo imbecil e inumano que a ciência moderna criou *ad hoc* para poder se desenvolver.

É altamente duvidoso que mesmo os mais extraordinários progressos da técnica valham tamanha mutilação da imagem do mundo, mesmo porque nada prova que a amputação fosse estritamente necessária, que a ciência que temos, ou mesmo outra melhor, não poderia ter-se desenvolvido sem isso.

Hoje o mecanicismo está desmoralizado, morto, esquecido. Mas a imagem medieval do cosmos vivente e dotado de sentido cujo lugar ele usurpou no imaginário do homem ocidental e que já não era certamente um puro antropomorfismo, mas uma concepção muito mais fina e elaborada – continua sepultada e proibida. E as ondas de ocultismo e bruxaria, que de tempos em tempos inundam o mundo tecnológico, não são senão o protesto neurótico de um impulso legítimo que, reprimido, ressurgiu sob a forma de doença. A imaginação do homem ocidental não foi sufocada pelo puro materialismo, mas por uma parceria de materialismo e ocultismo. Quando Edmund Husserl, no começo do século XX, advertiu para uma crise de racionalidade nas ciências, ele tocou no problema decisivo da nossa civilização: até que ponto um saber científico que se erigiu sobre um esquema imaginativo falso e mutilador pode conservar a dignidade de ciência em vez de tornar-se uma mitologia de segunda mão?

**Olavo de Carvalho**

Jornal O Globo, 28 de julho de 2001



# MORTE E RESSURREIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE

AS FACETAS FILOSÓFICAS A PARTIR DO SÉCULO XIX E O  
MODERNO ESPIRITUALISMO

---

## 1 – HORIZONTE IDEALISTA

Após os grilhões que reprimiram o intelecto terem sido destruídos pelo Iluminismo, a Filosofia chega ao Século XIX inspirada pelo movimento chamado **Romantismo**, que pretendeu combinar a racionalidade clássica com um senso emocional e orgânico do mundo – uma tendência originalmente das Artes que entusiasmou o pensamento de modo geral.

Foi nesse estágio que surgiram artistas e pensadores com o propósito de promover os sentimentos sobre a razão, a criatividade sobre o espírito crítico; a subjetividade (liberdade nas artes) sobrepondo as regras formais. No caso da poesia, por exemplo, o estilo clássico impunha uma série de regras formais para a métrica (determinismo para a quantidade de sílabas, ritmo e rima), que com os romancistas, então perderam a obrigatoriedade. Um exemplo saliente é o que ocorreu quando Descartes publicou seu “DISCURSO DO MÉTODO” em francês, já que o paradigma era usar o latim.

Enquanto que na Antiguidade eram os argumentos filosóficos que geravam os eventos, no Século XIX, inversamente, os eventos sociais e políticos deram rumos aos argumentos dos filósofos e criaram as tendências modernas – muito particulares, por sinal (centralizadas em seu propositor ou num reduzido grupo deles).

O **Utilitarismo** de **Jeremy Bentham** (1748-1832) e **John Stuart Mill** (1806-1873) foi uma proposta ética que sistematizou o princípio da utilidade, que prescreve a ação ou inação em favor do benefício à coletividade. É o *ser útil*, e de alguma forma *ser ético*, sobrepondo ao metódico *ser exato*: a melhor ideia ou ação é a que busca a maior felicidade para o maior número de indivíduos; a moralidade da ação é medida pelas consequências por ela produzidas. No entanto, houve quem interpretasse o Utilitarismo como uma filosofia imediatista, pelo que resultava em “o fim justifica os meios” e a “lei da selva”, dentro do *princípio da agregação* (é válido o sacrifício da minoria em favor de um bem maior; saldo positivo), ainda que os utilitaristas se recorressem a outro fundamento dessa doutrina que era o da *imparcialidade e universalismo* (igualdade entre os seres; consequências fortuitas).

O francês **Augusto Comte** (1798-1857) deu a luz ao **Positivismo**: sistema filosófico, sociológico e político que radicaliza o pensamento puramente materialista, em que o conhecimento científico é a única verdade, excluindo todo e qualquer fenômeno espiritual. Propôs a “religião da Humanidade”, que buscasse a verdade e a moral apenas com os valores humanos (físicos). O lema dos positivistas foi cunhado por Comte: “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim” – servindo de inspiração para o lema da República brasileira a inscrição na Bandeira Nacional (“Ordem e Progresso”).

A mais amarga proposição filosófica que se tem registro foi a do **Niilismo**, cujo fundamento capital é o de que a vida não tem nenhum sentido ou utilidade no seu final. Para seus adeptos, não há consequência cósmica, ou seja, tudo é fortuito e a morte é o fim. A síntese niilista está em **Nietzsche** (1844-1890) – o homem que matou Deus:

“A moral não tem importância e os valores morais não têm qualquer validade, só são úteis ou inúteis consoante a situação; A verdade não tem importância; verdades indubitáveis, objetivas e eternas não são reconhecíveis. A verdade é sempre subjetiva; Deus está morto: não existe qualquer instância superior, eterna. O Homem depende apenas de si mesmo; O eterno retorno do mesmo: A história não é finalista, não há progresso nem objetivo.”

A evidente inconsistência desse “nada” começa já nos valores que os niilistas pretenderam vender: e para que o niilismo, se não há valores?

Ainda sim, tal pessimismo influenciaria notáveis pensadores do século seguinte, como **Martin Heidegger** (1889-1976) e **Jean-Paul Sartre** (1905-1980), com seu **Existencialismo** – no qual o ser nasce do nada, constrói-se e vive puramente para sua existência material, voltando para o mesmo vazio de onde veio (“A existência precede a essência”).

O **Marxismo**, idealizado pelos alemães **Karl Marx** (1818-1883) e **Friedrich Engels** (1820-1895), foi um conjunto de ideias de caráter filosófico, social, econômico e político. Sua linha de pensamento é de caráter revolucionário, ou seja, de ação física (não necessariamente violenta) para a construção de um mundo igualitário. A pretexto da cartilha marxista, desencadearam-se inúmeros conflitos e guerras civis.

O **Naturalismo** expandiu a teoria da evolução das espécies, arquitetada a partir de **Lamarck** (1744-1829), **Mendel** (1822-1884), **Charles Darwin** (1809-1882). Adão e Eva foram apagados da História pelas comprovações do princípio da hereditariedade e, na concepção materialista, o Criador idem – um duro golpe contra a Igreja.

Os idealistas supunham que no futuro só haveria ciências, e que elas dariam rumo e conceituariam e explicariam todas as ocorrências – decretação da inutilidade e fim da Filosofia.

## 2 – DO OTIMISMO CIENTIFICADO AO REALISMO

Embalados pelas teorias, técnicas e descobertas científicas, os pensadores do Século XIX construíram uma filosofia otimista no saber humano, sob a força inexorável do progresso natural. Cria-se, por exemplo, que a Sociologia ergueria uma sociedade igualitária, justa e fraterna; que os sistemas econômicos, aliados às máquinas, estabeleceriam a abundância geral; que Biologia e a Medicina curariam todas as enfermidades, etc.

Mas não tardou para uma reavaliação histórica ser posta em discussão: o surgimento de novos dilemas e a insolubilidade de velhos entraves (guerras, miséria, injustiças, novas doenças, tirania, etc.) são alguns tópicos levantados na Filosofia contemporânea – mais crítica do que propriamente ciência prática.

O apanhado dessa releitura acerca da evolução do ser, da sociedade, das ciências e artes levou uma importante linha de filósofos a tecerem ideias valorizando a História e a historicidade, como se lê pelo filósofo alemão Hegel, que afirma então que a História é o modo de ser da razão e da verdade, o modo de ser dos seres humanos e que, portanto, somos seres históricos.

De forma prática, os pensadores do século XX propuseram que a sequência histórica implica na conceituação dos valores. Por exemplo, aquilo que esteve em voga e funcionou bem num determinado período não pode ser estendido absolutamente às épocas retrocedentes e posteriores, cujas características divergem, pela força da ordem natural dos tempos (a lei do

talião pode servir de ilustração). Além disso, o progresso não é padronizado para todos os povos, havendo culturas e nações mais adiantadas que outras, permitindo assim diferentes interpretações de valores (uma demonstração: em determinadas etnias a bigamia é tão trivial quanto é a monogamia para outras).

“Cada cultura inventa seu modo de relacionar-se com o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e suas crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais, de criar as obras de pensamento e de arte. Cada uma, em decorrência das condições históricas, geográficas e políticas em que se forma, tem seu modo próprio de organizar o poder e a autoridade, de produzir seus valores”.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chauí – Unidade 1, cap. 5

No século XX a Filosofia transpôs o otimismo científico para desembocar no moderno **Realismo**, em que o idealismo é substituído pelo real, na busca pela explicação lógica dos valores morais e acontecimentos, considerando a soma de fatores que os justifiquem, descaracterizando-se do pretensioso credo de, filosofando, tudo abarcar em si. Essa característica tem sugerido ultimamente uma nova corrente de pensamento sob o epíteto de **Desconstrutivismo** ou **desconstrucionismo**.

Quase absolutamente, em síntese, estava decretada a morte da espiritualidade.

### 3 – MODERNO ESPIRITUALISMO

Num momento em que as ideias libertárias se confundiam com o ateísmo, surgiu uma série de fenômenos espirituais tão salientes que abalaram o mundo, dando luz ao chamado **Moderno Espiritualismo**. Por que uma infinidade de emissários do além se manifestou indiscriminadamente por toda parte, por diversos meios e à presença de variadas classes (pobres e aristocratas, moços e idosos, sábios e iletrados, etc.), a série foi chamada pelo médico e escritor **Arthur Conan Doyle** (1859-1930) de “invasão organizada de Espíritos”.

Era a concretização do que renunciaram Swedenborg, Andrew Jackson Davis, Edward Irving, Elder Evans (os Shakers) e tantos outros reflexos mediúnicos espalhados pelo mundo.

De susto ao espetáculo: não tardou para a sociedade explorar os efeitos e desta forma, na segunda metade do Século XIX, a diversão da burguesia era as sessões das Mesas Girantes.

A comunidade científica se mobilizou para apurar aquele novo espiritualismo, tendo as pesquisas de **Sir William Crookes** (1832-1919), químico, físico e cavaleiro inglês, como o caso mais emblemático. Membro do Royal College of Chemistry, ele foi designado pela academia para pesquisar (desmascarar?) os médiuns e os eventos produzidos por intermédio deles. Em seu relatório conclusivo, atestou a conexão entre os planos físico e espiritual. Na posse da presidência da British Association for the Advancement of Science (Associação Britânica pelo Avanço da Ciência), discursou convicto:

“Já se passaram trinta anos desde que publiquei um relatório dos experimentos tendentes a mostrar que fora de nosso conhecimento científico existe uma Força utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais... Nada tenho a me retratar. Confirmo minhas declarações já publicadas. Na verdade, muito teria que acrescentar a isto”.

Outros renomados cientistas seguiram o mesmo itinerário e ratificaram as descobertas de Crookes, tais como **Alfred Russel Wallace** (1823-1913), **Oliver Lodge** (1851-1940), **Alexandre Aksakof** (1832-1903), **Cesare Lombroso** (1835-1909), entre outros.

As consequências filosóficas dessa invasão espiritual foram imediatas: a nova potência (de caráter sobre-humano) obrigava os pensadores a uma releitura de todo conhecimento

científico adquirido até então – já que esses prodígios escapavam às leis clássicas – e a admissão real de uma aparente superioridade –, uma vez que esses agentes dominam uma matéria muito mais sutil que as então captadas pela sensibilidade humana. Além disso, havia doravante a necessidade de se explorar esse mundo novo desvelado.

Foi a ressurreição da espiritualidade.

## 4 – OPOSIÇÃO SISTEMÁTICA

A fase espetacular da expansão mediúnica perdurou toda a segunda metade do Século XIX, definindo nas primeiras décadas subsequentes.

Todavia, dadas as tão salientes evidências dos fenômenos, por que o Moderno Espiritualismo não se consagrou, tendo em vista sua quase extinção?

Forçosamente, a inteligência humana se via submissa a um agente externo – os Espíritos –, o que implicava em repulsa automática dos materialistas em geral. Além disso, o caráter excessivamente religioso, com o qual o Moderno Espiritualismo foi imantado, escandalizava os pensadores – naturalmente tendenciosos ao materialismo. A maioria dos médiuns aplicaram suas faculdades para futilidades, servindo-se de pueris oráculos. De acréscimo, também os embusteiros denegriram a imagem do movimento.

Adicionemos as campanhas difamatórias e subversões ideológicas, a serviço de interesses de classes – religiosas e acadêmicas –, em meio ainda a turbulências pelas quais passava o mundo no final do Século XIX para o começo do século seguinte – turbulências essas que culminaram com as duas Guerras Mundiais.

A persuasão da **Psicanálise** de **Sigmund Freud** (1856-1939) e sua conceituação da configuração dos processos mentais (pré-consciente, consciente, subconsciente, id, ego, etc.) devolveram ao centro das atenções as potencialidades do homem físico, que nem a **Metapsíquica** de **Charles Richet** (1850-1935) e nem a subsequente **Parapsicologia** conseguiram suplantar.

Malgrado todas as forças contraditórias – ordinária miopia científica e os impulsos mercantilistas –, a espiritualidade continuou produzindo eventos cada vez mais apurados e inspirando homens nobres da Ciência (que se guiam pelo espírito de progresso), como nas ocorrências de Retrocognição (regressão da memória), Precognição (percepção extrassensorial de acontecimentos futuros), Experiência de Quase Morte (EQM), materialização de corpos fluídicos à base de ectoplasma, cirurgia espiritual, psicografia e incorporação, Transcomunicação Instrumental, etc. Mais recentemente, a **Mecânica** ou **Física Quântica** tem demonstrado a congruência da Natureza psíquica com o plano físico, e desde que **Albert Einstein** (1879-1955) estampou no mural da Ciência que “tudo é energia”, todo o materialismo se desmantelou – pois não há matéria sólida e consciência localizada.

O espetáculo mediúnico, justificado para certa época, naturalmente daria lugar à produção intelectual – a Filosofia Espírita –, fim providencial das manifestações.

“Duvidar do Espiritismo hoje já não é mais questão de fé, mas de estar-se ou não bem informado”.

**Clóvis Nunes** (Físico, especialista em TCI)

## 5 – PENSAMENTO DE VANGUARDA

Desde o litígio promulgado pelas ciências práticas, e ainda sem alcançar o escopo espírita, que horizonte se desenhou à Filosofia de vanguarda? Naturalmente, por ser corrente,

ainda não se pode precisar. Todavia, é possível rascunhar certas características filosóficas remanescentes das seculares triagens. Ei-las a seguir:

- **Ontologia** ou **Metafísica**: conhecimento dos princípios e fundamentos últimos de toda a realidade, de todos os seres;
- **Lógica**: conhecimento das formas gerais e regras gerais do pensamento correto e verdadeiro, independentemente dos conteúdos pensados; regras para a demonstração científica verdadeira; regras para pensamentos não-científicos; regras sobre o modo de expor os conhecimentos; regras para a verificação da verdade ou falsidade de um pensamento, etc.;
- **Epistemologia**: análise crítica das ciências, tanto as ciências exatas ou matemáticas, quanto as naturais e as humanas; avaliação dos métodos e dos resultados das ciências; compatibilidades e incompatibilidades entre as ciências; formas de relações entre as ciências, etc.;
- **Teoria do Conhecimento** ou estudo das diferentes modalidades de conhecimento humano: o conhecimento sensorial ou sensação e percepção; a memória e a imaginação; o conhecimento intelectual; a ideia de verdade e falsidade; a ideia de ilusão e realidade; formas de conhecer o espaço e o tempo; formas de conhecer relações; conhecimento ingênuo e conhecimento científico; diferença entre conhecimento científico e filosófico, etc.;
- **Ética**: estudo dos valores morais (as virtudes), da relação entre vontade e paixão, vontade e razão; finalidades e valores da ação moral; ideias de liberdade, responsabilidade, dever, obrigação, etc.;
- **Filosofia Política**: estudo sobre a natureza do poder e da autoridade; ideia de direito, lei, justiça, dominação, violência; formas dos regimes políticos e suas fundamentações; nascimento e formas do Estado; ideias autoritárias, conservadoras, revolucionárias e libertárias; teorias da revolução e da reforma; análise e crítica das ideologias;
- **Filosofia da História**: estudo sobre a dimensão temporal da existência humana como existência sociopolítica e cultural; teorias do progresso, da evolução e teorias da descontinuidade histórica; significado das diferenças culturais e históricas, suas razões e consequências;
- **Filosofia da arte ou Estética**: estudo das formas de arte, do trabalho artístico; ideia de obra de arte e de criação; relação entre matéria e forma nas artes; relação entre arte e sociedade, arte e política, arte e ética;
- **Filosofia da linguagem**: a linguagem como manifestação da humanidade do homem; signos, significações; a comunicação; passagem da linguagem oral à escrita, da linguagem cotidiana à filosófica, à literária, à científica; diferentes modalidades de linguagem como diferentes formas de expressão e de comunicação;
- **História da Filosofia**: estudo dos diferentes períodos da Filosofia; de grupos de filósofos segundo os temas e problemas que abordam; de relações entre o pensamento filosófico e as condições econômicas, políticas, sociais e culturais de uma sociedade; mudanças ou transformações de conceitos filosóficos em diferentes épocas; mudanças na concepção do que seja a Filosofia e de seu papel ou finalidade.

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Pesquisa geral:** Moderno Espiritualismo, Parapsicologia, Ian Stevenson, Raymond Moody, Jim Tucker, Masaru Emoto, Transcomunicação Instrumental, Física Quântica, Amit Goswami.

# ANEXO

## O EVANGELHO E O FUTURO

Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta. Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d'Aquele que é a Luz do princípio.

Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas. Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos.

O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento.

É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonía, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, enquanto os povos se preparam para o extermínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetraram todos os absurdos nos países ditos cristãos.

A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França temos a guilhotina, a força na Inglaterra, o machado na Alemanha e a cadeira elétrica na própria América da fraternidade e da concórdia, isto para nos referirmos tão-somente às nações supercivilizadas do planeta. A Itália não realizou a sua agressão à Abissínia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte séculos, todas as discórdias e todas as amarguras do mundo.

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos "ais" do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de

declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça.

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, operários humildes do Cristo, ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma: "Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!"

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

Reverendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

**A CAMINHO DA LUZ**, (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier – cap. XXV



# PENSAMENTO FILOSÓFICO

## LÓGICA, PENSAMENTO E VERDADE

---

### 1 – LÓGICA

O termo grego *Logos* significa ao mesmo tempo palavra, pensamento, ideia, argumentação, razão ou princípio lógico. Em Filosofia, é **Lógica** ou **Razão**: a ramificação especializada em estudar a verdade e dos meios de se alcançá-la e a preservar de raciocínios inválidos, cujos fundamentos partiram do esforço de Aristóteles.

É fundamental associar o pensamento lógico com a **linguagem**, pois esta é necessária para a manifestação do intelecto, e é onde as ideias se fixam pela determinação do raciocínio. Porém, essa relação intrínseca oportuniza subjetividades e até incongruências (quando a linguagem consegue explicar fielmente as ideias? Quando o interlocutor está apto a captar e retransmitir pensamentos pela linguagem empregada?).

O pensamento lógico se opõe a certos conceitos:

- à ilusão (mera aparência das coisas, conforme cada um capta);
- à emoção (sentimento, paixão, opinião instintiva, que ora pode dizer sim, ora não);
- à crença (fé revelada ou inspirada, sem elaboração intelectual), e;
- ao místico (êxtase místico, mediúnico, onírico, que rompe com o estado consciente).

São princípios da razão:

- **Princípio da identidade:** definição das ideias para preservar aquilo que elas são, para a partir de então associá-las às outras coisas (“A é A”, “o triângulo tem três ângulos”);
- **Princípio da não-contradição:** aquilo que é (que tem identidade) não pode negar-se (“Deus é bom, não faz o mal, pois não deixa de ser bom”, “uma figura geométrica que não tenha três ângulos não pode ser classificada como triângulo”);
- **Princípio do terceiro excluído:** definição das ideias pela opção pura do “certo ou errado”, “isto ou aquilo”, sem terceira opção, pois “isto não pode ser aquilo”. Quando nos submetemos a um teste de múltiplas escolhas (em que podemos assinalar várias alternativas como corretas), estamos na verdade sopesando uma a uma das opções à condição de certo ou errado.
- **Princípio da casualidade:** tudo tem um porquê (causa ou motivo) para ser e acontecer.

Como se percebe, Lógica clássica baseia-se em princípios rígidos, semelhantes às leis Físicas e Matemáticas. No entanto, a Mecânica Quântica derrubou certos dogmas da Física Clássica, colocando em xeque mesmos os princípios da Razão filosófica, especialmente no que diz respeito à influência do observador frente ao fenômeno, cujos efeitos dependem da posição do observador. Assim sendo, como formatar a identidade e a casualidade de uma coisa na dimensão terrena segundo o princípio quântico das possibilidades, que são

multidimensionais?

Além disso, desde a Psicanálise de Freud, como definir o estado consciencial para que se distinga a que a razão se oponha?

É, pois, tarefa da Filosofia refazer sua Lógica.

## 2 – PENSAMENTO E VERDADE

O pensamento é a exteriorização em si mesmo do Ser vivente, denotando vontade e capacidades que variam entre aspectos como: certo ou errado, belo ou rude, bom ou mal etc. – sempre relativo ao espírito do observador.

“Cada pensamento produz uma forma. Quando visa uma outra pessoa, viaja em direção a essa. Se é um pensamento pessoal, permanece na vizinhança do pensador. Se não pertence nem a uma, nem a outra categoria, anda errante por um certo tempo e pouco a pouco de descarrega, se desfazendo no éter. Cada um de nós deixa atrás de si por toda parte onde caminha, uma série de formas-pensamentos. Nas ruas flutuam quantidades inumeráveis. Caminhamos no meio deles.

“Quando o homem momentaneamente faz o vácuo em sua mente, os pensamentos que lhe não pertencem o assaltam; em geral, porém, o impressionam fracamente. Algumas vezes, todavia, um pensamento surge e atrai a sua atenção de um modo particular. O homem comum se apodera-se dele e o considera como coisa própria, fortifica-o pela ação de sua própria força, e, por fim, o expele em estado de ir afetar outra pessoa. O homem não é responsável pelo pensamento que lhe atravessa a mente, porquanto pode não lhe pertencer. Porém, torna-se responsável quando se apodera de um pensamento e o fixa em si e depois o reenvia fortalecido”.

COMPÊNDIO DE TEOSOFIA, C. W. Leadbeater

Em sua essência, o pensador sempre busca “sua verdade”. Mesmo quando está mentindo conscientemente (ao externar seu pensamento por alguma linguagem), o indivíduo profere naturalmente o desejo de que sua mentira fosse verdadeira (essa mentira é ali a sua verdade). Mas, onde reside a verdade?

“A verdade é como o sol: ela nos permite ver tudo, mas não nos deixa que a olhemos”.

Victor Hugo

Supõe-se que a verdade seja em variadas faces:

- **Subjetiva:** ato pessoal: somente o portador pode medir sua dor física;
- **Objetiva:** é o caso das verdades matemáticas, sejam elas a priori (uma reta é a menor distância entre dois pontos, independentemente de seu comprimento) ou a posteriori (feita a operação, o resultado satisfaz às provas, quantas vezes processada a operação anterior ou equivalente);
- **Relativa:** não havendo mecanismos totalmente exatos, os conceitos são consagrados circunstancialmente e produzem efeitos concretos até serem suplantados (certas leis newtonianas prevaleceram até a vinda da lei de relatividade de Albert Einstein);
- **Absoluta:** um fato é sempre uma verdade.

## 3 – INATISMO VERSUS EMPIRISMO

Mas de onde vêm as ideias de nosso pensamento e qual a verdade delas?

Em Sócrates e Platão, o verdadeiro está nas **ideias inatas**, ou **Inatismo**, do mundo das

ideias. O homem então nada aprende, mas sim se recorda do que seu Espírito tem em estado latente. É o que ilustra no mito de Er:

O pastor Er, da região da Panfília, morreu e foi levado para o Reino dos Mortos. Ali chegando, encontra as almas dos heróis gregos, de governantes, de artistas, de seus antepassados e amigos. Ali, as almas contemplam a verdade e possuem o conhecimento verdadeiro. Er fica sabendo que todas as almas renascem em outras vidas para se purificarem de seus erros passados até que não precisem mais voltar à Terra, permanecendo na eternidade. Antes de voltar ao nosso mundo, as almas podem escolher a nova vida que terão. Algumas escolhem a vida de rei, outras de guerreiro, outras de comerciante rico, outras de artista, de sábio. No caminho de retorno à Terra, as almas atravessam uma grande planície por onde corre um rio, o Lethé (que, em grego, quer dizer *esquecimento*), e bebem de suas águas. As que bebem muito esquecem toda a verdade que contemplaram; as bebem pouco quase não se esquecem do que conheceram. As que escolheram vidas de rei, de guerreiro ou de comerciante rico são as que mais bebem das águas do esquecimento; as que escolheram a sabedoria são as que menos bebem. Assim, as primeiras dificilmente (talvez nunca) se lembrarão, na nova vida, da verdade que conheceram, enquanto as outras serão capazes de lembrar e ter sabedoria, usando a razão.

Para provar a tese, Sócrates interpelava meros camponeses, de quem extraía naturalmente grandes ideias e conceituações, pois as indagações bem colocadas os faziam recordar-se das verdades que carregavam em si.

Também René Descartes era da versão inatista, cujas ideias representam “a assinatura do Criador” em cada uma de Suas criaturas. Segundo o francês, por serem divinas, essas ideias inatas são sempre certas e, graças a elas, podemos julgar as ideias adventícias (que vêm de fora) são verdadeiras ou falsas, e saber que as ideias fictícias (que criamos em nossa imaginação e fantasia) são o tempo todo incorretas (não correspondem a nada fora de nós).

A contraproposta é o **Empirismo**, cuja doutrina defende a origem das ideias pelo acúmulo de experiências, que o homem recém-nascido é uma “folha de papel em branco”, rabiscada pela sucessão de aventuras a que ele se submeterá ao longo da vida, mediante as captações sensoriais. Portanto, uma ideia será validada se rigorosamente observada pela experiência prática, cujas deduções particulares partem para o universalismo de seus conceitos.

Porém, em ambas as proposições se vê inconsistências:

- No Inatismo: se uma ideia inata é exata (e não haveria razão para não ser), por que tantos equívocos históricos processados por esse pensamento inatista?
- No empirismo: Se o conhecimento racional for apenas a generalização e a repetição para todos os seres humanos de seus estados psicológicos, derivados de suas experiências, então o que chamamos de Filosofia, de ciência, de ética, etc. são nomes gerais para hábitos psíquicos e não um conhecimento racional verdadeiro de toda a realidade, tanto a realidade natural quanto a humana?

Mas o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) apresentou uma solução para esse impasse: a razão não está nas ideias inatas (que não existem) e nem na experiência (que é apenas ocasião para a razão formular ideias). A razão kantiana não está na essência do que se pretende conhecer, mas no processo cognoscível do próprio conhecimento. A razão não está nas coisas, mas no ser, o conhecedor.

Hegel (1770-1831), outro filósofo alemão, igualmente criticou o Inatismo e o Empirismo, explicando que ambos pecaram por supor a razão vir do objeto cognoscível, sendo que os empiristas compreendiam que esse conhecimento viesse pela experiência e os empiristas creditavam essa vinda a uma força superior. A filosofia hegeliana observou em seu conterrâneo, Kant, um subjetivismo demasiado. A razão, para Hegel, não é nem exclusivamente razão objetiva (a verdade está nos objetos) nem exclusivamente subjetiva (a

verdade está no sujeito), mas ela é a unidade necessária do objetivo e do subjetivo. Ela é o conhecimento da harmonia entre as coisas e as ideias, entre o mundo exterior e a consciência, entre o objeto e o sujeito, entre a verdade objetiva e a verdade subjetiva – verdades parciais –, com sua razão histórica.

Negando a razão mutável de Hegel, Edmund Husserl (1859-1938) afirma que as verdades racionais não são vítimas do tempo e se transformam, mas se enriquecem com ele. Husserl e sua **Fenomenologia** se propõem a uma descrição da experiência vivida da consciência, cujas manifestações são livres de suas características reais ou empíricas e consideradas no plano da generalidade essencial.

## 4 – CETICISMO VERSUS DOGMATISMO

Tais incongruências suscitam o surgimento de uma terceira linha de pensamento: **Ceticismo**, cujo sistema teórico propõe total renúncia à busca pela verdade, uma vez que ela não pode ser abarcada pela razão humana. O cético sempre manifesta explicitamente dúvidas toda vez que a razão tenha pretensão ao conhecimento verdadeiro do real.

O Ceticismo vai de encontro com o **Dogmatismo**, ou seja, a crença espontânea numa ordem de coisas tal qual a percebemos. Essa crença se procede da vida prática, do hábito e exercício das funções vitais e dos nossos relacionamentos com o mundo externo.

“Na atitude dogmática, tomamos o mundo como já dado, já feito, já pensado, já transformado. A realidade natural, social, política e cultural forma uma espécie de moldura de um quadro em cujo interior nos instalamos e onde existimos. Mesmo quando acontece algo excepcional ou extraordinário (uma catástrofe, o aparecimento de um objeto inteiramente novo e desconhecido), nossa tendência natural e dogmática é a de reduzir o excepcional e o extraordinário aos padrões do que já conhecemos e já sabemos. Mesmo quando descobrimos que alguma coisa é diferente do que havíamos suposto, essa descoberta não abala nossa crença e nossa confiança na realidade, nem nossa familiaridade com ela”.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chaui – Unidade 3, cap. 2

De variadas manifestações, os dogmas são idealizados dentro de uma busca em ordenar nosso cotidiano, dentro de uma linha conservadora e preconceituosa – para defender suas verdades –, agravando-se ainda mais quando atrelados a uma fonte de natureza sagrada, portanto, incontestes. Aquele que ousa, torna-se então herético.

Eis um exemplo de como o dogmatismo molda suas ideias: no romance de Umberto Eco, “O nome da rosa”, uma série de assassinatos misteriosos acontece e todos os mortos trazem um mesmo sinal, a língua enegrecida e dois dedos da mão direita – o polegar e o indicador – também enegrecidos. O monge Guilherme de Baskerville descobre que todos os assassinados eram frades encarregados de copiar e ilustrar manuscritos de uma biblioteca; todos eles haviam manuseado um mesmo livro no qual havia algo que funcionava como veneno (ao molhar os dedos com saliva para virar as páginas do livro, os copistas eram envenenados). Guilherme descobre que o livro era uma obra perdida de Aristóteles sobre a comédia e a importância do riso para a vida humana. Descobre também que um dos monges, Jorge de Burgos, guardião da biblioteca, julgara que o riso é contrário à vontade de Deus, um pecado que merece a morte, pois viemos ao mundo para sofrer a culpa original de Adão. Por isso, assassinou por envenenamento os copistas que ousaram ler o livro e, ao final, queima a biblioteca para que o livro seja destruído.

## 5 – O ESPIRITISMO E A RAZÃO

Por quanto persiste a negação da dimensão espiritual, ainda mais distante ficam as teorias de se apoiarem na razão, pois, construídas nos moldes das ciências clássicas, os sistemas filosóficos não conseguem tocar a essência das coisas.

A questão da razão pura e relativa, do Inatismo e dogmatismo, em resumo, de toda a essência humana, tudo está definitivamente emaranhado no processo reencarnatório, em que os estágios carnis e das permanências na erraticidade são solidários entre si. Mais além, devemos ponderar inteligência e instinto como potencialidades espirituais, de cada Espírito e também da “inteligência universal”.

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livros:** “MÊNON”, e “A REPÚBLICA”, de Platão;  
“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec - Questões 71 a 75a e 218 a 221a.

# ANEXO

## PENSAMENTO, SENTIMENTO E VIBRAÇÃO

*“Orem e vigiem, para não caírem em tentação.”*

Jesus (Mateus, 26: a 41)

Criado simples e ignorante – ou seja, puro e sem conhecimento –, o “bebê Espírito”, além dos cuidados de outras entidades mais adiantadas, inicialmente se guia por uma força instintiva, sendo esse instinto uma espécie de inteligência automática pré-programada. Todas as ações são voltadas para a sobrevivência básica (alimentação, segurança, preservação da espécie, etc.). Na medida em que se desenvolve, o indivíduo cresce em inteligência e começa a dirigir a potência do pensamento.

Pela capacidade de pensar, o sujeito não elimina o instinto (que muitas vezes se expressa positivamente), mas passa a optar e fazer escolhas, mediante um raciocínio lógico. Preciso dizer ainda que, conforme o grau desenvolvido da sua inteligência, cresce também a responsabilidade pelas suas ações, observando aqui uma diferença entre a lei humana e a lei natural de Deus: no tribunal dos homens, a aplicação do código legal é (ou era para ser) igual a todos, independentemente do grau de instrução; o fato de desconhecer a legislação não isenta ou atenua a pena. Pela lei de causa e efeito da natureza divina, aquele que sabe mais é mais responsável, conforme Jesus: “Muito será cobrado daquele que muito recebeu” (Lucas, 12:48) – isenção que não se aplica àquele que teve meios de obter o conhecimento e ignorou as oportunidades.

O desenvolvimento da inteligência estabelece mais responsabilidades, porém proporciona mais capacidades, com as quais – e só assim – tocamos a felicidade.

Pensamos e somos senhores do nosso pensamento; escolhemos o rumo do nosso pensar imediatamente ao ato. Vez ou outra, por sugestão do nosso subconsciente, por inspiração espiritual ou por influência de encarnados, algumas ideias estranhas nos vêm à mente e sentimos que elas não vieram de nossa vontade própria (pois podem parecer bem contraditórias frente à nossa índole). Daí surge a indagação:

— Somos culpados pelas ideias maldosas que surgem a nós? Ou seja; há erro já no ato de pensar?

Dizem os Espíritos que erramos pelo pensamento quando damos vazão a eles e alimentamos as más ideias. Mas ao contrário, quando cortamos o mau pensamento e resistimos à tentação de executar o plano pervertido, ganhamos mérito da boa resistência – sempre bem visto aos olhos da Divindade e dos mentores espirituais.

Se é possível dar rumo ao nosso pensamento imediatamente à formação das ideias, o mesmo não se aplica ao sentimento. Neste, nós não domamos de pronto, pois se trata de uma série acumulada de concepções que juntamos ao longo de dias, anos e, até mesmo, de encarnações.

Não dá para impor algo do tipo “Eu quero gostar de fulano”, “eu quero me sentir feliz”, “Eu não desejo passar mal como toda vez acontece quando vou naquele lugar”. As emoções se impõem hoje em decorrência daquilo que as alimentou no passado. Quando se cria pensamentos negativos acerca dos inconvenientes da chuva, o resultado trivial é que toda vez que chover, o sujeito estará propenso a não se sentir bem.

Para livrar-se de um sentimento negativo é preciso estabelecer uma série de hábitos positivos, através da força de continuados pensamentos. Ponderar, por exemplo, que o recurso

pluvial é imprescindível para nossa vida humana, para irrigar a terra, que de vez em quando até um banho de chuva pode até ser divertido, que essa água faz brotar o pão, a flor, etc. Pensar positivamente assim, seguidamente, e pelo tempo que for preciso, certamente configura um sentimento de tranquilidade para quando chover, e mesmo de gratidão a Deus pela chuva.

Quando eu penso, eu acumulo formas mentais – ideias materializadas – e assim eu dou vida a sentimentos e emoções. Somemos a essas duas potências – Pensamento e Sentimento – mais uma: a Vibração.

Nem é preciso dizer que o ato de pensar é vibrar, ou seja, exteriorizar e irradiar ao próprio redor aquilo que é do nosso íntimo. Porém, o que muitos não observam é que o sentimento também vibra. Portanto, temos aqui duas forças distintas: quando eu penso, eu jogo meus desejos no Universo voluntariamente (pois sou senhor do meu pensamento); de igual maneira, tudo que eu estiver sentindo também despejará no meu entorno vibrações da mesma ordem, agora, entretanto, sem que eu tenha controle da qualidade dessa irradiação.

Assim como os órgãos físicos não param enquanto dormimos, nossos sentimentos pulsam e vibram e criam formas mentais – positivas ou negativas – ininterruptamente, sem que possamos direcioná-las. São descargas automáticas acumuladas pelos pensamentos que temos emitido desde há muito.

Quando alguém fixa certas ideias, pode tornar-se vítima dessa obsessão que ele mesmo criou. É quando alimentamos uma paixão amorosa desenfreada, um fanatismo por uma religião, partido político ou por um time de futebol, etc. Essa fixação ronda-lhe a mente tal como um disco tocando na mesma faixa por todo o tempo, martelando sua consciência, sem que ele encontre o botão para desligar esse som. Nestas condições, o inconsciente jorra vibrações que o pensamento nem se dá conta.

Quando os sentimentos não são domados, a pessoa torna-se escrava do automatismo: come, bebe e dorme, vivendo para simplesmente sobreviver. Os fluidos que lhe circundam são de natureza qualquer sobre a qual ele não exerce poder, pois sua força de vontade está subjugada pela vibração burocrática.

Vigiar o pensamento: eis uma norma sadia!

Exercitar e preencher a mente de coisas salutares: que sabedoria!

Orar: que sublime exercício!

Quando eu cuido dos meus pensamentos, eu formato meus sentimentos e crio uma usina de emoções e vibrações poderosíssimas, que atrairão para mim pensamentos e sentimentos semelhantes. Percorro o mundo das ideias superiores e me conecto com as mentes mais evoluídas – sempre prontas a auxiliar os que sinceramente almejam a ascensão.

“Orem e vigiem os pensamentos, para não caírem em tentação”, disse-nos Jesus.

Desta forma, somemos nossas vibrações com o Plano Espiritual Superior para a nossa renovação e a renovação do nosso mundo.

**Ery Lopes**

Podcast Luz Espírita ([www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br))

# O CONHECIMENTO

## PROCESSO COGNOSCÍVEL

---

### 1 – EPISTEMOLOGIA

A Teoria do Conhecimento (do grego *episteme*) é o ramo filosófico que trata de estudar os métodos para a extração do conhecimento, bem como perscruta a validade das crenças.

Foi Platão (transcrevendo Sócrates) quem inicialmente deu forma à Epistemologia, quando para se opor aos sofistas, que propunham opiniões (crenças) particulares como possíveis conhecimentos, sendo tais teses – segundo o pensamento platônico -- interesseiras e nem sempre coerentes.

Opinião ou crença (*doxa, em grego*) é uma convicção, uma disposição subjetiva a considerar algo certo ou verdadeiro, por força do hábito ou das impressões sensíveis. Numa concepção mais recente, crença é sinônimo de religião ou seita, voltado para a fé, que se sustenta por dogmas.

Os sofistas, diante da pluralidade e do antagonismo das filosofias anteriores, ou dos conflitos entre as várias ontologias, concluíram que não podemos conhecer o Ser, mas só podemos ter opiniões subjetivas sobre a realidade. Por isso, para se relacionarem com o mundo e com os outros humanos, os homens devem valer-se de outro instrumento – a linguagem – para persuadir os outros de suas próprias ideias e opiniões. A verdade é uma questão de opinião e de persuasão, e a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento.

Em contrapartida, Sócrates, distanciando-se dos primeiros filósofos e opondo-se aos sofistas, afirmava que a verdade pode ser conhecida, mas primeiro devemos afastar as ilusões dos sentidos e as das palavras ou das opiniões e alcançar a verdade apenas pelo pensamento. Os sentidos nos dão as aparências das coisas e as palavras, meras opiniões sobre elas. Conhecer é passar da aparência à essência, da opinião ao conceito, do ponto de vista individual à ideia universal de cada um dos seres e de cada um dos valores da vida moral e política.

Já Aristóteles, distingue sete formas de conhecimento: sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. Para ele, o processo cognoscível é enriquecido pelas informações trazidas por todos os graus, de modo que, em lugar de uma ruptura entre o conhecimento sensível e o intelectual (conforme Sócrates e Platão), estabelece-se uma inter-relação. A separação se dá entre os seis primeiros graus e o último (intuição) – que é puramente intelectual. Essa separação, porém, não significa que os outros graus ofereçam conhecimentos ilusórios ou falsos e sim que oferecem tipos de conhecimentos diferentes, que vão de um grau menor a um grau maior de verdade. Em cada um deles temos acesso a um aspecto do Ser ou da realidade e, na intuição intelectual, temos o conhecimento pleno e total da realidade ou dos princípios da realidade plena e total, aquilo que Aristóteles chamava de “o Ser enquanto Ser”. A diferença entre os seis primeiros graus e o último decorre da diferença do objeto do conhecimento, isto é, os seis primeiros graus conhecem objetos que se oferecem a nós na sensação, na imaginação, no raciocínio, enquanto o sétimo lida com um objeto que só



pode ser alcançado pelo pensamento puro.

## 2 – TÉCNICA E ALIENAÇÃO

A habilidade adquirida pela repetição de procedimentos criou a **técnica**. Pois a disciplina epistemológica é uma técnica que visa estabelecer mecanismos para a filtragem do que não é verdadeiro (o falso, o incorreto, o mal) para nos aproximarmos o mais próxima da verdade, como conhecimento ou produção intelectual, tecnológica e artística. Daí, nasce a **Ciência** e os métodos especializados. Por esses valores o homem progride e faz desenvolver o seu habitat: artistas exploram técnicas para melhor explanarem seus talentos; as especializações distribuem as tarefas profissionais e qualificam a produtividade; as ciências metodizam conhecimentos acerca de conceitos e fórmulas sistemáticas.

Elaborar sistemas de aprendizado e processamento do intelecto é, de alguma forma, dogmatizar e tecnificar linhas de pensamento, com um possível efeito colateral: a **alienação**.

Considera-se um alienado o sujeito destituído de sua própria personalidade, alheio aos seus interesses e das circunstâncias que o envolvem, que não pensa por si mesmo e segue as influências de outrem, ou do senso comum.

Karl Marx explorou fartamente essa questão para acusar o modelo capitalista:

“A atividade produtiva é, portanto, a fonte da consciência, e a **consciência alienada** é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da autoalienação do trabalho”.

Segundo sua tese, no sistema de capital a massa operária produz aquilo que gera lucro ao patrão, mediante pequena compensação (salário) – que é suficiente para o manter ativo na linha de produção. Marx acreditava que num modelo socialista, todos os trabalhadores teriam influência no sistema (para produzir não o que agrada a um e a outro, mas ao bem comum; não simplesmente o que é “vendável”, mas o útil e necessário).

Quando o pensamento é dogmatizado, limita o raciocínio e aliena. Por exemplo, quando a crença impõe certo ritual para o cumprimento de certas atividades (a salvação a partir do batismo), a não observância dessa exigência anatematiza o herege.

A alienação pode ser consciente: quando há má-fé e premeditadamente se deseja dominar a situação e dominando pessoas. A **ideologia** é uma forma de alienação premeditada:

“A **ideologia** é o conjunto de representações e ideias, bem como de normas de conduta por meio das quais o homem é levado a pensar, sentir e agir da maneira que convém à classe dominante. Essa consciência da realidade é uma falsa consciência, porque camufla a divisão existente dentro da sociedade, apresentando-a como una e harmônica, como se todos partilhassem dos mesmos objetivos e ideais”.

TEMAS DE FILOSOFIA, Maria Helena Pires Martins

De outra sorte, pode ser inconsciente: o sujeito cria um sistema errôneo e crer em suas justificativas. Assim, se determinada doutrina científica estabelece regras rigorosas, pode podar avanços ignorando conceitos verdadeiros simplesmente pelo preconceito (sem a devida experimentação). E rigor não convém: Albert Einstein derrubou muitos dogmas científicos com sua lei de relatividade.

“Fazemos a ciência com fatos, como fazemos uma casa com pedras; mas a acumulação de fatos não é ciência, assim como um monte de pedras não é uma casa”.

Poincaré

A propaganda e o marketing são alienadores em potencial, pois geralmente vendem não pelo que o produto é ou para que serve, mas sim por uma aura recheada de valores, agregando-lhe características distintas e, não raro, muito falsas. Logo, quando um homem é induzido a consumir determinada cerveja, o faz pela ilusão de estar comprando alegria,

amigos, atração de mulheres bonitas e tudo mais que é mostrado no comercial.

Filosofia cobra autoconsciência; a epistemologia estuda os meios de assegurar métodos seguros de se pensar, organizando a conceituação das ideias, tentando prevenir omissões e excessos. Mas até que ponto uma doutrina ou ciência está sempre aberta?

A base filosófica espírita largueia a questão ao transcender a epistemologia, da dimensão física para a universal, do plano humano (conhecimento relativo à vida terrena) para o espiritual (conhecer pelos valores do Espírito).

Já vimos que o problema do conhecimento é básico em Filosofia. Pois se esta tem por objeto a Sabedoria, o que vale dizer o nosso saber, aquilo que sabemos, é claro que o conhecimento e a maneira pela qual o adquirimos é de importância fundamental em toda a indagação filosófica. Por isso a Teoria do Conhecimento é uma das partes mais complexas e mais debatidas da Filosofia, em todos os tempos. Na Filosofia Espírita ela assume uma importância ainda mais profunda, pois a pergunta “Como conhecemos?” implica a relação espírito-corpo. E essa relação exige a definição dos seus componentes, envolvendo as perguntas “o que é espírito?” e “o que é corpo?”.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA, José Herculano Pires – cap. III

Sem esse alargamento espiritual, a compreensão da realidade humana não apenas se reduz drasticamente como se torna impossível. Abstraindo conceitos naturais como a reencarnação, o perispírito, o livre-arbítrio e a lei de causa e efeito, a pluralidade dos mundos habitados, o intercâmbio mediúnico, a vida se torna ilógica, a Divindade perde tal característica (de sabedoria, bondade e justiça) e o rascunho do porvir se apresenta desesperador.

A realidade humana é essencialmente material e precisa da simbologia concreta para se expressar. Um exemplo: enquanto nas esferas elevadas a comunicação é pura e cristalina, na dimensão humana ela é material – seja verbal, gestual, escrita, etc. – e sujeita às imperfeições da natureza física e grosseira que se nos apresenta atualmente (limitações da linguística, deformação da mensagem, etc.). O fenômeno humano é sensorial (mediado pelos órgãos físicos); a manifestação espiritual superior é consciencial (direta, de mente para mente).

### 3 – MORAL E ÉTICA

O **senso comum** é um conhecimento espontâneo que o ser absorve de seu meio ambiente, mitos, folclore da sociedade, herança das experiências pessoais, dos relacionamentos e da cultura do seu grupo social. Tais informações são úteis para a mútua convivência neste mesmo mundo de onde se extrai as convenções. Portanto, ele é irracional e por isso mesmo levanta tabus e preconceitos.

A depuração natural do senso comum nos leva ao **bom senso**, quando refletimos sobre os valores generalizados – dito antes como sendo “verdades universais” – e deduzimos suas validades, individualmente. Doravante, o sujeito se coloca diante de dilemas reflexivos acerca da moral e da ética.

**Moral**, do latim *mores* = *relativos aos costumes*, é um código de conduta oriundo do produto de ideias de um determinado grupo social. Cada sociedade desenvolve sua própria moral e naturalmente a impõe aos elementos nela inseridos. É uma espécie de **consciência coletiva**. De acordo com o senso de cada um, a pessoa pode estar em harmonia com a moral de sua gente ou estar na condição de “imoral”.

Essa “imoralidade” brota especialmente de duas vertentes:

- 1) Por uma espécie de **anomia**, quando o sujeito rejeita a moral da sociedade por rebeldia e evasão (conceito parecido com o que modernamente se aplicou à **anarquia**);

2) O sujeito promove seu pensamento em supraposição ao pensamento coletivo, ou seja, anula o código comum substituindo-o por um particular.

O princípio da moral é adequar os cidadãos dentro dos conceitos dos direitos e deveres, mediante leis redigidas e costumes tradicionais. Porém, tem algo de mecânico, pragmático (por exemplo, a etiqueta e diplomacia). Mais refinado que a moral é a ética.

**Ética**, do grego *ethos*, embora esteja etimologicamente ligada à moral e, dentro do senso comum, inseparável desta, difere-se de moral em Filosofia pelo impulso racional de pensar como melhor se comportar, diante seus semelhantes e com suas próprias convicções. O homem de moral é aquele que cumpre os costumes e regimentos de seu povo; o homem ético é aquele que se relaciona sob o princípio do que é bom.

Ética é o princípio; moral é a normativa.

Ética é exercício; moral é teoria.

Ética é universal; moral é cultural.

Ética é a moral raciocinada.

Frente a essa disposição, o obstáculo que se apresenta é a identificação do que é e o que não é ético.

Uma forma de alienação comum é creditar à ciência a verdade suprema, simplesmente por ela ser real e concreta. Por isso a importância da ciência filosofar acerca da ética, pois nem tudo que é sofisticado é evoluído. Exemplo: a energia nuclear é de toda uma elaboração técnica e revela grande saber, contudo, os fins que justificam os investimentos em seu estudo são subjetivos. Aqui temos então: a ciência se limita aos cálculos frios e para ela, o verdadeiro e o correto são equacionados puramente no que diz respeito ao funcionamento ou não do experimento; já para a visão filosófica, além do sucesso intelectual, se faz necessário considerar o proveito comum.

Enquanto na ciência os fundamentos são racionais e a prática é mais subjetiva, nas religiões comuns os fundamentos é que são subjetivos e a prática mais racional.

Em religião, temos um exemplo clássico da diferença entre moral e ética, conforme os apontamentos aqui traçados: para certas doutrinas, ser cristão é basear-se por uma moral (preceitos e dogmas), que sugerem o cumprimento de práticas que o próprio Cristo cumpriu, por exemplo: batismo e santa ceia – embora o lava-pés e a crucificação não tenham sido muito copiados. Já num sentido ético, tais práticas externas podem até ser circunstancialmente oportunas, entretanto, o fundamento do verdadeiro cristianismo encontra-se na essência que norteia todas as ações, sejam elas pensamentos, sentimentos ou ações: a caridade.

A Doutrina Espírita adota o mandamento de Jesus como o método mais seguro para o discernimento ético:

“Fazei ao próximo aquilo que gostaríeis que eles vos fizessem, nisto consiste toda a lei e os profetas”.

**Jesus** (Mateus, 7:12)

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** “MÊNON”, e “A REPÚBLICA”, de Platão.

# ANEXO

## 1 - CITAÇÕES

*Se os olhos não fossem solares  
Jamais o Sol nós veríamos;  
Se em nós não estivesse a própria força divina,  
Como o divino sentiríamos?*  
Goethe

*“O que sabemos é uma gota; o que ignoramos, um oceano”.*  
Isaac Newton

*“Para sabermos bem as coisas, é preciso sabermos os pormenores, e como estes são quase infinitos, os nossos conhecimentos são sempre superficiais e imperfeitos”.*  
La Rochefoucauld

*“Aquele que se analisou a si mesmo, está deveras adiantado no conhecimento dos outros”.*  
Diderot

*“A dúvida é o sal do espírito, sem uma pitada de dúvida, todos os conhecimentos em breve apodreceriam”.*  
Alain

*“A essência do conhecimento consiste em aplicá-lo, uma vez possuído”.*  
Confúcio

## 2 – O MANDAMENTO MAIOR

*“Ame o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. e aqui está o segundo, semelhante a esse: ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.”*

**Jesus** (Mateus, 22: 34 a 40)

*“Façam aos homens tudo o que querem que eles façam a vocês, pois é nisto que consistem a lei e os profetas”.*

**Jesus** (Mateus, 7: 12)

*“Tratem todos os homens como gostariam que eles os tratassem”.*

**Jesus** (Lucas, 6: 31)

“Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós”, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e desinteresse para conosco, do que de nossa parte para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles a paz e a justiça reinem. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão somente união, concórdia e benevolência mútua.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XI, item 4

# EPSTEMOLOGIA MODERNA

## CONSAGRAÇÃO DA DISCIPLINA DO CONHECIMENTO

---

### 1 – CONHECIMENTO COMO DISCIPLINA

Somente na Era Moderna a teoria do conhecimento se consagrou como disciplina específica dentro da Filosofia, tornando-se matéria de estudo. Porém, não que houvesse sido desdenhada na Era Clássica – pois os gregos desenvolveram todo o pensamento filosófico como um processo cognoscível –, apenas, a dinâmica prática era direcionada para estabelecer conceitos outros, sendo o conhecimento em si não o foco, mas sim a ferramenta das atividades.

O que separou a Epistemologia moderna da teoria do conhecimento antiga foi a Escolástica, quando a Igreja formatou conceitos inéditos – e contraditórios ao modelo precedente.

“A perspectiva cristã introduziu algumas distinções que romperam com a ideia grega de uma participação direta e harmoniosa entre o nosso intelecto e a verdade, nosso ser e o mundo. O cristianismo fez distinção entre fé e razão, verdades reveladas e verdades racionais, matéria e espírito, corpo e alma; afirmou que o erro e a ilusão são parte da natureza humana em decorrência do caráter pervertido de nossa vontade, após o pecado original”.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chauí – Unidade 4, cap. 1

Na idade Média, o conhecimento e a verdade foram subjugados à fé e a ratificação religiosa, fazendo um paralelo com o modelo de cidadania romana, em que cada pessoa tem sua individualidade – com seus direitos e deveres – subordinados ao Estado.

Os filósofos iluministas cuidaram então de desvincular a fé da razão, considerando cada uma delas destinada a conhecimentos diferentes e sem qualquer relação entre si. A segunda tarefa foi a de explicar como a consciência, embora diferente dos corpos, pode conhecê-los. Consideraram que a alma pode conhecer os corpos porque os representa intelectualmente por meio das ideias e estas são imateriais como a própria alma. A terceira tarefa foi a de explicar como a razão e o pensamento podem tornar-se mais fortes do que a vontade e controlá-la para que evite o erro.

Este rearranjo conceitual exigiu a instalação de uma ciência específica: **Epistemologia**.

### 2 – CONCEPÇÕES DA REALIDADE

Nossa ideia de **Realidade**, ou **Verdade**, foi construída ao longo dos séculos, a partir de três concepções diferentes, vindas da língua grega, da latina e da hebraica.

Em grego, verdade se diz *aletheia*, significando: *não-oculto*, *não-escondido*, *não-dissimulado*. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do Espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro se opõe ao falso, *pseudos*, que é o encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser e não é como parece. O verdadeiro é o evidente ou o plenamente visível para a razão. Assim, a verdade é uma qualidade das próprias coisas e o verdadeiro está nas próprias coisas. Conhecer é ver e dizer a

verdade que está na própria realidade e, portanto, a verdade depende de que a realidade se manifeste, enquanto a falsidade depende de que ela se esconda ou se dissimule em aparências.

Em latim, verdade se diz **veritas** e se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes, pormenores e fidelidade o que aconteceu. Portanto, verdadeiro se refere à linguagem enquanto narrativa de fatos acontecidos, refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais. A verdade depende, de um lado, da veracidade, da memória e da acuidade mental de quem fala e, de outro, de que o enunciado corresponda aos fatos acontecidos. A verdade não se refere às próprias coisas e aos próprios fatos (como acontece com a *aletheia*), mas ao relato e ao enunciado, à linguagem. Seu oposto, portanto, é a mentira ou a falsificação. As coisas e os fatos não são reais ou imaginários; os relatos e enunciados sobre eles é que são verdadeiros ou falsos.

Em hebraico verdade se diz **emunah** e significa *confiança*. Agora são as pessoas e é Deus quem são verdadeiros. Um Deus verdadeiro ou um amigo verdadeiro são aqueles que cumprem o que prometem, são fiéis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança. A verdade se relaciona com a presença, com a espera que aquilo que foi prometido ou pactuado irá cumprir-se ou acontecer. **Emunah** é uma palavra de mesma origem que amém, que significa “*assim seja*”. A verdade é uma crença fundada na esperança e na confiança, referidas ao futuro, ao que será ou virá. Sua forma mais elevada é a revelação divina e sua expressão mais perfeita é a profecia.

**Aletheia** se refere ao que as coisas **são**; **veritas** se refere aos fatos que **foram**; **emunah** se refere às ações e as coisas que **serão**. A nossa concepção da verdade é uma síntese dessas três fontes e por isso se refere às coisas presentes (como na *aletheia*), aos fatos passados (como na *veritas*) e às coisas futuras (como na *emunah*). Também se refere à própria realidade (como na *aletheia*), à linguagem (como na *veritas*) e à confiança/esperança (como na *emunah*).

A questão do conhecimento torna-se, portanto, crucial e a Filosofia precisa começar pelo exame da capacidade humana de conhecer a verdade-realidade, pelo entendimento ou sujeito do conhecimento. A teoria do conhecimento volta-se para a relação entre o pensamento e as coisas, a consciência (interior) e a realidade (exterior), o entendimento e a realidade; em suma, o sujeito e o objeto do conhecimento.

### 3 – TEORIAS MODERNISTAS

A busca da verdade e do conhecimento no movimento modernista partiu do exame crítico das causas e manifestações dos equívocos, dos preconceitos e senso comum. Francis Bacon elaborou a teoria da **crítica dos ídolos** (do grego *eidolon*: *imagem*); René Descartes deu à luz ao método de análise conhecido como **dúvida metódica**.

De acordo com Bacon, existem quatro tipos de ídolos ou de imagens que formam opiniões cristalizadas e preconceitos, que impedem o conhecimento da verdade:

1. **Ídolos da caverna:** as opiniões que se formam em nós por erros e defeitos de nossos órgãos dos sentidos. São os mais fáceis de corrigir por nosso intelecto;
2. **Ídolos do fórum:** são as opiniões que se formam em nós como consequência da linguagem e de nossas relações com os outros. São difíceis de vencer, mas o intelecto tem poder sobre eles;
3. **Ídolos do teatro:** são as opiniões formadas em nós em decorrência dos poderes das autoridades que nos impõem seus pontos de vista e os transformam em decretos e leis inquestionáveis. Só podem ser refeitos se houver uma mudança social e política;

4. **Ídolos da tribo:** são as opiniões que se formam em nós em decorrência de nossa natureza humana; esses ídolos são próprios da espécie humana e só podem ser vencidos se houver uma reforma da própria natureza humana.

No livro “NOVA ATLÂNTIDA”, Bacon ilustra seu modelo de sociedade nascida do conhecimento da verdade e do desenvolvimento das técnicas.

Descartes, por sua vez, identifica a origem do erro em duas maneiras que chamou de atitudes infantis:

1. A **prevenção**, que é a facilidade com que nosso espírito se deixa levar pelas opiniões e ideias alheias, sem se preocupar em verificar se são ou não verdadeiras. São as opiniões que se cristalizam em nós sob a forma de preconceitos (colocados em nós por pais, professores, livros, autoridades) e que escravizam nosso pensamento, impedindo-nos de pensar e de investigar;
2. A **precipitação**, que é a facilidade e a velocidade com que nossa vontade nos faz emitir juízos sobre as coisas antes de verificarmos se nossas ideias são ou não são verdadeiras. São opiniões que emitimos em consequência de nossa vontade ser mais forte e poderosa do que nosso intelecto. Originam-se no conhecimento sensível, na imaginação, na linguagem e na memória.

John Locke é o iniciador da teoria do conhecimento propriamente dita porque se propõe a analisar cada uma das formas de conhecimento que possuímos, a origem de nossas ideias e nossos discursos, a finalidade das teorias e as capacidades do sujeito cognoscente relacionadas com os objetos que ele pode conhecer. Seguindo a trilha que fora aberta por Aristóteles, Locke também distingue graus de conhecimento, começando pelas sensações até chegar ao pensamento.

*“Visto que o entendimento situa o homem acima dos outros seres sensíveis e dá-lhe toda vantagem e todo domínio que tem sobre eles, seu estudo consiste certamente num tópico que, por sua nobreza, é merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. O entendimento, como o olho, que nos faz ver e perceber todas as outras coisas, não se observa a si mesmo; requer arte e esforço situá-lo à distância e fazê-lo seu próprio objeto”.*

Francis Bacon

Assim como Aristóteles diferia de Platão, Locke difere de Descartes. Platão e Descartes afastam a experiência sensível ou o conhecimento sensível do conhecimento verdadeiro, que é puramente intelectual. Aristóteles e Locke consideram que o conhecimento se realiza por graus contínuos, partindo da sensação até chegar às ideias (ver Racionalismo, Inatismo e empirismo).

Todavia, essas diferenças não impedem que haja um elemento comum a todos os filósofos a partir da modernidade, qual seja, tomar o entendimento humano como objeto da investigação filosófica. Tornar o entendimento objeto para si próprio, tornar o sujeito do conhecimento objeto de conhecimento para si mesmo é a grande tarefa que a modernidade filosófica inaugura, ao desenvolver a teoria do conhecimento. Como se trata da volta do conhecimento sobre si mesmo para conhecer-se, ou do sujeito do conhecimento colocando-se como objeto para si mesmo, a teoria do conhecimento é a **reflexão filosófica**.

## 4 – ELEMENTOS DA TEORIA DO CONHECIMENTO

Na construção teórica do conhecimento, os filósofos se cercam de alguns elementos:



- **Percepção**, ou **sensação** – captação da realidade externa através dos órgãos sensoriais (ponto de contato entre objeto conhecido e o agente conhecedor) – embora determinadas correntes filosóficas (como os inatistas) considerem esse recurso um formador de concepções ilusórias.
- **Memória** – cujas funções são: arquivamento (pela qual identificamos os seres); reconhecimento e reprodução (nexo entre o presente e o que já é conhecido), em que **lembrar** é um resgate espontâneo do passado e **recordar** é evocá-lo premeditadamente.
- **Imaginação**: representação da realidade por imagens captadas pela percepção e resgatadas pela memória (imaginação reprodutora), para tornar presente o que está ausente (imaginação evocadora), para tornar ausente o presente e nos remeter a uma utopia (imaginação irrealizadora), para elaborar lendas e artes (imaginação fabulosa) ou para desenvolver alternativas práticas em face de um problema ou na busca de um bem-estar (imaginação criadora).
- **Linguagem**: meio sistemático de comunicação, que só o homem (Espírito) tem, por ser intelectual, contida no **logos** (palavra), e que se difere da linguagem animal, através da **voz** (phone), configuradora de culturas, liturgias místico-religiosa, jargões (como a fala dos juristas, dos economistas, dos internautas). Segundo Platão, a linguagem tem três faces: remédio, veneno e cosmético.
- **Pensamento**: “o passeio da alma”, atividade psíquica de conhecimento ou tendo por objeto o conhecimento, mediante as percepções, memória, imaginação e linguagem. O pensamento lógico ou racional (ou o pensamento objetivo) opera de acordo com os princípios de identidade, contradição, terceiro excluído, razão suficiente e causalidade; distingue verdades de fato e verdades de razão; diferencia intuição, dedução, indução e abdução; distingue análise e síntese; diferencia reflexão e verificação, teoria e prática, ciência e técnica.

## 5 – ÓTICA ESPÍRITA DO CONHECIMENTO

Uma vez concebida a ideia espírita, o horizonte do conhecimento – já tão alargada dentro do âmbito terreno – ganha dimensões substanciais em comparação com o que era da pretensão da Filosofia convencional. A linguagem material humana fica embaraçada para traduzir a transcendência. As percepções e sensações, emancipadas dos órgãos físicos, tocam graus demasiados distantes dos limites costumeiros da Terra. Os registros mnemônicos e as devidas ponderações conscienciais acerca deles saltam a linha do tempo para além desta encarnação, reconfigurando todas as interpretações.

Não mais a visão simplista da realidade, esquadrihadas em cálculos e composições, em que mesmo o valor do conhecimento é posto à prova diante do cenário interdimensional, pois, mesmo no âmbito material, a organização vital é sempre díspar em relação aos orbes. De modo que, àqueles que almejam o crescimento intelectual universal, necessário se fez a distinção dos valores circunstanciais (aplicados ao determinado orbe) e os valores cósmicos (que têm validade em todos os tempos e em todos os lugares).

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** “NOVA ATLÂNTIDA”, Francis Bacun.

# ANEXO

## COMUNICAÇÕES

“Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus.”  
(I João, 4: 1)

Os novos discípulos do Evangelho, em seus agrupamentos de intercâmbio com o mundo espiritual, quase sempre manifestam ansiedade em estabelecer claras e perfeitas comunicações com o Além.

Se muitas vezes aparecem fracassos, nesse particular, se as experimentações são falhas de êxito, é que, na maioria dos casos, o indagador obedece muito mais ao egoísmo próprio que ao imperativo edificante.

O propósito de exclusividade, nesse sentido, abre larga porta ao engano. Através dela, malfeitores com instrumentos nocivos podem penetrar o templo, de vez que o aprendiz cerrou os olhos ao horizonte das verdades eternas.

Bela e humana a dilatação dos laços de amor que unem o homem encarnado aos familiares que o precederam na jornada de Além-túmulo, mas é inaceitável que o estudante obrigue quem lhe serviu de pai ou de irmão a interferir nas situações particulares que lhe dizem respeito.

Haverá sempre quem dispense luz nas assembleias de homens sinceros, O programa de semelhante assistência, contudo, não pode ser substancialmente organizado pelas criaturas, muita vez inscientes das necessidades próprias. Em virtude disso, recomendou o apóstolo que o discípulo atente, não para quem fale, mas para a essência das palavras, a fim de se certificar se o visitante vem de Deus.

**Emmanuel**

“CAMINHO, V ERDADE E VIDA”, psicografado por Chico Xavier.

# METAFÍSICA E ONTOLOGIA

## A ESSÊNCIA DOS SERES E DO UNIVERSO

---

### 1 – VIDA VIRTUAL E VIDA ESSENCIAL

**Role Playing Game**, ou **RPG**, significa literalmente “*Jogo de interpretação de um personagem*”, no qual o gamer “incorpora” uma vida digital e se submete às condições virtuais deste ambiente. São diversos os gêneros de jogos assim, sendo em geral que o jogador herda dramas pessoais e circunstanciais que se somam à grande meta que é chegar ao “end game” (fim do jogo), após vencer todas as missões. Caso “morra” em alguma delas, pode reiniciar do ponto inicial referente àquela determinada fase. Para levar a efeito a aventura, as regras, tramas e desafios são apresentados ao jogador progressivamente – já que a surpresa e o suspense são elementos do enredo. Portanto, o personagem evolui durante o desenvolvimento do jogo, assim como adquire aptidões sensoriais (força, agilidade, imunidades, etc.) e instrumentais (armas, veículos, bonificações, etc.). Dentro do ambiente virtual, o aventureiro é posto em contato com objetos, símbolos, outros personagens e códigos a serem sopesados, pois aqui e ali estão as chaves para passar de fase. Aqui estão indagações latentes: “o que é isso?”; “para que isso serve?”; “por que isso?”. Inconscientemente ou não, aplica-se a filosofia metafísica.

A vida virtual assumida num jogo é, guardadas as devidas proporções, um paralelo ao processo espiritual, dentro da dinâmica reencarnacionista: o Espírito “compra” um personagem e seus Karmas (conflitos familiares, sociais, físicos, etc.) e se aventura na estrada evolutiva, tendo como seu “end game” a perfeição – que o inspira por todo o caminho. Caindo nas fases (falha na missão), ele recorre ao reinício (nova reencarnação), tornando possível seu progresso pela aquisição de virtudes. Tal como no jogo, a natureza das coisas se revela paulatinamente mediante seus esforços em indagar, experimentar, refazer-se e aplicar acertadamente suas aquisições.

Eis que surge a indagação maior: a essência do jogo (para nossa metáfora acima) e da realidade (nossa existência e a do Universo). Naturalmente que o gamer compra a peça e a pratica pelo gosto da aventura e para exibição de suas qualidades, sem o compromisso fatal de zerar o jogo, que é totalmente alheio ao mundo concreto do jogador. É fato que certos games são até prescritos por profissionais da área de psicologia como terapia. Porém, no caso da vida real, como responder às indagações maiores: por que estamos aqui? Por que somos alguém? Eis o propósito da Metafísica.

### 2 – METAFÍSICA OU ONTOLOGIA?

Em Filosofia, a chave das respostas está essencialmente ligada à pergunta. Toda a metafísica está atrelada à questão “o que é?” Mas num universo tão volátil como o nosso, o que permanece sendo o que é? Por que identificamos as pessoas, se elas mudam tanto?

O “é” da questão envolve ainda dois aspectos:

- 1) A existência temporal (“está”);

2) A essência natural das coisas (princípio, sentido e fim);

A partir de então, prossegue-se: “por que isto existe?” e “por que isto é o que é?”; “como?”, etc. A busca aqui é da essência das coisas: “o ser enquanto ser”, o que é aquilo que sem o qual o ser não seria. Diz a tradição que a Filosofia nasce da admiração e do espanto. Admiração: “por que o mundo existe?”; espanto: “por que o mundo é tal como é?”

A Filosofia nasceu então da tentativa intelectual de montar o cosmo – Cosmologia: explicação racional da *physis*, a **física** do Universo (céu, terra, água, temperatura, tempo, etc.). A palavra **metafísica** originou-se de Andrônico de Rodes (século 50 a.C), quando este catalogava tematicamente as obras aristotélicas. A seção reservada aos escritos que o próprio Aristóteles chamou de “primeira filosofia” foi designada por “*ta meta ta physis*” (o que vem depois da física), ou, simplificada, “*metaphysiká*”.

O filósofo alemão Jacobus Thomasius (século XVII) sugeriu o termo **Ontologia** para melhor designar tais estudos. *Onto* deriva dos substantivos gregos *ta onta* (bens e coisas realmente possuídas por alguém) e *ta eonta* (as coisas realmente existentes). Podemos ler Ontologia como “estudo e conhecimento ser”.

### 3 – DA COSMOLOGIA À FILOSOFIA

Foi pelas questões metafísicas ou ontológicas que a Filosofia suplantou a Cosmologia – que se assentava sobre o estudo da natureza física, a explicação para o **devir**, isto é, a mutação das coisas, de um estado para o seu oposto, como negação do outro (do dia para a noite, do frio para o calor, do medo para a coragem, do feio para o belo, da escuridão à luz, etc.). Mas essa natureza material não poderia ser aplicada ao que o ser realmente é, embora mudem os atributos a ele aplicados.

Esta linha de pensamento foi uma contribuição de Parmênides de Eleia e a da Escola Eleata (século V a.C).

Parmênides tornou a cosmologia impossível ao afirmar que o pensamento verdadeiro exige a identidade e a não-contradição do Ser. Considerando a mudança de uma coisa em outra contrária como o Não-Ser, Parmênides também afirmava que o Ser não muda porque não tem como e nem por que mudar e não tem no que mudar, pois, se mudasse, deixaria de ser o Ser, tornando-se contrário a si mesmo, o Não-Ser. Como consequência, mostrou que o pensamento verdadeiro não admite a multiplicidade ou pluralidade de seres e que o Ser é uno e único.

CONVITE À FILOSOFIA, Marilena Chaui – Unidade 6, cap. 1

Os eleatas acreditavam na imortalidade do ser e o mundo sensorial como ilusão (em parte, semelhante ao que diziam Sócrates e Platão). Contudo, para eles, o ser – que é sobrevivente à morte –, além de imortal é eterno e imutável, pois o não-ser não existe e fosse mutável, deixaria de ser o que era e passaria a ser o que não é.

Parmênides era um contraponto ao pensamento de Heráclito de Éfeso, seu contemporâneo, que creditava o equilíbrio das coisas à constante mutação do universo: “*Panta rei*” (“tudo flui”, enquanto resultado do embate dos opostos), pelo que, dizia que nunca se atravessa o mesmo rio ou tocar um objeto duas vezes num mesmo estado. Assim, a identidade essencial é que é ilusória e o reconhecimento das coisas acompanha o movimento inexorável.

Acerca disso, Aristóteles comentou:

“Julgando que fora do ser o não-ser é nada, forçosamente admite que só uma coisa é, a saber, o ser, e nenhuma outra... Mas, constrangido a seguir o real, admitindo ao mesmo tempo a unidade formal e a pluralidade sensível, estabelece duas causas e dois princípios: quente e frio, vale dizer, Fogo e Terra. Destes (dois princípios) ele ordena um

(o quente) ao ser, o outro ao não-ser”.

A solução do impasse entre Parmênides e Heráclito está em Sócrates e Platão: seguindo seu mestre, Platão vê determinadas assertivas em ambos os lados, considerando de Heráclito a ilusão do mundo material, que é imperfeito e por isso carente do devir, do qual não se extrai nenhuma essência, mas apenas impressões. Justamente por isso, agora concordando com Parmênides, Platão força a Filosofia a abandonar o estudo desse mundo incognoscível e se dedicar apenas ao verdadeiro, o mundo inteligível, invisível aos sentidos físicos e tocado apenas pelo pensamento.

Aqui está a separação dos períodos filosóficos: pré-socrático e pós-socrático.

## 4 – PERIODIZAÇÃO BÁSICA

O modo de pensar sobre a existência do universo e dos seres, além das relações de tempo e espaço, através da Metafísica tem três grandes divisões:

- **1º período:** dos gregos, especialmente Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C), até David Hume (XVIII d.C), na qual se investiga a realidade a partir de si, apriorísticos, pela formação das ideias inatas. Hume a finaliza demonstrando que essas ideias não correspondem à realidade externa (que não existe por si, objeto, independente do ser inteligente, o observador), mas como sendo convenções, hábito psíquico de associar conceitos, sensações e percepções.
- **2º período:** de Immanuel Kant (século XVIII) à fenomenologia de Edmund Husserl (século XX), quando Kant propõe que a Metafísica, na impossibilidade de ela alcançar o conhecimento da essência das coisas, passe então a estudar exatamente o processo de aprendizado da nossa própria capacidade de aprender, no que definiu como “crítica da razão pura”, tomando a realidade pelo que ela seja para nós. Ou seja, o objeto não é o que é em si, mas o que seja para quem o analisa.
- **3º período:** contemporâneo, em que a Metafísica é mais chamada de Ontologia, concentrando-se na busca pelo entendimento da relação originário entre o mundo e o homem, a essência e sentido de vida dos seres. Veremos então quão revolucionária é esta fase.

## 5 – METAFÍSICA DE VANGUARDA

O Espiritismo, até por ser Ciência, obrigatoriamente se ocupa em estudar as questões metafísicas ou ontológicas. E de antemão, preciso é definir a sua proposta como sendo, além de alimento intelectual, também alimento espiritual.

A Doutrina dos Espíritos teve parto fenomenal (mediunidade de efeitos físicos, como as mesas girantes) para assentar-se em fundamentos racionais e éticos (o Evangelho).

“Além desses fenômenos, existe a filosofia; essa filosofia me explica o que **nenhuma** outra havia me explicado; nela encontro, somente pelo raciocínio, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ele me proporciona a calma, a segurança, a confiança; livra-me do tormento da incerteza e, além disso, a questão dos fatos materiais passa a ser secundária”.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Conclusão, item 5.

Como de praxe, por ter sido revelada, a doutrina é rechaçada – com o agravante de seus “informantes” terem sido entidades extracorpóreas, supostamente de natureza diferente da dos homens. Contudo, pela sua consistência lógica, corroborada pelos efeitos práticos ocasionados pela mediunidade, o resultado é uma constante quebra de paradigmas, especialmente pelo seu lado experimental.

Como de certo modo todas as ciências são solidárias – embora conservem independentes devidas propriedades –, a Filosofia também “pensou” pela seiva dos progressos científicos e agora, sob a via da Mecânica Quântica, repensa a si mesma, tal como o fazem todas as ciências.

“De acordo com o princípio clássico da objetividade forte, a realidade do universo é independente da existência de um observador consciente que a perceba e pense. Entretanto, o desenvolvimento da mecânica quântica deixa claro que o aspecto de onda ou partícula de um objeto quântico é variável conforme a observação, e uma das mais fortes interpretações deste ponto, é a de que somente seres conscientes podem observar objetos quânticos. A mente atua na produção da realidade, na construção da nossa representação de natureza. A estrutura do universo não pode ser obtida por meios objetivos, já que os dados coletados devem ser interpretados por seres subjetivos e já que o próprio material coletado será um ou outro, conforme o método que o observador consciente escolher para destrinchar os meandros de seu objeto. Observador e objeto, em mecânica quântica, estão entrelaçados por uma relação causal íntima e recíproca, logo, o princípio da objetividade forte não se sustenta”.

Vinícius Carvalho da Silva

Extraído do artigo “História da Mecânica Quântica – a desconstrução da Ontologia materialista”

<http://www.artigonal.com/authors/200402>

Conquanto seja ainda incipiente, o estudo quântico já demonstrou – sob critérios técnicos da Ciência – a inconsistência materialista proveniente da física clássica que cria no determinismo causal (as coisas fazerem-se a si mesmas). A nova física revela que o universo é muito mais do que uma estrutura mecânica concreta. No mundo do interior atômico, onde o universo começa, e de onde surgem todos os objetos, o universo é um jogo de forças, de informações, de probabilidades e conceitos matemáticos abstratos.

O princípio da incerteza, de Heisenberg, prova que não podemos definir a posição e o momentum de um elétron simultaneamente, de modo que nunca teremos um conhecimento preciso a cerca de qual será a estrutura do universo futuramente. Seus resultados revelam sempre o que pode ser, mas não o que é, pois os elétrons possuem uma imprevisibilidade imanente, fixando um limite epistemológico, o limite do nosso conhecimento, não como um problema subjetivo do ser humano, mas como uma característica natural do mundo.

Havendo um mar de probabilidades, o que determina a estrutura daquilo que chamamos de “concreto” é, forçosamente, uma causa inteligente, ou seja: o observador interfere na essência do que observa. Pela epistemologia do princípio da incerteza, o conhecimento não pode ser absoluto e preciso, porque o objeto do conhecimento, a realidade, está regulada por uma dinâmica de incerteza, pois estamos todos atuando no Universo, ininterruptamente.

A Quântica não fecha a questão – infinitamente longe disto –, porém, dá novos rumos ao conhecimento humano desmaterializando arcaicas concepções e forçando a uma abertura conceitual a uma via que antes arbitrariamente era lacrada: a de relações interdimensionais.

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original”.

Albert Einstein

## PESQUISA COMPLEMENTAR

## 1 – DO INDIVÍDUO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA

Na tribo ou na horda, nas civilizações agrárias ou nas civilizações teocráticas, o indivíduo é apenas uma peça da engrenagem social. Funciona segundo as exigências do meio, guiado pelas forças operantes da estrutura sociocultural. Denis de Rougemont demonstrou como essas forças determinam a sujeição absoluta do indivíduo à estrutura. Quando ele se reconhece dotado de características próprias, realizando-se na transcendência horizontal. Da relação social, destaca-se da massa. Corre então o risco da excomunhão. Mas se dispuser de estrutura individual suficientemente unificada (personalidade) poderá elevar-se sobre o meio, iniciando a fase da transcendência vertical. Nesse caso ele se projeta como uma forma de representação coletiva. Será então o chefe, o líder, o guia, integrando o grupo dirigente da comunidade, a sua inteligência. Mas assim mesmo estará freado pelos condicionamentos sociais, terá de fazer concessões à moral social, aos sistemas estabelecidos, às crenças vigentes, ao contexto geral da tradição. Se quiser sobrepor-se a esses fatores poderá ser esmagado pela pressão da massa, traduzida nas sanções institucionais. Foi o caso de Sócrates, como foi o caso de Jesus.

Nas civilizações sociocêntricas do passado, que se desenvolviam isoladas, esse processo de representação coletiva, que na tribo se dividia entre o cacique e o pagé — o primeiro representando o poder humano, o segundo o poder espiritual, fundiu-se na síntese do Rei-Deus, sagrado e ungido para dirigir e defender o povo. A reação natural à rigidez dessa institucionalização perigosa se fez sentir no campo das manifestações paranormais, através de profetas, oráculos e pitonisas. João Batista degolado por ordem de Herodes é talvez o símbolo mais vigoroso da profecia social como revolta contra a sagração artificial dos reis-deuses. Mas a representação coletiva atingiu o seu ponto máximo na figura do Messias — o sol fecundador das messes após as agruras do inverno, segundo a tese mitológica. Os messias eram os salvadores e ao mesmo tempo os vingadores, os que vinham salvar os humildes e castigar os poderosos. Investidos da sagração divina pelo próprio Deus, centralizavam, na sua individualidade privilegiada, os poderes da Terra e do Céu. Os seus ensinamentos constituíam uma revelação divina, pela boca desses arautos falava o próprio Deus.

Kardec analisou esse processo e definiu as revelações messiânicas como pessoais e locais, típica das civilizações isoladas, dirigidas a uma comunidade determinada em sua localização geográfica. Nos fins do ciclo de isolamento, quando a síntese sociocultural greco-romana tentava abranger o mundo e criava condições novas de vida, o messias judeu, Jesus de Nazaré — que mais tarde seria designado, significativamente, pelo nome do messias grego: Cristo — apresentou-se ainda como revelador pessoal e local, mas já abrindo perspectivas, em seus ensinamentos, para a universalidade que caracterizaria o desenvolvimento do Cristianismo, rompendo ao mesmo tempo o sociocentrismo judeu e as pretensões romanas de hegemonia. A reação, tanto judaica quanto romana, foi esmagadora, mas não conseguiu deter o fluxo natural da evolução humana. A Igreja Cristã, formada segundo os modelos judaico e pagão, por força das determinantes históricas, apresenta-se então como curiosa síntese do Templo de Jerusalém e do Capitólio. A Cadeira de São Pedro substituiu, ao mesmo tempo, a Cadeira de Moisés e o Trono de César. O Deus-Pai de Jesus se reveste das características de Júpiter Capitolino e Roma volta a dominar o mundo. O Bispo de Roma transforma-se na representação coletiva das massas bárbaras convertidas ao Cristianismo. Na figura do Papa concentram-se os poderes da Terra e do Céu.

Entretanto, no milênio medieval o processo dialético prossegue, lento e seguro. Um mundo novo está fermentando nas querelas absurdas e uma nova revelação está sendo elaborada nas suas entranhas psíquicas.

A Filosofia Grega inflama o pensamento cristão, despertando-o para a compreensão dos poderes do homem, do valor intrínseco do ser humano. O dogma da encarnação humana de Deus, reflexo das teorias egípcias e indianas do avatar búdico, produz efeitos contraditórios. De um lado, reforça temporariamente o conceito do homem-deus do passado; de outro lado, desperta a atenção dos pensadores para os poderes divinos do homem. A subversão vai se confirmar nessa linha com o desenvolvimento do Humanismo. A Ciência renascerá das cinzas de Aristóteles e o homem se fará o revelador racional dos mistérios encobertos pela mística religiosa.

As revelações pessoais e locais estão definitivamente superadas. Os messias do passado tornam-se místicos ignorantes, incapazes de revestir-se dos poderes da representação coletiva. A Revolução Francesa proclamará a supremacia da razão sobre todo o passado fideísta. Kardec poderá então distinguir dois tipos de revelação, ambos divorciados da mística e do mistério: a revelação científica, feita pelos pesquisadores dos mistérios da Natureza, e a revelação espiritual, feita através da mediunidade e da pesquisa dos fenômenos paranormais, das condições do mundo suprassensível. A partir desse momento as revelações pessoais, locais ou não, não terão nenhum sentido. A verdade não pertence a ninguém em particular, a nenhum profeta, messias ou vidente. É um patrimônio comum, ao alcance de todos os que se esforçam para descobri-la. A revelação é coletiva.

O indivíduo como representação coletiva existiu e funcionou nas dimensões do passado, como exigência natural de um mundo fechado em si mesmo, incapaz de superar os condicionamentos sociomesológicos de cada civilização isolada, entregue às suas próprias forças. No mundo novo que surgiu da abertura cristã, tendo por paradigma a especulação ateniense e por bússola a mensagem racional do Evangelho, não há mais lugar para a autoridade individual no tocante à problemática da verdade, que brota do real em si e não das interpretações individuais, sujeitas a condicionamentos desconhecidos. Nenhum indivíduo transformado em representação coletiva e nenhum colégio de iluminados por sabedoria infusa pode decretar a verdade. A Filosofia dedutiva e sistemática do passado cedia lugar à lógica indutiva, liberta das predeterminações arbitrárias dos sistemas.

José Herculano Pires

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA – cap. I



## 2 - OBSERVADOR, OBSERVAÇÃO E OBSERVADO

Anteriormente, pareciam existir três posturas na situação de um observador: a pessoa, o objeto e o ato. Separados, a pessoa se abstraía do todo para observar; o objeto se apresentava à distância, sob observação; a atitude afastava o observador.

Esses limites tornavam-se dificuldades para um comportamento unitário, concorde com as circunstâncias, afastando sempre o indivíduo dos acontecimentos e, de certo modo, isentando-o das responsabilidades.

As complexidades do destino, da sorte, do berço e outras preponderavam como mecanismos de justificação do êxito ou do fracasso de cada um.

O homem se apresentava, então, dissociado da vida, afastado do universo, fora das ocorrências, como um ser à parte dos fatos.

A pouco e pouco, ele se deu conta de que a unidade se encontra presente no conjunto, que por sua vez se faz unitário, assim como a onda é o mar, embora o mar não seja a onda.

Permanecem, em tal postura, os critérios da individualidade pessoal, não obstante a sua integração no todo.

O olho que observa é, ao mesmo tempo, o olho observado, responsável pela observação.

A criatura já não se isola da harmonia geral ou do coletivo, a fim de observar, sem que, por sua vez, não seja observada.

A observação faz parte da vida que, de igual modo, depende do indivíduo observador.

Na inteireza da unidade, todos os agentes que a constituem são portadores do mesmo grau de responsabilidade, a benefício do conjunto. Não há como transferir-se para outrem a tarefa que lhe diz respeito.

O excesso de esforço em um, enfraquece-o, a favor, negativo, da ociosidade de outro, que se debilita por falta de movimentação.

Tal compreensão do mecanismo existencial defluiu de uma capacidade maior de amadurecimento psicológico do homem, que já não se compadece da própria fraqueza, porém busca fortalecer-se; tampouco se considera inferior em relação aos demais, por saber-se detentor de energias equivalentes.

O seu é o mesmo campo de luta, no qual todos se encontram com idênticas responsabilidades, evitando marginalizar-se.

Se o faz, tem consciência que está conspirando contra o equilíbrio geral e que ficará a sós, desde que o todo se re fará mesmo sem ele, criando e assumindo nova forma.

Mergulhado na harmonia geral, o homem deve contribuir conscientemente para mantê-la, observando-a e com ela se identificando, observado e em sintonia, diante do conjunto que também o envolve no ato de observar.

O HOMEM INTEGRAL (Joana de Ângelis) Divaldo Franco – cap. 26

# EVOLUÇÃO DA PEDAGOGIA

A EDUCAÇÃO DO AMOR E DA AUTOLIBERTAÇÃO  
A SERVIÇO DE CRISTO

---

## 1 – PEDAGOGIA: INSTRUMENTO DIVINO

A verdadeira Filosofia cristã se aproxima com o método pedagógico, quando observamos esta na sua maior pureza.

**Pedagogia** é a especialidade que trata da educação e dos sistemas educacionais. Educar – a aplicação pedagógica – é proporcionar conhecimentos, dentre os quais, os próprios meios de aquisição do aprendizado. Para melhor dizer, o melhor sistema de ensino é o que dá as ferramentas para o aprendiz aprender a aprender.

Este conceito está implícito até na origem do termo: **pedagogia** se deriva da junção grega de *paidós* (*criança*) e *agogé* (*condução*): era chamado pedagogo aquele que levava a criança à escola, até que se vulgarizasse o emprego aos professores. Conseqüentemente, diríamos que o bom tutor não é o que traz o conhecimento ao aluno, mas aquele que conduz o aluno ao conhecimento.

Portanto, o ofício sagrado da Pedagogia é de proporcionar o desabrochar do intelecto, da liberdade de pensamento, da graduação do ser – numa palavra: evolução. E o que faz o homem se aproximar de Deus senão esses atributos? Que outra ocupação do Espiritismo senão essa divina pedagogia?

## 2 – EVOLUÇÃO PEDAGÓGICA

Infelizmente o sistema de ensino comumente aplicado ao longo da História nem sempre objetivou sua sagrada missão, que é o de graduar o indivíduo para os valores espirituais; de uma maneira geral, tem sido usado para aquisições burocráticas, tendo em vista muito mais as aquisições materiais e imediatistas – educação para o “ter”, invés da educação para o “ser”.

Tanto é assim que as grandes façanhas intelectuais e artísticas da Humanidade surgiram da genialidade e excentricidade de certos Espíritos e não como resultado de um plano educacional. Além do que, subjulgadas às tiranias medievais e interesses financeiros mesquinhos, as escolas não raro são transformadas em instrumento de massificação.

No entanto, a piedade celeste permite aqui venham esporadicamente homens de autêntico espírito pedagogo. Da antiguidade, destacam-se Sócrates e Platão – como anteriormente citado; dos tempos mais aproximados, faremos referencia a quatro grandes e revolucionários educadores: Comenius, Rousseau, Pestalozzi e o lionês Rivail.

### 2.1 – COMENIUS

Comenius, ou Jan Amos Komensky (1592-1670), um educador, cientista e escritor nascido no antigo reino da Boémia, que hoje integra a República Checa, mas viveu e estudou quase toda a vida entre a Alemanha e a Polônia.

A ele se atribui a didática moderna. Propôs em sua obra-prima “DIDÁTICA MAGNA” uma reforma no ensino, cujos principais fundamentos eram: educação realista e permanente; método pedagógico rápido, econômico e interativo; ensinamento a partir de experiências quotidianas; conhecimento de todas as ciências e de todas as artes; e ensino unificado.

Seu lema era “ensinar tudo a todos”, para o qual, os fundamentos eram: sabedoria, moral e perfeição. Tinha a visão da educação para o infinito (“O fim último do homem está fora desta vida”).

“Não é necessário, portanto, introduzir nada no homem a partir do exterior, mas apenas fazer germinar e desenvolver as coisas das quais ele contém o gérmen e fazer-lhe ver qual a sua natureza”.

Comenius

Seu maravilhoso trabalho influenciou grande parte da Europa e, três séculos depois, inspiraria as diretrizes gerais da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Pastor protestante, ainda lutou para quebrar paradigmas sectários de âmbito religioso, fazendo-se assim precursor do ecumenismo.

## 2. 2 – ROUSSEAU

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nascido em Genebra (Suíça), foi dos mais importantes pensadores do Iluminismo, filósofo, músico, escritor e teórico político.

Sua grande contribuição para a Educação está em “EMÍLIO, OU DA EDUCAÇÃO”, em que defende que o homem é bom por natureza, sendo corrompido pela sociedade (“Tudo é bom, saindo das mãos do Autor das coisas; tudo degenera nas mãos dos homens”). Propõe um sistema educativo para preservar os indivíduos (especialmente enquanto na infância) no seu estado natural.

Pregou o ideal de liberdade em todos os campos – porque cria que fosse um direito estabelecido pela lei divina –, condicionando ser esta a um estado de despertar moral e intelectual:

“A liberdade é pois, em primeiro lugar, a perfectibilidade, isto é, o fato de que o homem pode — mas não o fez ainda — rejeitar os instintos e superar este degrau de animalidade, de maneira que a evolução humana se deve unicamente ao homem, à sua vontade e ao seu trabalho”.

Rousseau

No tocante à religião, defendeu a ligação direta entre os fiéis e Deus, sem o intermédio dos eclesiásticos – pelo que sofreu forte perseguição por parte das Igrejas Católica e Protestante.

## 2. 3 – PESTALOZZI

Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um educador suíço que revolucionou a Europa com sua nova proposta de renovação pedagógica. Seu instituto educacional em Yverdon (Suíça) era escola modelo, sendo frequentado por nobres de todo o mundo.

Sua pedagogia é a de dinamismo (“A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade”), sendo estabelecida na divisão teórica dos três estados de desenvolvimento moral, a saber: Estado Natural (em que o homem é filho puro do instinto, que o conduz para o gozo dos sentidos); o estado social (o homem participa da vida social para seu prazer sensorial e a sociedade lhe cobra simplesmente a concordância de suas leis sociais); e o estado moral (nível consciencial íntimo).

“O princípio de que o bem do homem e o direito do homem repousam inteiramente na subordinação das minhas exigências animais e sociais à minha vontade moral é outra maneira de dizer o resultado do meu livro”.

Pestalozzi

Sua metodologia de trabalho se baseava no ponto de partida do aprendiz: do simples e mais fácil para o complexo e o mais difícil. Para Pestalozzi, também é imprescindível a sensibilidade para uma individualização no processo educacional (respeitar as características de cada aprendiz).

Ele fez da moralidade a sua religiosidade (“A missão do Cristianismo está na educação da humildade”) e a moral é a matéria essencial de sua didática, para uma autoconstrução pessoal, pois sem ela, o conhecimento é para a vida física; com ela, é para o ser espiritual e infinito.

Um de seus pupilos foi justamente o nosso próximo personagem: Rivail.

## 2.4 – RIVAIL

Os espíritas conhecem bem Allan Kardec – o codificador do Espiritismo –, mas talvez nem tanto a sua identidade de registro: Hippolyte Léon Denizard Rivail. Aqui, concentraremos nosso estudo na figura do pedagogo, para em seguida compreendermos a sua influência no trabalho de apurar os apontamentos dos Espíritos e lançar o Espiritismo.

Nasceu em Lion (França) em 3 de outubro de 1804, em um lar de magistrados, com orientação católica. Também se familiarizou com o Protestantismo quando ingressou nos estudos no Instituto Pestalozzi, em Yverdon – essas experiências favoreceram que pudesse fazer uma boa comparação teológica quando assumisse a missão espírita.

Foi mais que um discípulo de Pestalozzi, foi um ramal da “pedagogia do amor” de seu instrutor. Desde cedo se sobressaiu pela notável inteligência e moral. Aos quatorze anos já dava aulas de reforço escolar e aos dezoito estava formado em Ciências e Letras. Dedicou-se especialmente à Pedagogia, mas interessou-se por todos os ramos do conhecimento.

De retorno ao seu país, exerceu o ofício de professor, tradutor e escritor – da área pedagógica. A partir dos conceitos pestalozzianos, desenvolveu sistemas práticos de ensino e publicou métodos didáticos que foram adotados na França e influenciou educadores de vários países.

Por sua contribuição às reformas no ensino público, foi condecorado com vários prêmios e se tornou membro de diversas sociedades, tais como a Academia Real de Arrás e Real Academia de Ciências Naturais.

Desposou em 1832 Amélie Gabrielle Boudet – também pedagoga e incondicional parceira de todos os seus projetos.

Preocupado com o social, lutou pela democratização da Educação e abriu em sua residência cursos gratuitos das principais matérias para os menos favorecidos.

Todas essas qualidades do ramo pedagógico, espírito científico, articulação de ideias e associação de disciplinas o credenciaram para o trabalho de sistematizar a Terceira Revelação – o Espiritismo –, uma vez que a Doutrina traria revolucionários e complexos conceitos.

Aos cinquenta anos de idade – após tomar ciência do fenômeno das “mesas girantes” –, o professor Rivail se viu diante da majestosa tarefa que lhe foi incumbida, para o que, desde então, passou a assinar como Allan Kardec, marcando uma nova fase de sua vida.

O próprio Rivail – então autônomo Kardec – descreve o seu *modus operandi*:

“Apliquei a essa nova ciência o método experimental, como havia feito até então; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; procurava remontar às causas dos efeitos, por dedução e pelo

encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação por válida, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; portanto, fazia-se necessário andar com a maior discrição e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir”.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 2ª parte – ‘A minha primeira iniciação ao Espiritismo’)

Não à toa, o astrônomo Camille Flammarion o intitulou de “o bom senso encarnado”. Miss Anna Blackwell, que traduziu as obras de Kardec para o inglês, assim o descreve:

“Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo.

“Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, pois tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada”.

(A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, Arthur Conan Doyle – Cap. 21)

E esse caráter de pedagogo e cientista está presente no Espiritismo quando Kardec – sob a influência de Rivail – enfatiza a pesquisa prática e o estudo da natureza espiritual, incondicional e continuamente:

“Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação (...)

“Então, o Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação (...). Caminhando ao lado o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 55)

A pedagogia espírita é então sintetizada desta maneira:

“Espíritas, amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo!”.

**Espírito Verdade** (O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. VI, item 5)

### 3 – O FUTURO DA PEDAGOGIA

Assim como as religiões estão fadadas ao desaparecimento – para não mais haver cismas ou fronteiras ideológicas –, a Pedagogia e Ciência clássica serão substituídas por um

propósito único que é o da Escola da Evolução do Ser eterno (o Espírito).

Não mais a educação puramente sob o slogan mesquinho “vencer na vida”, mas evoluir, moral e intelectualmente, como meta para atingir a felicidade plena e vida abundante de que falou Cristo.

Esta progressão começa quando o indivíduo aceita que o plano divino é o do sucessivo aprendizado; que a inteligência – bem como as demais virtudes – não é uma graça especial concedida a esse ou aquele determinado filho de Deus, mas sim montanhas escaladas mediante o curso das reencarnações bem empregadas; e que a aquisição da sabedoria e das virtudes são propriedades do cerne espiritual do Ser – intocáveis, irreversíveis e eternas.

*“Buscai em primeiro lugar o reino dos céus e a sua justiça, que todas as outras coisas vos serão dadas por acréscimo”.*

**Jesus** \ (Mateus, 6:33)

### PESQUISA COMPLEMENTAR

**Livro:** Evangelhos bíblicos; “PEDAGOGIA ESPÍRITA”, Dora Incontri (cap. 4).

**Consultar biografias:** Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Allan Kardec.

# ANEXO

## A VERDADEIRA PROPRIEDADE

*“Não acumulem tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulem tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; pois, onde está o seu tesouro aí está também o próprio coração”.*

**Jesus** (Mateus, 6:19 a 21)

O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir ele goza enquanto aqui permanece. Porém, como é forçado a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, a sua bagagem constitui de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; cubram-se de tudo o de que lá vocês poderão se servir.

Ao viajante que chega a uma pousada, bom alojamento é dado se o pode pagar. Aquele que tem poucos recursos, resta um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir num colchão de palha. O mesmo acontece ao homem na sua chegada ao mundo dos Espíritos: o lugar para onde vá depende dos seus pertences. Todavia, não será com o seu ouro que ele pagará. Ninguém lhe perguntará: “quanto tinha na Terra? Que posição ocupava? Era príncipe ou operário?” Será perguntado: “que traz contigo?” Não lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo e lhe responderão: “os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, podia comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. Você é rico dessas qualidades? Seja bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. É pobre delas? Vai para um dos da última, onde será tratado de acordo com os teus bens”.

**Pascal** (Genebra, 1860)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVI, Itens 9

# ESCOLA DA EVOLUÇÃO

## ESPIRITISMO FILOSÓFICO

---

### 1 – ESPÍRITO DE FILÓSOFO

Filosofia não se aprende e nem se ensina, filosofa-se!

O primeiro Centro Espírita do mundo – a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – foi uma câmara filosófica.

O autêntico espírita não o pode ser sem o espírito filosófico.

Os Espíritos vêm sim nos trazer revelações, pois que sem elas não tocaríamos o mundo superior; sem os “fenômenos”, não sairíamos desta dimensão física. Mas a Filosofia clássica se repugna com a ideia de o homem não estar apto a chegar à verdade e, portanto, ter que se sujeitar a aceitar o que não partiu das “inteligências humanas”. As revelações são vistas então como misticismo e eventos sobrenaturais (fora da realidade humana). O erro da concepção dessa ciência materialista está em separar o ser humano do ser espiritual e julgar esta outra dimensão como abstrata e mágica. A Doutrina Espírita, por sua vez, vem nos esclarecer que a natureza essencial do ser é da espiritualidade (a condição humana é circunstancial) e que os agentes da revelação não nos são estranhos, mas do mesmo âmago que as consciências que ora habitam temporariamente a Terra e que outrora perambularam pela mesma jornada carnal.

Mas, os Espíritos não nos podem servir de bandeja o que cumpre buscarmos com nossos esforços. Eis, pois, a evidência de nosso ministério: filosofar – não na concepção de debater interminavelmente sem proveito, mas exercer o pensamento lógico e aplicá-lo na ciência prática e nos relacionamentos interpessoais.

Filosofar para evoluir: este o foco do Espiritismo. E caso seja preciso, a doutrina terá que contrariar a si mesmo para buscar a verdade das coisas, conforme recomenda Kardec:

“O Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. (...) Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. I, Item 55)

### 2 – FASES DO ESPIRITISMO

A primeira fase do Espiritismo foi a dos fenômenos físicos; seguida pela fase teórica; tendo sido a terceira a do estudo e experimentação. Há que ser consagrada a quarta e derradeira fase: a que firmará a Escola da Evolução.

Na **primeira fase**, viu-se o espetáculo escandaloso das manifestações brutas, para quebrar paradigmas, despertar a atenção e romper as barreiras do preconceito científico.

Na **segunda fase**, os Espíritos vieram nos transmitir revelações superiores, através da codificação kardequiana.



A **terceira fase**, que ainda está em curso, registra o trabalho de interpretação da codificação, bem como de experimentação e investigação acerca das obras complementares. Neste período, de acordo com o grau evolutivo da Terra, é comum que hajam ainda discordâncias e controvérsias, em decorrência de incapacidade de apurada análise e mesmo por resquícios de vaidade dos homens.

Caminhamos para a **quarta fase**, em que tudo converge para a **Escola da Evolução**, quando as fronteiras humanas e os rótulos interpessoais serão dissolvidos em torno de uma unidade fraterna para que todos trabalhem o progresso comum. A implantação dessa fase conclusiva se dará quando as consciências se despertarem para a Sabedoria – que nos aponta benefícios porvindouros, em contrapartida ao imediatismo – e para a Caridade – que nos remete a sentimentos nobres e altruístas.

O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo privilégio de algumas pessoas?

*“Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse do que contra a convicção, pois não há como esconder a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar isolados, seus opositores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos”.*

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 798)

### 3 – A FORÇA DA FILOSOFIA ESPÍRITA

A mediunidade é imprescindível para a evolução humana pela razão de que pelos métodos terrenos a humanidade jamais poderia conhecer as leis da espiritualidade. Desta feita, as manifestações espíritas, muitas vezes enlaçadas a rituais e conceitos religiosistas, costumam chamar demasiada atenção, quando o forte do Espiritismo é mesmo a sua filosofia.

Houvesse meio de o homem descobrir por si só a suprema organização universal, tal qual a que o Espiritismo apresenta, esta filosofia já seria forte o suficiente, por estar apoiada cientificamente com a mecânica da vida e pela razão dessa moral a que ela mira (Caridade) é a fonte da felicidade para todos – sem qualquer prejuízo a ninguém. A razão desta doutrina está na lógica prática de seus efeitos, sem ter que constranger e violentar a consciência a crer em algo que não esteja ao alcance de seu entendimento, agarrando-se com o sentimento fraterno de compreensão, que deve ter todo aquele que estiver em uma condição melhor, baseando-se no ensinamento cristão que diz: **quem quiser ser o maior, o melhor e o mais importante, que seja aquele que mais ame e mais sirva.**

No entanto, devemos estar conscientes de que jamais estaremos sozinhos e que a espiritualidade nos é solidária, de acordo com nossos propósitos.

*“Lembra-te de que os Bons Espíritos só dão assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam a todo aquele que busca na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer perceptível a luz”.*

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Prolegômenos)

O modelo filosófico espírita nos propõe um sistema racional e ético tão consistente que, como se vê comumente em muitos simpatizantes, mesmo que se ignore, duvide ou desacredite na “via fenomenal” (a mediunidade), ainda sim, tem-se uma disciplina positiva e visivelmente benéfica para o crescimento pessoal e coletivo.

## 4 – ONTOLOGIA ESPÍRITA

A **Ontologia** (*onto* = *ser* + *logia* = *conhecimento*) é a disciplina dentro da Filosofia que estuda a natureza do ser (pessoa) e do que a ele está relacionado. Consiste no maior mistério de todos os tempos e para os quais todos os sistemas filosóficos foram desenvolvidos.

Resumiríamos sua problemática nestas questões:

- Quem somos?
- De onde viemos?
- Para onde vamos?
- Qual o sentido da nossa existência?

Diante desse quadro, que filosofia senão o Espiritismo poderia melhor explorar as respostas para a Ontologia?

Impossível para o homem tocar tais conhecimentos pela simples formulação teórica, sem a visão externa do globo terreno, pois este não passa de um grão no Cosmo. Diante dessa limitação, a Providência estabeleceu a solidariedade entre almas (encarnados) e Espíritos (desencarnados) através da mediunidade, pela qual, de tempos em tempos, recebemos esclarecimentos.

Desde a codificação kardequiana, compreendemos:

- Quem somos? Somos seres inteligentes, Espíritos, dotados de todas as potencialidades, dentre as quais o livre-arbítrio para vivermos segundo as circunstâncias a que nos lançamos.
- De onde viemos? Somos criaturas providas da Divindade, sendo nosso berço o plano espiritual.
- Para onde vamos? Herdeiros do Universo, nosso destino é o desenvolvimento das potencialidades, rumo à perfeição a nós reservadas, mediante os esforços empregados durante nosso processo evolutivo, tanto na dimensão espiritual (na erraticidade) como nas experiências físicas (reencarnações).
- Qual o sentido da nossa existência? A vida é o ensejo que, pela graça de Deus, ela própria nos dá à felicidade de acordo com a aplicação de nossas potencialidades.

Devemos reconhecer as limitações da filosofia espírita: ao contrário do que comumente se prega – devido o sistema religiosista –, o Espiritismo não fechou o ciclo de respostas e muito há o que ser explorado – o Cosmo é demasiado complexo para nosso nível de compreensão atual. A Divindade continua sendo mistério para nós, embora os Espíritos nos tenham adiantado um bocado com a conceituação exemplar de alguns de seus atributos (eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom).

Entretanto, essa lacuna não deve ser considerada um vazio, enquanto compreendemos que o conhecimento que já temos deve ser trabalhado para a busca do que nos falta. Que essa inexatidão conceitual não seja tormento, mas objeto de estudo, acreditando no concurso dos bons Espíritos nessa exploração.

## 5 – DESAFIOS E ANTÍDOTOS

Os grandes obstáculos para a consagração da Escola da Evolução são:

- A ignorância sistemática: enquanto o homem não despertar para as questões de

suas essências – fruto do comodismo, do preconceito e da maldade que plantou em si mesmo – nunca encontrará rumo. Sem perguntas não há respostas. A ignorância produz o desalinhamento e o desregramento – vida sem rumo, sem propósito e sem ética –, estimulando o vazio existencial e formas rudes de relacionamentos – arrogância, violência, inconsequência, etc.

- **Religiosismo:** somos herdeiros de séculos de uma cultura religiosista, que por sua vez teve como berço o mito e o folclore. É preciso se desprender de um ensinamento tradicional programado para forjar consciências com um catecismo do tipo “tome isto!”, endossado por cerimoniais salvacionistas. O fanatismo espanta e agride. A paixão pelas coisas religiosas (inclusive pelo Espiritismo) atrasa a convergência fraterna.
- **Orgulho e vaidade:** dentro do campo da ignorância, preciso é destacar esses dois inimigos íntimos. O orgulhoso julga-se superior aos demais, justificando para si aquilo que lhe convém – mesmo em detrimento de outrem. Movido pelo orgulho, o vaidoso deseja ser reconhecido pelo valor que ele próprio dá a si mesmo, e, pela sua cegueira, busca a satisfação imediatista e irresponsável.

A contrapartida a esses bloqueios é:

- **Autodescobrimento:** encontro consigo mesmo, a partir dos questionamentos acerca da própria essência (quem sou, de onde venho...) e da abertura mental (desbloqueio da ignorância e dos preconceitos);
- **Racionalismo:** o desenvolvimento intelectual e equilíbrio dos pensamentos barram as paixões sistemáticas e o fanatismo, possibilitando que a razão promova o crescimento pessoal.
- **Caridade:** o mais sublime dos sentimentos, que nos norteia à fraternidade universal, nos unindo à plêiade de Espíritos Superiores. Sem caridade não há salvação.

## 6 – A NOVA ERA

John Lennon foi ridicularizado por muitos religiosos quando em sua obra-prima – “IMAGINE”, escolhida a canção do século XX – expôs a ideia de um mundo sem religião. Embora se declarasse ateu, o cantor e compositor é profético nessa música, em que cria um mundo fraterno e sem separatismo ideológicos (de raça, cor, crença, etc.). É a profecia da Nova Era, com o acréscimo da solidariedade espiritual – que Lennon supostamente não conheceu.

Espiritismo é um rótulo e como tal desaparecerá também, quando se tornar crença comum. Hoje se faz necessário nos rotularmos espíritas para fins de conceituação e arranjo. Porém, quando vier a convergência, não mais haverá razões para definições humanas, uma vez que estaremos inseridos na irmandade espiritual.

Até lá, é o rótulo que melhor caminha para a Escola da Evolução – tendência natural pela soma das vontades, materializadas no pensamento, fala e ação física –, cujo campo de atuação será tudo e somente aquilo que favoreça as consciências na aquisição de sua ascensão espiritual. Nem mesmo até este desígnio (Escola da Evolução) precisará ser usado.

***“A Caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará”.***

**Paulo** \ (I Coríntios, 13:8)

***“Os céus e as terras passarão, mas as minhas palavras não passarão”.***

**Jesus** \ (Mateus, 24:35)

# ANEXO

## Imagine

John Lennon

Imagine there's no heaven It's easy if you try No hell below us Above us only Sky	Imagine que não há paraíso É fácil se você tentar Nenhum inferno abaixo de nós Acima de nós apenas o céu
--	---

Imagine all the people Living for today	Imagine todas as pessoas Vivendo para o hoje
--	---

Imagine there's no countries It isn't hard to do Nothing to kill or die for And no religion too	Imagine não existir países Não é difícil de fazê-lo Nada pelo que matar ou morrer E nenhuma religião também
--	--

Imagine all the people Living life in peace	Imagine todas as pessoas Vivendo a vida em paz
--	---

You may say I'm a dreamer But I'm not the only one I hope some day You'll join us And the world will be as one	Você pode dizer Que eu sou um sonhador Mas eu não sou o único Espero que um dia Você se junte a nós E o mundo então será como um só
---	--

Imagine no possessions I wonder if you can No need for greed or hunger A brotherhood of man	Imagine não existir posses Me pergunto se você consegue Sem necessidade de ganância ou fome Uma irmandade de homens
--	--

Imagine all the people Sharing all the world	Imagine todas as pessoas Compartilhando todo o mundo
---	---

You may say I'm a dreamer But I'm not the only one I hope some day You'll join us And the world will live as one	Você pode dizer Que eu sou um sonhador Mas eu não sou o único Espero que um dia Você se juntará a nós E o mundo então viverá como um só
---	--

## A GERAÇÃO NOVA

*“Bem-aventurados os pacíficos, porque herdarão a Terra”.*

Jesus (Mateus, 5:5)

Para que na Terra sejam felizes os homens, é preciso que seja povoada somente por Espíritos bons – encarnados e desencarnados –, que somente se dediquem ao bem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verificará dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal – ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado – serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de se transformar por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

Muito menos, pois, se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas, quando declarava: “Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido”. Assim, decepcionados ficarão os que contem ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

A época atual é de transição; confundem-se os elementos das duas gerações. Colocados no ponto intermédio, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelos caracteres que lhes são peculiares.

Têm ideias e pontos de vista opostos as duas gerações que se sucedem. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo das disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento inato do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, pelo se negarem a reconhecer qualquer poder superior aos poderes humanos; a propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que se obstinam em não emendar-se; porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque o contacto com eles constituirá sempre um sofrimento para os homens de bem. Quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem óbices para o futuro melhor que lhes está reservado, mesmo neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperem que uma depuração mais completa lhes abra o acesso aos

mundos superiores.

Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, aí voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a casca é pior do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa daquela por que as viam quando em vida, conforme os múltiplos casos que conhecemos. Para isso, têm a auxiliá-los Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar quão falso era o caminho que seguiam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que entre mortos e vivos há perpétua solidariedade.

É muito simples o modo por que se opera a transformação, sendo, como se vê, todo ele de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

Sejam os que componham a nova geração Espíritos melhores, ou Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo. Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, segundo suas disposições naturais, os Espíritos encarnados formam duas categorias: de um lado, os retardatários, que partem; de outro, os progressistas, que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela das duas categorias que preponderar.

Uma comparação vulgar ainda melhor dará a compreender o que se passa nessa circunstância. Figuremos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens que a lei penal terá por vezes dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os achincalham e maltratam. Não é essa uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que esses homens são retirados um a um, dez a dez, cem a cem, do regimento e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem.

As grandes partidas coletivas, entretanto, não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às ideias novas.

Por estarem muitos, apesar de suas imperfeições, maduros para a transformação, é que muitos partem, a fim de apenas se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos bastará para lhes descerrar os olhos, por isso que aí veem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, conseqüentemente, voltar com ideias inatas de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão mudadas as coisas e experimentarão a influência do novo meio em que houverem nascido. Longe de se oporem às novas ideias, constituir-se-ão seus auxiliares.

A regeneração da Humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que voltam são outros Espíritos; são com frequência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando insulado e individual, esse melhoramento passa despercebido e nenhuma influência ostensiva alcança sobre o mundo. Muito outro é o efeito, quando a melhora se produz simultaneamente sobre grandes massas, porque, então, conforme as proporções que

assuma, numa geração, pode modificar profundamente as ideias de um povo ou de uma raça.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem corpos, não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar-se que em todas as épocas da História, às grandes crises sociais se seguiu uma era de progresso.

Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, visto que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, porquanto a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades carentes de compensação, sem resultados aproveitáveis, pois que, na opinião deles, os aludidos flagelos aniquilam os seres para sempre. Para aquele, porém, que sabe que a morte unicamente destrói o envoltório, tais flagelos não acarretam as mesmas consequências e não lhes causam o mínimo pavor; ele lhes compreende o objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, duma forma ou doutra, a isso não de todos sempre chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de quiméricas; mas, digam o que disserem, não fugirão à lei comum; cairão a seu turno, como os outros, e, então, que lhes acontecerá? Eles dizem: Nada! Viverão, no entanto, a despeito de si próprios e se verão, um dia, forçados a abrir os olhos.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XVIII, Itens 27 a 35).

